

JACQUELINE ORTELAN MAIA BOTASSINI

*A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná:
uma análise variacionista*

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Professora Doutora Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA
1998

A Sidinei Botassini,
incansável incentivador,
com amor.

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon - com quem aprendi a gostar da Sociolinguística - pela orientação, pelas discussões esclarecedoras, pelo vasto conhecimento que me permitiu amadurecer intelectualmente e, principalmente, por ter-me iniciado no caminho da pesquisa variacionista.

À Prof.^a Dr.^a Iara Bemquerer Costa pela maneira sempre disposta e gentil com que me atendeu e ajudou.

Ao CNPQ pela Bolsa de Estudos a mim concedida.

A Cássio David da Silva pela paciência em traduzir-me alguns textos.

Aos familiares e amigos pela confiança e pelo constante incentivo.

E, sobretudo, a Deus.

**A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná:
uma análise variacionista**

RESUMO

Atribui-se ao português a característica de língua que prescinde do uso do sujeito pronominal porque as desinências verbais são suficientemente marcadas para indicar o pronome sem que haja a necessidade de explicitá-lo. Entretanto, estudiosos voltados à análise desse tema têm demonstrado uma situação diversa em seus trabalhos, isto é, têm demonstrado que o português contemporâneo do Brasil tem preenchido cada vez mais a casa do sujeito. O presente estudo, fundamentado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, pretende examinar o uso dos pronomes-sujeito de 1.^a pessoa (*eu* e *nós*) na linguagem falada do Paraná, a fim de verificar: a) se também aqui está em curso a mudança de não-preenchimento para preenchimento do sujeito e b) se há fatores lingüísticos e extralingüísticos que estejam condicionando o uso ou não do sujeito pronominal. A investigação desses fatores poderá contribuir para mostrar se o fenômeno em estudo está em situação de variação estável ou de mudança em curso. A escolha dos pronomes *eu* e *nós* justifica-se por haver, nesses casos, um paradigma flexional bem marcado (exceção feita ao pronome *eu* em alguns tempos verbais) que, segundo a tradição gramatical, dispensa a explicitação do pronome-sujeito. Além disso, está-se lidando com a situação de entrevistas, solicitando que o informante fale a respeito de sua vida, o que viabiliza a utilização maciça de pronomes de 1.^a pessoa. A amostra deste trabalho - que depois de codificada é submetida às rodadas do programa VARBRUL - é composta de 24.181 dados, levantados a partir da fala de 96 informantes do Projeto VARSUL, distribuídos por sexo, faixa etária, grau de escolaridade e etnia.

**Pronominal subject ellipsis in the spoken language of the state of Paraná:
a variationist analysis**

ABSTRACT

Portuguese has been characterized as a language that dispenses with the pronominal subject because its verbal inflections are sufficiently marked to indicate the pronoun without any need of further elucidation. However experts analyzing this subject have demonstrated otherwise that contemporary Brazilian Portuguese has been progressively filling the subject case. The present thesis intends with the support of Variationist Sociolinguistic methodology to investigate the use of first person subject pronoun in the spoken language of the state of Paraná (Brazil), in order to verify: a) if in this state the changing from void subject case to fulfilled subject case is also in progress, and b) if there are linguistic or extralinguistic factors conditioning the use or not of the pronominal subject. Investigating these factors may contribute to show whether the phenomenon studied remains in a situation of stable variation or change of course. The first person pronouns (*eu, nós*) were chosen because in these cases the inflectional paradigm of the verb is well marked (with the exception of first person singular *eu*, in a few verb tenses) so that, according to the grammatical tradition, it dispenses with the explicitness of the subject pronoun. Furthermore, in the interviews, as the informant is asked to talk about his/her life a great amount of first-person sentences comes out. The sample of the present investigation - which, after being codified, is submitted to VARBRUL computer program - comprises 24.181 data collected from 96 informants of VARSUL Project distributed according to gender, age, education and ethnic situation.

SUMÁRIO

1. Introdução

| | |
|------------------------------------|----|
| 1.1. O problema | 01 |
| 1.2. Objetivos | 04 |
| 1.3. O modelo de análise | 05 |
| 1.4. Organização do trabalho | 07 |

2. Os pronomes pessoais

| | |
|---|----|
| 2.1. O conceito de pronome | 09 |
| 2.2. Os pronomes pessoais sujeito | 13 |
| 2.2.1. A categoria de pessoa | 18 |
| 2.2.2. O plural | 22 |
| 2.2.3. A elipse do sujeito pronominal | 25 |
| 2.3. Os trabalhos de variação | 29 |
| 2.4. Hipóteses | 43 |

3. Amostra e Metodologia

| | |
|--------------------------------------|----|
| 3.1. O <i>corpus</i> | 45 |
| 3.2. Os informantes | 47 |
| 3.3. Metodologia | 49 |
| 3.3.1. A seleção dos dados | 51 |
| 3.3.2. A codificação dos dados | 58 |

4. Análise dos dados

| | |
|---|----|
| 4.1. O pacote VARBRUL | 62 |
| 4.2. Os resultados | 64 |
| 4.2.1. Os fatores lingüísticos | 68 |
| 4.2.1.1. Tempo e modo verbal | 68 |
| 4.2.1.2. Tipo de oração | 82 |
| 4.2.2. Os fatores extralingüísticos | 89 |
| 4.2.2.1. Etnia | 89 |
| 4.2.2.2. Sexo | 90 |
| 4.2.2.3. Faixa etária | 92 |
| 4.2.2.4. Grau de escolaridade | 95 |

| | |
|--------------------|----|
| 5. Conclusão | 98 |
|--------------------|----|

| | |
|----------------------------------|-----|
| Referências Bibliográficas | 101 |
|----------------------------------|-----|

ÍNDICE DE TABELAS E DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------|---|----|
| Tabela 01 | Ocorrências do pronome <i>eu</i> em relação aos tempos e modos verbais..... | 72 |
| Gráfico 01 | Preenchimento do pronome <i>eu</i> em relação aos tempos e modos verbais..... | 78 |
| Tabela 02 | Ocorrências do pronome <i>nós</i> em relação aos tempos e modos verbais..... | 78 |
| Gráfico 02 | Preenchimento do pronome <i>nós</i> em relação aos tempos e modos verbais..... | 81 |
| Tabela 03 | Ocorrências do pronome <i>eu</i> em relação ao tipo de oração..... | 84 |
| Tabela 04 | Ocorrências do pronome <i>nós</i> em relação ao tipo de oração..... | 84 |
| Gráfico 03 | Preenchimento do pronome <i>eu</i> na variável independente tipo de oração..... | 88 |
| Gráfico 04 | Preenchimento do pronome <i>nós</i> na variável independente tipo de oração..... | 89 |
| Tabela 05 | Ocorrências dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> (rodadas separadas – IVARB) em relação à etnia..... | 89 |
| Tabela 06 | Ocorrências do pronome <i>eu</i> e <i>nós</i> (rodada conjunta – MVARB) em relação ao sexo..... | 90 |
| Gráfico 05 | Ocorrências dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> na variável independente Sexo..... | 91 |
| Gráfico 06 | Distribuição dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> na variável independente Sexo..... | 92 |
| Tabela 07 | Ocorrências dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> (rodada conjunta – MVARB) em relação à faixa etária..... | 93 |
| Gráfico 07a | Distribuição dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> na variável Faixa Etária..... | 93 |
| Gráfico 07b | Distribuição dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> na variável Faixa Etária..... | 94 |
| Tabela 08 | Ocorrências dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> (rodadas separadas – IVARB) em relação à faixa etária..... | 94 |
| Tabela 09 | Ocorrências dos pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i> (rodadas separadas – IVARB) em relação ao grau de escolaridade..... | 96 |

1. INTRODUÇÃO

1.1. O problema

Diversos trabalhos têm sido feitos a respeito das regras de um modelo padrão estabelecidas pela Gramática Tradicional (doravante GT) com o objetivo de demonstrar, debater, esclarecer e contrapor essas regras com o seu uso “real”, efetivo na língua. Em outras palavras, vários estudiosos têm procurado fazer uma descrição do português do Brasil (PB) a fim de demonstrar os impasses existentes entre **língua falada vs. língua escrita, norma padrão vs. normas sociais, homogeneidade da língua ensinada pela escola vs. heterogeneidade da língua na sociedade**, etc., revelando que a teoria que a GT expõe está, há muito, ultrapassada e desvinculada da realidade.

Essa problemática faz que o estudo da língua, em termos gramaticais, seja algo pesaroso e desinteressante, pois como pode alguém se interessar por estudo tão desvinculado da sua observação, da prática?

PERINI (1986) nos diz que os problemas da GT são três:

1.º) há **inconsistência teórica e falta de coerência interna**, ou seja, a teoria que a GT pretende sustentar, além de não encontrar respaldo na prática, acaba, muitas vezes, contradizendo-se;

2.º) a **GT tem caráter predominantemente normativo**, isto é, ela procura ditar, impor regras para o uso da língua, quando a gramática “ideal” deveria apenas descrever, apresentar esta língua, mostrando *o dialeto padrão como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras* (p.06);

3.º) a GT centra-se na variedade padrão da língua, excluindo as outras variantes; tomando, assim, o português do Brasil como se fosse simples e homogêneo.

Quanto a esta problemática, também MATTOS e SILVA (1989:12) assevera que a GT *estabelece regras de um predeterminado modelo ou padrão da língua, para aqueles que já dominam outras variantes dessa língua e também algumas regras daquela variante que é padrão.*

A variante padrão da língua corresponde a um modelo veiculado pelos gramáticos pedagogos que se esforçam por fixar a língua em um “estado de pureza” e que consideram “erro” o que não segue esse modelo, tradição esta alicerçada nos clássicos gregos e, conforme nos informa MATTOS e SILVA (1995:15), *não é mais do que a busca da manutenção de uma tradição que interessava aos alexandrinos preservar, de uma cultura erudita, representada nas ‘grandes obras’ de autores ilustres da civilização grega clássica do passado, cujos exemplos deveriam ser seguidos.*

Um dos exemplos de “inconsistência teórica” encontra-se no estudo dos **pronomes pessoais**. Muitos estudiosos discutem a legitimidade das observações que a GT faz a eles no que se refere à questão da “pessoalidade”, do “plural”, do uso/aplicações que eles têm, da questão de como são distribuídos, de quando podem ser omitidos ou não, entre outras coisas.

Quanto à questão da omissão, tradicionalmente se afirma que a língua portuguesa apresenta um paradigma flexional com desinências verbais capazes de indicar o pronome-sujeito sem que haja a necessidade de explicitá-lo (BECHARA, 1985:253; CUESTA e LUZ, 1983:481; CUNHA e CINTRA, 1985:275; ...) ou, segundo a visão da Gramática Gerativa, sustenta-se que o português é uma língua de **sujeito nulo**¹ (LOBATO, 1986:433; ROBERTS,

¹ **Sujeito nulo** é a expressão gerativista para a ausência do pronome-sujeito.

1993:412; ...). Assim, ressalta-se que a explicitação do pronome só ocorre por motivos como dar ênfase, evitar ambigüidades, opor as pessoas gramaticais (ALMEIDA, 1988:175; CUNHA e CINTRA, 1985: 275; LAPA, 1982:113; ...).

Entretanto, autores como LIRA (1988), DUARTE (1993), MONTEIRO (1994), MENON (1994 e 1996), entre outros, trabalhando com diferentes *corpora*, têm demonstrado uma situação diversa em seus estudos, isto é, têm demonstrado que o português do Brasil vem preenchendo cada vez mais a casa do sujeito e por motivos que, na maioria das vezes, não coincidem com os expostos acima.

O propósito central deste trabalho é examinar a situação do português falado no Paraná acerca da **elipse do pronome-sujeito**, isto é, verificar em que situações o falante paranaense faz uso desses pronomes e quando os omite, para podermos concluir, assim, até que ponto é legítimo caracterizar o português falado do Brasil como língua que prescinde do uso do pronome-sujeito.

Para tanto, analisaremos um *corpus* constituído de 24.181 dados, levantados a partir de 96 entrevistas do projeto VARSUL (um projeto que pesquisa a Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), referentes ao estado do Paraná.

É importante destacar que, nesta pesquisa, não serão trabalhados todos os pronomes-sujeito, mas apenas os de primeira pessoa do singular e do plural: *eu* e *nós*. Tal escolha justifica-se por haver, nestes casos, um paradigma flexional bem marcado (exceção feita ao pronome *eu* em alguns tempos verbais) que, segundo a tradição gramatical, dispensa o uso do pronome-sujeito. Portanto, se ainda resiste a afirmação de que o português é uma língua de sujeito nulo, será na observação dos pronomes de 1.^a pessoa que poderemos constatar-la com maior evidência. Além disso, estamos trabalhando com a

situação de entrevistas, solicitando que o informante fale a respeito de sua vida, o que viabiliza a utilização elevada destes pronomes.

Aliás, uma das críticas que se faz ao variacionismo sintático é que normalmente este não oferece um número suficiente de dados para sustentar uma hipótese:

É fato muito conhecido que a grande maioria dos estudos variacionistas se desenvolveram no campo da fonologia e não no da sintaxe. Isto é certo não somente no que diz respeito ao espanhol, senão também para o inglês, o alemão, etc. O porquê desta preferência é óbvio: primeiro, porque as análises empíricas necessitam grandes quantidades de dados, e estes se conseguem muito mais facilmente quando se trata de sons/fonemas do que quando se trata de construções sintáticas. (BENTIVOGLIO, 1987:08)

Todavia o número de dados de que dispomos para a presente análise é bastante expressivo: 24.181; o que nos permite fazer considerações e levantar hipóteses com uma certa segurança.

1.2. Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é examinar a situação do português falado no Paraná em relação ao preenchimento do sujeito pronominal. Além disso, interessa-nos, também:

a) verificar se há **fatores lingüísticos (tipo de oração e tempos e modos verbais,)** e **extralingüísticos (grau de escolaridade, sexo, faixa etária e etnia)** condicionadores de uso ou não do sujeito pronominal;

b) confrontar os resultados deste trabalho com os dados dos trabalhos de MENON (1994 e 1996) com falantes cultos, a fim de (i) testar o efeito de escolaridade, dado o fato de se estar lidando com informantes que possuem níveis de escolaridade distintos (MENON trabalhou com informantes do NURC-SP – Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo – portadores de curso superior completo e, no presente estudo, trabalharemos com informantes do VARSUL, os quais têm graus de escolaridade que vão do primário ao

segundo grau) e (ii) comparar os resultados dos trabalhos sob o ponto de vista histórico, visto que os dados do NURC-SP e do VARSUL foram coletados em épocas diferentes: o primeiro de 1971 a 1976 e o segundo de 1990 a 1995, verificando-se, assim, se houve alteração significativa de uma época para outra.

Devemos deixar claro que os dados de nosso trabalho e dos trabalhos de MENON não correspondem à mesma região; portanto, reconhecemos que estes não poderão demonstrar uma realidade absoluta, mas apenas parcial do "efeito escolaridade" e "modificações sob o ponto de vista histórico"; o fato é que não há estudo semelhante ao de MENON com dados do Paraná.

1.3. O modelo de análise

O modelo de análise que será adotado, neste estudo, é o da "Sociolinguística Variacionista", cujo iniciador foi William Labov. Conforme nos informa TARALLO (1986:07), esse modelo *apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo*, o qual prega que o objeto dos estudos lingüísticos deve ser a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea.

Todavia, para a Sociolinguística, a língua falada é um sistema heterogêneo, o qual se relaciona com as variáveis sociais (**sexo, faixa etária, grau de escolaridade, ...**) e que evolui. LABOV (1974:50) relata que uma das questões para a qual os lingüistas ainda não encontraram uma resposta é *o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam*. Parte da resposta, diz ele, *pode ser encontrada através do exame minucioso das mudanças contemporâneas que se processam na comunidade de fala*.

LABOV (1974:63) entende uma comunidade de fala como um grupo de pessoas que, apesar de compartilharem um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, não falam do mesmo modo. Ao contrário,

nas comunidades de fala, freqüentemente encontram-se formas lingüísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e concorrência (quando duas formas concorrem). E este é, justamente, o objeto de estudo da Sociolingüística:

A Sociolingüística focaliza como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada. Ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível. Isso corresponde a dizer que a aleatoriedade nos empregos de formas lingüísticas está fora de cogitação. (MOLLICA, 1992:13)

As formas em variação recebem o nome de “variantes lingüísticas”. TARALLO (1986:8) expõe que *variantes lingüísticas são ... diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.*

Existem variáveis lingüísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; neste trabalho, por exemplo, é a **aplicação da regra de preenchimento do sujeito pronominal** e as variantes são as formas que estão em “competição” na representação da presença ou da ausência dos pronomes-sujeito de 1.^a pessoa: **presença de eu (eu), ausência de eu (ϕ), presença de nós (nós), ausência de nós (ϕ).**

O uso de uma ou de outra variante pode ser influenciado por fatores que podem favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra de preenchimento do pronome-sujeito. Tais fatores, que podem ser internos ou externos ao sistema lingüístico, constituem as variáveis independentes. Em nosso caso, serão observados os fatores internos (também classificados como estruturais ou lingüísticos) **tempo/modo verbal** e **tipo de oração** e os fatores externos (sociais ou extralingüísticos) **sexo, faixa etária, grau de escolaridade e etnia.**²

² Sobre as variáveis independentes faremos maiores esclarecimentos no capítulo 3.

O problema central com que a Teoria da Variação se preocupa, segundo NARO (1992:18), é *como isolar e medir separadamente o efeito de um fator ... quando tal fator nunca se apresenta isoladamente nos dados*, isto é, há uma conjugação de fatores que atuam simultaneamente para que uma ou outra variante se realize. Para resolver esse problema, foram propostos modelos matemáticos³ que pudessem prover à teoria de um instrumento capaz de dar tratamento estatístico adequado aos dados lingüísticos variáveis, para permitir detectar os elementos (sejam eles lingüísticos ou extralingüísticos) que condicionam a ocorrência de um fenômeno.

Por tudo que foi exposto e, principalmente, por ser possível dar um tratamento quantitativo adequado aos dados, acreditamos que a análise variacionista será satisfatória para alcançarmos os objetivos expostos.

A seguir, faremos uma breve exposição a respeito dos demais capítulos que compõem o presente trabalho.

1.4. Organização do trabalho

No segundo capítulo, abordamos, brevemente, algumas discussões que têm sido levantadas no estudo dos pronomes (não na tentativa de solucionar os problemas que elas revelam, mas de mostrar alguns dos questionamentos que se fazem em torno desse tema), a começar pelo problema da conceituação que se dá a eles, passando aos problemas relativos à tradicional classificação dos pronomes pessoais sujeito, que exclui as formas *você(s)* e *a gente* como pronomes pessoais, respectivamente, de 2.^a e de 1.^a pessoa, e que, entretanto, continua a incluir o pronome *vós*, apesar de este não ser mais usado. Em

³ Em 1969, foi proposto por LABOV o modelo aditivo, que trabalhava com freqüências; em 1974, CEDERGREN e SANKOFF apresentaram um modelo probabilístico, que substituiu as freqüências por probabilidades; em 1978, ROUSSEAU e SANKOFF introduziram o modelo logístico, o qual é uma síntese dos modelos anteriores e é, atualmente, o mais usado na sociolingüística quantitativa. (Conforme NARO, 1992: 20-24)

seguida, comentamos algumas observações que são feitas sobre a categoria de pessoa e de número. Chegamos, então, à questão da *elipse do sujeito pronominal*, apresentando, primeiramente, o conceito de *elipse*; expondo, depois, as considerações que são feitas a respeito desse assunto. O capítulo é finalizado com a apresentação de alguns trabalhos de variação que tratam do tema da “elipse pronominal” e que têm demonstrado resultados que apontam para um preenchimento cada vez maior da casa do sujeito. Assim, procuramos dar uma noção do que já se produziu a esse respeito, mostrando de onde partimos para orientar nosso estudo e para a formulação de nossas hipóteses.

No capítulo três, apresentamos o *corpus* que compõe o trabalho, dando explicações sobre o projeto VARSUL, mostrando como foram obtidos os dados e como estão transcritas as entrevistas; a seguir, oferecemos informações sobre os informantes, indicando quais foram os critérios para serem selecionados. Depois, exibimos a metodologia adotada, fazendo uma exposição dos elementos que constituem as variáveis lingüísticas deste trabalho, postulando os fatores que acreditamos exercer influência no condicionamento da variável dependente; por último, damos esclarecimentos sobre como procedemos ao levantamento e à seleção dos dados, explicitando as ocorrências que foram desconsideradas e a maneira como os dados foram codificados para receberem tratamento estatístico adequado.

O quarto capítulo é iniciado com um breve esclarecimento sobre o programa VARBRUL, seguido das análises quantitativa e qualitativa dos dados.

Finalmente, a partir dos resultados obtidos na análise dos dados, apresentamos as conclusões a que pudemos chegar.

2. OS PRONOMES PESSOAIS

2.1. O conceito de pronome

Tradicionalmente, o pronome é considerado “o elemento que substitui o nome (substantivo)” (ALMEIDA, 1988:170; FREIRE, 1959:36; SACCONI, 1986:87; entre outros).

Tal conceituação, parcialmente equivocada, está vinculada à etimologia da palavra **pronome**, do latim PRONOMEN, formada pela junção da preposição PRO mais o substantivo NOMEN – “em lugar do nome”. Sabe-se que os pronomes, de fato, em muitas circunstâncias, atuam como substitutos (função *anafórica*); entretanto, tal função não é única. Há casos em que eles são utilizados para indicar, para apontar (função *dêitica*), conforme respaldam as palavras de CÂMARA JR. (1979:89):

Toda língua possui um sistema de formas, destinadas a situar os elementos do mundo bio-social, que interessam à expressão lingüística, no quadro de um ato de comunicação. Em vez de serem representados por formas lingüísticas que os evoquem e simbolizem de acordo com o conceito que tem de cada um deles a comunidade falante, como sucede nas formas nominais e nas formas verbais, eles passam a ser indicados pela posição que ocupam no momento de uma mensagem lingüística. Essas formas, assim meramente indicativas, ou dêiticas em sentido amplo, são os pronomes.

Esse duplo aspecto funcional dos pronomes (*anafórico e dêitico*) parece ter sido bem percebido por RIBEIRO (1955:314), o qual comenta:

Quando se diz: *Pedro estuda muito; tu, Antonio, não trabalhas; ele faz progresso; tu não te adiantas*, o pronome *ele* da terceira proposição pode perfeitamente substituir o nome *Pedro* da primeira; mas já não passa o mesmo com referência ao pronome *tu* da segunda e quarta; esse não é meramente um substituto do substantivo *Antonio*, mas tem por função principal denotar que *Antonio* é a pessoa a quem me dirijo.

Do mesmo modo nas proposições: *Eu, Eduardo, estudo e tu, Emilio, não trabalhas*, os pronomes *eu* e *tu* não têm por fim unicamente substituir os nomes *Eduardo* e *Emilio*; têm sim por objeto indicar principalmente que *Eduardo* fala e se dirige a *Emilio*.⁴

4

Grifo acrescentado.

Observando os exemplos de RIBEIRO, podemos constatar que há diferença no uso dos pronomes de 1.^a e 2.^a pessoas em relação aos de 3.^a. Aqueles são essencialmente dêiticos; estes são anafóricos.

CARVALHO (1991:189) também faz essa diferenciação, dizendo que *eu* e *tu* são “indicadores” de uma situação extralingüística ou extratextual e que *ele* é “substituto” de elementos explícitos ou implícitos num texto, isto é, dentro de um contexto lingüístico, numa situação intratextual.

Outra característica que distingue os pronomes de primeira e segunda pessoas dos de terceira é a questão da diferença da natureza, da função desses pronomes.

LYONS (1979:292) comenta que os pronomes de primeira e segunda pessoas⁵ necessariamente se referem a seres humanos, destacando que nas fábulas, nos contos de fada, quando os animais e as coisas fazem uso desses pronomes, fazem-no porque estão lingüisticamente “personificados”; já os pronomes de terceira pessoa comportam não só seres humanos, mas também animais, coisas e objetos, como nos seguintes enunciados:

- (01) “A lei que proíbe a cópia de programas de computador tem a mesma inspiração da lei de patentes, que proíbe a cópia de remédios, por exemplo. **Ela** serve para proteger o inventor, ...” (Revista Veja, 11/97, p.114)
- (02) “... todas essas máquinas incorporam uma profusão de itens multimídia e de comunicação. **Elas** possuem drive de CD-ROM de óctupla ou sêxtupla velocidade, ...” (Revista Exame Informática, 12/97, p.82)
- (03) “A jubarte é uma baleia que mede até 15 metros de comprimento. **Ela** chega a pesar 45 toneladas.” (Superinteressante, 08/95, p.34)

Desse pensamento compartilha, também, PRADELINO ROSA (1970), dizendo que a terceira pessoa é a única que pode funcionar como

⁵ É importante esclarecer que o termo “pessoa” não é usado aqui no sentido de “pessoa humana”. Na verdade, trata-se de um termo técnico, usado em decorrência da falta de expressão mais apropriada. Tal termo – do latim *persona* – tinha como sentido próprio “máscara de teatro”; daí, por extensão, o seu uso como “papel”, “carga”, “função”, conforme informa FARIA (1982:407).

inanimada, enquanto a primeira e a segunda pessoa representam seres vivos em comunicação:

Ele pode ser o rei, o cão, o pó. Tu é sempre concebido como um ser vivo diante de mim. Tanto que tratar um ser inanimado como ouvinte é transpor a ordem natural das coisas e trazê-lo para a classe dos seres vivos, humanizando-o para entrar em diálogo com o falante. Então já estaremos no mundo da ficção e da poesia... (p.121)

Reportemo-nos, ainda, à questão da função substitutiva dos pronomes. Embora os pronomes *eu* e *tu* não tenham valor substitutivo propriamente dito, são considerados por muitos gramáticos como pronomes substantivos, classificação dada aos pronomes que substituem o substantivo. MONTEIRO (1994:31) destaca que Hockett chega a afirmar que *eu está no lugar de um substantivo próprio que muda conforme o caso*.

Se voltarmos aos exemplos de RIBEIRO, veremos que o pronome *eu* pode vir junto de um substantivo próprio (*Eu, Eduardo, estudo...*); se eles podem vir juntos, parece inadmissível dizer que um substitui o outro. Na verdade, quem diz *eu* é como se se apontasse, mostrando *eu*. Isto é, esta pessoa que está aqui e que fala neste momento.

O pronome *eu* pode ser assumido por todo e qualquer falante, quando este faz referência a si próprio. Isto é possível porque – como informa BENVENISTE (1976) – *eu* é um “signo móvel”, no sentido de que muda de um para outro locutor quando estes assumem a situação de fala e se indicam como a 1.^a pessoa do discurso.

Percebemos pelo exposto que sempre que se pondera sobre o valor substitutivo dos pronomes faz-se isto relacionando-os com o substantivo; porém importa destacarmos que nem sempre eles o substituem. Há situações em que alguns pronomes podem substituir, por exemplo, uma oração inteira, um verbo; razão pela qual, salienta MONTEIRO (1994:29), alguns autores julgam correto falar em pro-verbos, pro-sentenças.

- (04) Todos abandonaram a pobre moça, conforme eu o presumira.
(pronome o substituindo a frase anterior)
- (05) Não gostaria de partir; faço isso por necessidade.⁶ (pronome isso substituindo o verbo partir)

Outro ponto que se discute quanto ao inconveniente de se atribuir aos pronomes a função de substituto do substantivo é que, nesse caso, será preciso incluir, entre eles, outras palavras as quais também apresentam essa característica substitutiva, como, por exemplo, os advérbios e os numerais.

- (06) Morei muitos anos em Cuiabá. Lá é muito quente.
- (07) Paulo e Pedro são irmãos. Os dois nunca brigaram.

Assim, parece não existir uma conceituação de pronome que se adeqüe a todas as circunstâncias e que possa resolver todos os questionamentos que esse assunto levanta. A discussão não é recente, nem são poucos os estudos sobre o tema. MONTEIRO (1994) assevera que desde a cultura greco-romana os pronomes são alvo de freqüentes reflexões e equívocos, alguns dos quais ele aponta em seu trabalho. A análise dessas reflexões, com as quais ora concorda ora discorda, levou-o a concluir:

... refletindo bem, julgamos ser inviável a esta altura propor uma nova designação ou tentar uma sistematização mais adequada. É incoerente sem dúvida colocar na mesma classe vocábulos como *eu e ele*, desde que ambos possuem funções e traços morfossintáticos inteiramente diversos. O dilema então se cria: ou se reorganiza tudo à luz de critérios mais lúcidos ou se busca aproveitar o que já está feito, chamando a atenção para as falhas de interpretação.

Esta segunda atitude parece-nos a preferível, até por uma questão de não se tornar desnecessariamente complicada ou confusa a descrição gramatical, mediante o uso de conceitos e terminologias não muito divulgadas, que ficaram restritas a poucos estudiosos. O que permaneceu, e dificilmente será mudado, foi o termo pronome. Agora, a definição etimológica tem que ser parcialmente desprezada em favor de uma reflexão mais aprofundada sobre a verdadeira natureza, isto é, sobre o significado e as funções que esse tipo de vocábulo exerce no enunciado. (MONTEIRO, p.32)

⁶ Na verdade, neste exemplo, a substituição se processa em conjunto com o verbo fazer, o que se percebe se trocarmos “faço isso” pelo verbo “partir”: *Não gostaria de partir, parto por necessidade.*

Tradicionalmente, os pronomes são classificados em **personais, possessivos, demonstrativos, interrogativos, indefinidos e relativos**. Ater-nos-emos aos pronomes pessoais, mais especificamente aos pronomes pessoais retos, os quais nos interessam neste estudo, pois são eles que desempenham, sintaticamente falando, a função de sujeito.

2.2. Os pronomes pessoais sujeito

Em Latim, a indicação dos pronomes era feita partindo-se da relação que se organiza entre o falante e o ouvinte no ato de comunicação. Assim, existiam formas específicas para indicar a 1.^a pessoa (falante):

| CASO | SINGULAR | PLURAL |
|------------|-------------------------------------|---|
| Nominativo | <i>Ego</i> (eu) | <i>Nos</i> (nós) |
| Genitivo | <i>Mei</i> (de mim) | <i>Nostrum</i> ou <i>nostrum</i> (de nós) |
| Dativo | <i>Mihi</i> (a mim ou para mim, me) | <i>Nobis</i> (a nós ou para nós, nos) |
| Ablativo | <i>Me</i> (por mim) | <i>Nobis</i> (por nós) |
| Acusativo | <i>Me</i> (me) | <i>Nos</i> (nos) |

e para a 2.^a pessoa (ouvinte):

| CASO | SINGULAR | PLURAL |
|------------|-----------------------------------|--|
| Nominativo | <i>Tu</i> (tu) | <i>Vos</i> (vós) |
| Vocativo | <i>Tu</i> (tu) | <i>Vos</i> (vós) |
| Genitivo | <i>Tui</i> (de ti) | <i>Vestrum</i> ou <i>vestri</i> (de vós) |
| Dativo | <i>Tibi</i> (a ti ou para ti, te) | <i>Vobis</i> (a vós ou para vós, vos) |
| Ablativo | <i>Te</i> (por ti) | <i>Vobis</i> (por vós) |
| Acusativo | <i>Te</i> (te) | <i>Vos</i> (vos) |

Mas não havia, em latim, pronome pessoal de 3.^a pessoa. Para suprir a falta de uma forma que indicasse os elementos exteriores ao falante e ao ouvinte, utilizava-se um sistema de demonstrativos:

Hic, haec, hoc, este, esta, isto
Iste, ista, istud, esse, essa, isso
Ille, illa, illud, aquele, aquela, aquilo
Ipsa, ipsa, ipsum, ele mesmo, ela mesma, o próprio, etc.
Is, ea, id, este, esta, isto, esse, ... aquele, ... o, a, ... (ele, ela)
Idem, eadem, idem, o mesmo, etc. (FREIRE, 1959:38-40)

Na passagem do latim para o português, acrescentou-se, à lista de pronomes pessoais, a 3.^a pessoa, representada pela antiga forma demonstrativa *ille* que deixou de ter a função dêitica que outrora apresentava, conforme atesta CÂMARA JR. (1979):

Em português, como nas demais línguas românicas, o sistema de pronomes pessoais se ampliou com a emergência de uma série de 3.^a pessoa. O processo geral foi reservar para essa função um dos pronomes demonstrativos, esvaziados da sua significação dêitica. Ao pronome *ille* coube, desde a fase imperial de latim vulgar, esse novo papel (...)

A diferença fundamental entre port. *ele* e lat. *ille*, em função de sujeito, por exemplo, é justamente que *ille*, como genuíno demonstrativo, podia se reportar diretamente ao mundo bio-social que envolvia a comunicação lingüística: *ille* (“aquele que vês ali”, e não – “ele”) *currit*. (p.92-93)

Todas as alterações e os acréscimos sofridos por esse antigo sistema pronominal resultaram, em português, no seguinte quadro de **pronomes pessoais sujeito**, encontrado quase invariavelmente nas GTs:

| PESSOA | PRONOME SUJEITO |
|--------------------------|-----------------|
| 1. ^a singular | Eu |
| 2. ^a singular | Tu |
| 3. ^a singular | Ele, ela |
| 1. ^a plural | Nós |
| 2. ^a plural | Vós |
| 3. ^a plural | Eles, elas |

Entretanto, pesquisadores como FARACO (1982), FREITAS (1991b), MONTEIRO (1994) e MENON (1995a), em estudos sobre o sistema pronominal do português do Brasil, afirmam que, em consequência das diversas mudanças ocorridas na língua, este quadro não mais representa a realidade.

Um dos problemas centra-se na 2.^a pessoa. No português do Brasil, a insistência na apresentação dos pronomes *tu* e *vós*, como sujeitos de 2.^a pessoa, e a não inclusão da forma *você(s)*, nesta mesma situação, é um equívoco. Sabemos que o pronome *vós* há muito deixou de ser usado e isto não só no Brasil. MENON (1995a:95), citando FARACO, comenta que *quando o Brasil começou a ser colonizado, em Portugal já estava avançado o processo*

de arcaização do vós. Nos raros casos em que ainda subsiste este pronome, depende quase sempre de uma situação altamente formal; SAID ALI (1966:94) ressalta que o pronome *vós* conserva-se apenas nas preces, no estilo oratório, na poesia, no estilo oficial.

O pronome *tu*, embora de uso pouco freqüente no Brasil, pode ser encontrado em algumas áreas restritas, ainda não bem delimitadas. Em seu lugar, usa-se o pronome *você*.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (CUNHA e CINTRA, p.284)

Embora CUNHA e CINTRA reconheçam que o pronome *você* tem uso mais freqüente no Brasil do que o *tu*, insistem em apresentar o tradicional paradigma de pronomes pessoais em que *você* não se inclui. Percebemos, então, que mesmo gramáticos bem conceituados continuam a expor a tão arraigada tradição normativa, sem ousar desafía-la. Em consequência, continuamos a ter de assimilar estruturas que já não são mais empregadas na fala corrente, estruturas que estão cristalizadas na GT e que são as ensinadas na escola; reduzindo o ensino de Língua Portuguesa a um ensino de teorias gramaticais carregadas de pormenores supérfluos e de regras superadas por novos usos.

FREITAS (1991b), em estudo que investigou a distribuição geográfica da preferência, pelo falante culto, dos pronomes pessoais sujeito *tu* / *você* e *nós* / *a gente*, selecionou dez informantes das cinco cidades integrantes do projeto NURC⁷ (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), verificando as formas implícitas e explícitas desses pronomes e constatou para o pronome *tu* que, excetuando-se a cidade de Porto Alegre, onde

⁷ O projeto NURC (Norma Lingüística Urbana Culta) existe desde a década de 70 e visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral, adotados pelo estrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior, em cinco cidades brasileiras - Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

esta forma pronominal aparece quase exclusivamente, nas demais cidades houve uso predominante da forma *você*:

A forma pronominal *tu*, explícita, não foi documentada nos informantes de Recife, Salvador, Rio e São Paulo, tendo tido, entretanto, ocorrência quase absoluta nos dois informantes de Porto Alegre. Em Salvador ela não se registra sequer implícita.

Quanto a *você*, à exceção de Porto Alegre, é forma que predomina nas outras quatro cidades, sendo exclusiva em Salvador. (FREITAS, p.134)

Segundo alguns autores (BECHARA, 1985:96; LUFT, 1979:116; SAID ALI, 1966:93), os pronomes *você / vocês* (em lugar de *tu* e *vós*) indicam o ouvinte ou ouvintes a quem se dirige o falante (portanto, segunda pessoa), entretanto requerem o verbo na terceira pessoa. Relatam que essa concordância se explica diacronicamente pela origem da palavra *você* (*Você* < *Vossa Mercê*). Daí a justificativa para que se considerem esses pronomes como segunda pessoa indireta, afirmando que quem fala não se dirige diretamente ao interlocutor (*tu / vós*), mas a uma qualidade ou atributo dessa pessoa (à *mercê* existente nessa pessoa).

Não concordamos com esse ponto de vista, pois entendemos que os pronomes *você / vocês* são a segunda pessoa direta; assim, parece-nos mais coerente atentarmos para a colocação que MENON faz desse assunto.

MENON (1995a) diz que *Vossa Mercê*, por equivaler a uma locução nominal substantiva (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo), empregava o verbo na 3.^a pessoa. Porém, durante o processo de modificação fonética e de valor social⁸ (que resultou na forma *você*), a expressão se “pronominalizou”, mudando de categoria de **nome** para **pronome**. MENON não concorda com a afirmação de que *VOCÊ* é pronome de 2.^a pessoa com verbo em 3.^a; para ela, esta afirmação contraria a regra geral de concordância verbal a qual determina que o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, e justifica:

⁸ Maiores detalhes sobre este aspecto, consultar FARACO (1982). Também MENON(1995a), MONTEIRO (1994) e SAID ALI (1966) referenciados na bibliografia.

O que a língua portuguesa passa a ter, em função da modificação do PSUJ⁹, é uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas (uma continua a ter o morfema tradicional, por exemplo: *-s*, para o presente do indicativo, e a outra apresenta um morfema ϕ de pessoa), segundo o pronome pessoal que o falante utiliza. Assim, num dialeto em que os falantes usam consistentemente a forma *tu* é de se esperar que a forma verbal seja produzida com o morfema tradicionalmente atribuído à 2.^a pessoa do singular. Paralelamente, um falante de um dialeto que emprega de maneira consistente o pronome *você* utilizará a forma verbal portadora do morfema ϕ . E são essas duas formas que coexistem hoje, para a expressão da segunda pessoa. (p.97)

Outro problema existente no tradicional quadro de pronomes-sujeito do português do Brasil é o não reconhecimento da expressão *a gente* como forma pronominal. Nos livros didáticos, as referências que se fazem a respeito dessa expressão normalmente estão no capítulo dedicado ao substantivo, mais especificamente quando se fala dos coletivos, ou no capítulo destinado à concordância, quando se aborda a questão da silepse de número. No capítulo referente aos pronomes, os raros comentários sobre esta expressão aparecem na forma de notas ou de observações à parte.

FREITAS (1991b), examinando cinco livros didáticos de Português da 5.^a à 8.^a série, relata que, apesar de a forma *a gente* se fazer presente nos textos literários que integram esses livros, eles a excluem do quadro dos pronomes pessoais.

Se o uso da forma *você*, no português do Brasil, restringiu amplamente o uso da forma *tu*, o mesmo não se dá na alternância entre *a gente* e *nós*; há entre estas formas pronominais concorrência e coocorrência. A escolha por uma ou outra parece estar condicionada – entre outros fatores – à situação de elocução (formal ou informal) e à faixa etária.

ALBÁN e FREITAS (1991), em estudo sobre a alternância de *nós* e *a gente*, analisaram três inquéritos do projeto NURC do tipo diálogo entre dois informantes (D2) e puderam constatar que, nesta situação mais informal, os

⁹ Pronomes pessoais sujeito.

informantes de faixa etária mais jovem tendem a usar mais *a gente*; enquanto os mais velhos preferem a forma *nós*, embora também esteja crescendo nesta faixa etária o uso de *a gente*:

... a preferência expressiva do uso de a gente pelos locutores F1¹⁰ e a preferência crescente por essa forma, desenvolvida pelos locutores F3 no transcurso dos diálogos, demonstram a vitalidade do uso em diálogos informais de a gente como forma pronominal no português do Brasil, ainda não devidamente incorporada a dicionários e gramáticas. (p.86)

FREITAS (1991a), em outro estudo sobre o uso de *nós* e *a gente*, trabalhando com elocuições formais (gravação de aulas e de conferências), verificou a preferência pela forma *nós*, como já era esperado, visto tratar-se de situação de grande formalidade, caso em que as pessoas acabam se “policiando”, evitando o uso de *a gente* que ainda é vista preconceituosamente por alguns como forma “inculta”.

Do pouco que expusemos, já fica evidente que o tradicional quadro dos pronomes pessoais sujeito não mais traduz o que efetivamente está em uso no português do Brasil. Então, um quadro mais coerente deveria trazer os seguintes pronomes na função de sujeito: *eu, tu, você, ele, ela, nós, a gente, vocês, eles, elas*.

Passemos, agora, a abordar algumas questões fundamentais no estudo dos pronomes pessoais sujeito que têm suscitado discussões em decorrência de pontos de vista distintos: a “pessoalidade”, o “plural” e a “elipse”.

2.2.1. A categoria de pessoa

Pode-se tratar a questão da categoria de “pessoa” sob dois pontos de vista: um que a considera como “pessoa gramatical” e outro que a entende

¹⁰ F1 significa que o informante é da 1.ª faixa etária, F3 indica a 3.ª faixa etária. Os informantes do projeto NURC estão dispostos em três faixas etárias, a saber: primeira faixa etária, indivíduos de 25 a 35 anos; segunda, 36 a 55 e terceira, a partir de 56 anos.

como “pessoa do discurso”.

A primeira noção, a qual é a adotada neste estudo, trata “pessoa” num nível puramente gramatical, que é o das relações entre a pessoa pronominal do sujeito e uma marca verbal que se relaciona com ela. Segundo CÂMARA JR. (1991:84), esta é uma das noções gramaticais que distingue os pronomes dos nomes:

O que distingue, porém, os pronomes, de maneira geral, são 3 noções gramaticais que neles se encontram e nos nomes não aparecem.

Uma é a noção de pessoa gramatical. Assim se situa a referência do pronome no âmbito do falante (1.^a pessoa), no do ouvinte (2.^a pessoa) ou fora da alçada dos dois interlocutores (3.^a pessoa). O número, sem morfema flexional privativo seu, se integra nessa noção de pessoa gramatical. Em português, o falante pode assinalar que está associado a si outra ou outras pessoas (1.^a pessoa do plural ou 4.^a pessoa), ou que está se dirigindo a mais de um ouvinte (2.^a pessoa do plural ou 5.^a pessoa), ou que a referência à 3.^a pessoa do plural (ou 6.^a pessoa). É esta noção de pessoa gramatical que caracteriza os pronomes ditos por isso mesmo “pessoais”, ...

Mais adiante, CÂMARA JR. pondera que a noção de pessoa gramatical não se realiza por meio de flexão, mas sim lexicalmente, através de diferentes vocábulos (*eu, tu, ele, ...*). Portanto, o morfema flexional de número e pessoa não é propriamente verbal; na verdade, trata-se de um morfema que marca, na forma verbal, a pessoa pronominal do sujeito.

A segunda visão trabalha em um nível discursivo-pragmático, entendendo “pessoa” como aquela que participa do ato discursivo. De acordo com essa visão, não se podem relacionar igualmente os pronomes de 1.^a e de 2.^a pessoas com os de 3.^a, porque as ligações que se estabelecem entre eles são bastante distintas.

BENVENISTE (1976) diz que, contrariamente ao que faria crer a terminologia tradicional¹¹, as três pessoas não são homogêneas e a inclusão

¹¹ A terminologia tradicional à qual BENVENISTE se refere é a que se pode encontrar em várias GTs como, por exemplo, na de INFANTE (1996, p.288): *Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes "eu" ou "nós", usam-se os pronomes "tu", "vós", "você" ou "vocês" para designar a quem se dirige e "ele", "ela", "eles" ou "elas" para fazer referência a pessoa ou pessoas de quem fala.*

comum de *eu*, *tu* e *ele* como pronomes pessoais elimina justamente a idéia de “pessoa”. Para ele, a “categoria de pessoa” só abrange os participantes do ato comunicativo. Primordialmente, apenas aos pronomes de 1.^a e 2.^a pessoa cabe esta noção: 1.^a pessoa = quem fala (emissor); 2.^a pessoa = com quem se fala (receptor). A 3.^a pessoa não se refere às pessoas do discurso propriamente ditas, mas sim ao assunto; ela representa o mundo objetivo, substituindo o nome do ser de que se fala; é por isso chamada de a “não-pessoa”.

Salienta BENVENISTE (1976), ainda, as relações distintas que existem entre 1.^a e 2.^a pessoas e 3.^a :

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre esta pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o "eu": dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, "tu" é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do "eu"; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de "tu". Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do "eu-tu"; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual "eu" e "tu" se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como "pessoa". (p.250)

Também MONTEIRO (1994) destaca que a idéia da pessoalidade dos pronomes se estende, indevidamente, a elementos que não atuam no ato discursivo. Para ele, esta noção deveria aplicar-se somente ao falante e ao ouvinte e reforça seu ponto de vista citando diversos estudiosos, entre eles JESPERSEN, quando este afirma que os únicos pronomes pessoais seriam os que se referem, exclusivamente, aos interlocutores do ato de fala.

As GTs, entretanto, quando tratam da questão da pessoalidade dos pronomes, optam por uma ou outra terminologia sem levar em conta as diferentes interpretações que elas levantam; inclusive, em algumas situações, parece ser perfeitamente possível substituir uma por outra sem maiores problemas. Vejamos:

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:
a) *quem fala* = 1.^a pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural);

- b) *com quem se fala* = 2.^a pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural);
 c) *de quem se fala* = 3.^a pessoa: *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural).
 (CUNHA e CINTRA, 1985:269)

Os pronomes pessoais denotam as três pessoas do discurso: o indivíduo que fala (1.^a pessoa); o indivíduo com que se fala (2.^a pessoa), e a pessoa ou coisa de que se fala (3.^a pessoa). (SAID ALI, 1969:61)

Conforme se vê, apesar de os autores usarem terminologias distintas para a categoria de pessoa, definem-na da mesma maneira.

Há casos, ainda, de autores que usam indistintamente as expressões “pessoa gramatical” ou “pessoa do discurso”, tomando-as como se fossem simples sinônimos:

Pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

- 1.^a pessoa – a que fala: eu, nós
 - 2.^a pessoa – a com quem se fala: tu, vós
 - 3.^a pessoa – a de quem se fala: ele, ela, eles, elas
- (CEGALLA, 1985:150)

Pronomes Pessoais

Servem para substituir as três pessoas gramaticais, também chamadas pessoas do discurso¹²:

- eu (singular), nós (plural) → 1.^a pessoa = quem fala
 - tu (singular), vós (plural) → 2.^a pessoa = com quem se fala
 - ele, ela (singular), eles, elas (plural) → 3.^a pessoa = de quem se fala
- (SACCONI, 1986:87)

Nesta pesquisa, estamos adotando a noção de “pessoa gramatical”, porque nossa análise limita-se à questão da descrição gramatical do preenchimento ou não do pronome-sujeito. Todavia, é necessário destacarmos que não estamos defendendo uma ou outra visão, não se trata de dizer “esta ou aquela conceituação é a melhor”. A terminologia que se deve adotar para a categoria de pessoa, em um ou outro estudo, dependerá do tipo de análise que se queira fazer: gramatical ou discursiva.

¹² Grifo acrescentado.

2.2.2. O plural

Outra questão para a qual se deve atentar, no estudo dos pronomes pessoais sujeito, é o problema da classificação desses quanto ao plural. ALMEIDA (1988:172), ANDRÉ (1984:109), CUESTA e LUZ (1983:392), CUNHA e CINTRA (1985:269), entre outros, expõem que para cada pessoa gramatical existe uma forma singular e uma forma plural. Assim, o quadro da “flexão de número” desses pronomes, segundo a GT, fica assim:

- 1.^a pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural);
- 2.^a pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural);
- 3.^a pessoa: *ele/ela* (singular), *eles/elas* (plural).

A flexão de número, em português, é marcada por uma desinência ou sufixo flexional –S, que distingue a forma singular (que se caracteriza pela ausência dessa desinência) da forma plural. Tal desinência (comum aos nomes) ocorre de fato na 3.^a pessoa, porém falta às 1.^a e 2.^a pessoas. Daí surge o problema: será possível considerar *nós* como plural de *eu* e *vós* como plural de *tu*?

Primeiramente, vê-se que o plural aí considerado não se caracteriza (como na 3.^a pessoa) pelo acréscimo de sufixo flexional, mas por uma mudança lexical, por heteronímia.

Se o plural pronominal se fizesse como nos nomes, o plural de *eu* deveria ser *eus*, como ocorre neste exemplo citado por RIBEIRO (1957:504): *Em mim há dois eus: um segundo a carne e outro segundo o espírito.*

Concordamos com a idéia de que *nós* é plural, pois refere-se a mais de uma pessoa, no entanto não nos parece adequado dizer que é plural de *eu*, pois este pronome só se aplica a um único falante por vez; é, como diz BENVENISTE (1976), um pronome “uno”.

LYONS (1979:292) destaca que *'nós' não é plural de 'eu': inclui antes uma referência a 'eu' e é plural.*

PRADELINO ROSA (1970:118) assevera que *nas pessoas gramaticais não há propriamente soma e sim associações, porque a soma só se dá entre igualdades.* Assim, o que se tem na pessoa *nós* não é uma soma de *eu* + *eu* e sim uma associação de *eu* + outra pessoa. Esta outra pessoa pode ou não incluir o ouvinte (ou ouvintes); daí ser feita a distinção entre uso inclusivo ou exclusivo do pronome *nós*.

BENVENISTE (1976) explica que o uso **inclusivo** do pronome *nós* se dá quando o ouvinte está incluso (*eu* + *você* / *eu* + *vocês*) e **exclusivo** quando o ouvinte não se inclui, havendo, neste caso, a associação de *eu* + *ele(s)/ela(s)*. Em qualquer caso, a presença de *eu* é indispensável na constituição de *nós*, portanto em *nós* existe sempre a predominância de *eu*, daí ser ele tomado como plural desta forma pronominal.

Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. (...) Se não pode haver vários "eu" concebidos pelo próprio "eu" que fala, é porque "nós" não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma junção entre o "eu" e o "não-eu", seja qual for o conteúdo desse "não-eu".
(BENVENISTE, 1976:256)

Também o pronome *vós* constitui o plural de *tu* por heteronímia e não por um acréscimo desinencial. Nesta forma, pode haver a associação de dois ou mais ouvintes (*tu* + *tu*) ou de ouvinte(s) e outras pessoas (*tu* + *ele* / *tu* + *eles*).

Há casos, ainda, em que os pronomes *nós* e *vós* referem-se a uma única pessoa, não se tratando, neste caso, de soma ou associações; portanto, não constituem um verdadeiro plural. São, na verdade, artifícios estilísticos, os chamados plurais de modéstia ou de majestade:

Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente opostas. Em boca de rei ou prelado é plural majestático, mas, saído da pena de um escritor, *nós* parece sinal de modéstia. (SAID ALI, 1966:94)

Às vezes a 1.^a pessoa, falando de si, emprega, por modéstia, o plural do pronome da 1.^a pessoa, em vez do singular. Fazem isto principalmente os autores de obras literárias. (DIAS, 1970:72)

LAPA (1982) relata que o uso de *eu*, em algumas circunstâncias, pode denunciar “*importância pessoal, vaidade e orgulho*” e, então, como meio de “apagar” esta marca egocêntrica, utiliza-se o pronome *nós* no lugar de *eu*, o qual passa a indicar modéstia, humildade:

Todo escritor que deseje obscurecer a sua personalidade e fundir-se em simpatia com os seus leitores, empregará o plural de modéstia – *nós*. É também o estilo dos oradores e professores, que pretendem com isso diminuir a distância que os separa dos ouvintes. (p.114)

Da mesma forma alude CÂMARA JR.(1972):

De maneira geral, há certa repugnância para o emprego puro e simples da 1.^a pessoa do singular e suas formas correlatas, porque assim se frisa excessivamente a própria figura, e daí ressumbra o que se chama, com um nome derivado da forma latina desse mesmo pronome, o egocentrismo.

Uma solução, em certos casos, é apelar para o pronome de 1.^a pessoa do plural, irmanando-se o expositor com os seus ouvintes ou leitores e apresentando as afirmações que faz como o resultado de um trabalho coletivo seu e deles. (p.149)

Quanto ao plural majestático, CUESTA e LUZ (1983:482) asseveram que documentos da Idade Média portuguesa comprovam que o *nós* era usado pelos reis, quando estes se dirigiam ao povo, como meio de sugerir que não se tratava de impor a sua vontade, mas de exprimir um *pensamento coletivo*, era como se as palavras do rei exprimissem a vontade geral. Assim também ocorria com os altos dignitários da Igreja, os quais usavam este plural para se “solidarizarem” com os fiéis.

Também o pronome VÓS pode servir para referenciar-se a uma única pessoa como forma de polidez, de respeito. Sobre isso, comenta SAID ALI (1966:93):

Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insuficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indireto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portuguesa, o atrevimento de vir perante um indivíduo de hierarquia superior, e olhar para ele face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginário. Desta atenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa única, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memória a imagem da situação primitiva.

Para finalizarmos a questão do plural, vale lembrar uma proposta de classificação diferente exposta por CÂMARA JR. (1991:117). Na tentativa de evitar os problemas que a classificação tradicional traz, propõe ele que, no lugar de três pessoas gramaticais com duas formas distintas (uma para o singular e outra para o plural), considerem-se seis pessoas diferentes: 1.^a pessoa (P1) – eu; 2.^a pessoa (P2) – tu; 3.^a pessoa (P3) – ele/ela; 4.^a pessoa (P4) – nós; 5.^a pessoa (P5) – vós e 6.^a pessoa (P6) – eles/elas.

Devemos deixar claro que, como uma das intenções deste trabalho é verificar se a marca verbal ainda funciona como um índice de não preenchimento do sujeito pronominal, no momento da seleção do pronome NÓS, julgamos indiferente separá-lo, independente de ele ter valor inclusivo ou exclusivo, representar o plural verdadeiro ou o plural de modéstia.

2.2.3. A elipse do sujeito pronominal

A elipse (do grego *élleipsis*, “falta”, “insuficiência”) caracteriza-se por ser a omissão de qualquer termo (sujeito, verbo, predicado, etc.) de algum modo recuperável ou subentendido, conforme nos informam ALMEIDA (1988:476), BECHARA (1985:200), CASTILHO (1987:32), CUNHA (1992:575) e SAID ALI (1969:217).

ELIPSE é a omissão de um vocábulo ou termo da oração, estando o mesmo presente ao espírito da pessoa que fala e podendo ser suprido sem esforço pela inteligência do ouvinte.

A elipse tem por fim simplificar a frase, libertando-a de dizeres desnecessários à compreensão. (SAID ALI, p.217)

Deter-nos-emos na **elipse do sujeito**, mais especificamente, na **elipse do sujeito pronominal**, a qual nos interessa neste trabalho.

Um sujeito elíptico é aquele que, embora não esteja explícito na oração, é facilmente recuperável. Tal “recuperação” pode-se dar pelo contexto ou através das desinências verbais. Observemos os exemplos abaixo:

(08) Ela falava a respeito da viagem, ϕ comentava os passeios e ϕ lembrava os momentos agradáveis.

(09) ϕ Falávamos a respeito da viagem, ϕ comentávamos os passeios e ϕ lembrávamos os momentos agradáveis.

A “recuperação” dos sujeitos elididos em (08) se dá pelo contexto. Por contexto entendemos o encadeamento das idéias, o conjunto de elementos de tal modo relacionados que permitem que as informações sejam facilmente captadas; esse tipo de recuperação exige uma habilidade de perceber as ligações entre os elementos lingüísticos estejam eles explícitos ou pressupostos.

Já em (09), a recuperação se processa através das desinências verbais, as quais carregam a informação da pessoa do sujeito, dispensando a necessidade de um referente (exceção feita à terceira pessoa).

Esse é o ponto que nos interessa. A concepção tradicional assevera que o português é uma língua que prescinde do uso do sujeito pronominal, porque a morfologia verbal é suficiente para indicar a pessoa do sujeito. Ou, segundo advoga a Gramática Gerativa, a possibilidade de ocorrência de sujeitos nulos está associada à “riqueza” da flexão verbal. Vejamos alguns comentários:

Os pronomes sujeitos eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa. (CUNHA e CINTRA, 1985:275)

A língua portuguesa faz pouco uso do pronome pessoal sujeito pelo fato de apresentar, tal como o espanhol, as desinências pessoais do verbo bastante diferenciadas, de modo que a omissão do pronome não determina ambigüidade. (CUESTA e LUZ, 1983:481)

... o pronome pessoal sujeito é, em princípio, esporádico em português, (...) A pessoa do sujeito continua primariamente expressa na desinência verbal. (CÂMARA JR., 1979:95)

Em português (...) ocorre uma morfologia verbal muito rica, que torna dispensável a manifestação fonética do pronome sujeito. O pronome sujeito e a flexão verbal seriam, então, redundantes entre si... (LOBATO, 1986:433)

Com exceção do francês, todas as línguas românicas padrão (italiano, espanhol, romeno e português) são línguas de sujeito nulo...

Os trabalhos sobre o parâmetro do sujeito nulo sempre atribuíram à “riqueza” da flexão verbal o papel central no licenciamento de sujeitos nulos. (ROBERTS, 1993: 412)

Segundo a visão desses autores, a possibilidade de se utilizar o pronome-sujeito fica restrita a situações em que se queira dar destaque a este, por motivos tais como:

1. Chamar a atenção para a pessoa do sujeito, dar ênfase a ele:

Eu fiz o relatório, eu o apresentarei.

2. Para opor as pessoas gramaticais:

Eu trabalho; ele apenas estuda.

3. Para evitar ambigüidades, dar clareza à frase:

Ele não dizia nada e eu não fazia questão de conversar.

Essas restrições, apontadas como situações possíveis de apresentar o sujeito pronominal expresso, são antigas, vêm desde o latim. FREIRE (1959:328), em sua “Gramática Latina”, quando faz referência ao emprego dos pronomes pessoais, diz:

A 1.^a e a 2.^a pessoa dos pronomes pessoais não se exprimem, geralmente, a não ser:

a) Quando, de algum modo, se opõe uma à outra.

Ex.: *Tu amas, at ego esurio* (Plaut. *Cas.* 3, 6, 10), Tu amas, mas eu tenho fome.

b) Quando se quer dar ênfase à frase.

Ex.: *Tu innocentior quam Metellus?* (Cic. *Verr.* 3, 16, 43), Acaso és tu mais irrepreensível do que Metelo?

Também CÂMARA JR. (1979:90) ressalta este aspecto:

... a indicação do falante ou do ouvinte como sujeito, que cabia a *ego* ou *tu*, conforme o caso, vinha dada em desinência na própria forma verbal. Nestas condições, *ego* e *tu* só se empregavam por uma redundância enfática ou como “vocativos”, numa comunicação isolada, ou numa frase de verbo inexpresso (*Ego bonus* “Eu sou bom”).

Todas essas observações sobre a elipse do sujeito pronominal têm, em parte, seu fundo de verdade; entretanto apresentam uma visão um tanto limitada, normalmente associada a questões de ordem estilística. Conforme veremos posteriormente, vários trabalhos têm confirmado que os contextos apresentados acima não são os únicos favorecedores de emprego dos pronomes-sujeito. Esta visão está alicerçada nos empregos literários, na língua escrita, em livros didáticos; porém na língua falada as coisas acontecem de maneira diferente.

Também as visões acima expostas sobre o latim estão baseadas, possivelmente, na realidade da língua escrita, do latim clássico, nos empregos literários dessa língua; mas não se pode afirmar que essa mesma situação ocorria na língua falada, no latim vulgar. COUTINHO (1969:253), por exemplo, afirma que *os pronomes pessoais eram mais empregados no latim vulgar que no clássico*.

MAURER (1959:172-173) confirma isto, relatando que, enquanto na língua literária dispensavam-se os pronomes pessoais sempre que não fossem necessários à clareza da frase, no latim vulgar estes eram normalmente empregados ainda que não tivessem valor enfático.

Também VÄÄNÄNEN (1968) atesta que o emprego dos pronomes pessoais sujeito dava-se de maneira diferente do latim literário para o latim vulgar; neste, o pronome era empregado sem valor enfático, sem uma matiz particular e tendia a ser fixo diante do verbo:

El pronombre personal, como sujeto de una frase, no se expresa en latín literario más que por razones de énfasis (y generalmente reforzado por los sufijos *-met*, *-ne*, o la partícula *quidem*) ... La lengua hablada, por el contrario, tendía a generalizar el uso del pronombre personal sujeto por el deseo de expresividad; como consecuencia, el pronombre sujeto se expresa sin ningún matiz particular y tiende a ser fijo su puesto delante del verbo... (p.199)

MENON (1996), após apreciar os comentários de diversos autores sobre o uso dos pronomes-sujeito no latim, expõe, ao tratar do latim vulgar:

O caráter de ênfase e o pouco uso do pronome são constatações do latim literário escrito. Nada nos garante que na língua oral os pronomes não eram usados largamente. Pelo contrário, o fato de até alguns gramáticos mencionarem *en passant* esse uso, nos indica que na língua oral a realidade era bastante diferente daquela da escrita. As peças de teatro, as cartas de Cícero, os textos mais tardios do latim evidenciam, de alguma forma, uma prática que deveria ser mais constante que a apreçada pelos gramáticos. (p.16-17)

Assim como do latim clássico para o latim vulgar havia diferença no uso dos pronomes pessoais sujeito, acreditamos que o que tradicionalmente se apreça a esse respeito para o português (do Brasil) reflete um uso da língua escrita que não se encontra da mesma maneira na língua falada.

Desse modo, pesquisamos alguns trabalhos de variação dedicados ao tema da **elipse do sujeito pronominal** na linguagem falada (exceção feita a um estudo de PAREDES da SILVA (1991a) em que se trabalha com um *corpus* escrito), procurando apresentar os resultados a que estes chegaram, no sentido de verificar se eles corroboram ou não as afirmações de que o português é uma **língua de sujeito nulo**.

2.3. Os trabalhos de variação

TARALLO (1994:140-141) apresenta-nos um histórico das mudanças ocorridas na língua através dos séculos (1725, 1775, 1825, 1880 e 1982) quanto ao uso do objeto direto e do sujeito pronominal e, no que diz respeito a este último, afirma que o português contemporâneo do Brasil tem

cada vez mais preenchido a casa do sujeito: de 23,3% em 1725, passou a 79,4% em 1982.

Acrescenta que uma explicação plausível para o maior preenchimento no português do Brasil pode ser encontrada na flexão verbal, ou melhor, no enfraquecimento da flexão verbal, consequência da neutralização da alternância entre singular e plural: *ele fala muito / eles fala muito*. E tomando por base os resultados de uma pesquisa feita por NARO e LEMLE (1977) – cujo objetivo era averiguar se o grau de diferença fônica dos verbos entre as formas de terceira pessoa do singular e do plural estabelece a frequência de concordância verbal – conclui:

Óbvio torna-se então que, com a neutralização da alternância entre singular e plural, o pronome pessoal passe a ser freqüentemente mais preenchido, pois somente a ele caberá a incumbência funcional de marcar a pessoa do verbo. (p.141)

MENON (1994), objetivando verificar resultados estatísticos em termos de frequência do preenchimento ou não do sujeito pronominal, analisou 68 entrevistas do Projeto NURC de São Paulo, fazendo um levantamento de todas as ocorrências dos pronomes de 1.^a pessoa do singular e do plural na sua forma explícita e implícita. A autora justifica a escolha dos pronomes *eu* e *nós* pelo fato de estes apresentarem morfemas bem marcados, o que, teoricamente, dispensaria o uso do pronome-sujeito. Para alcançar seu objetivo, observou os dados de acordo com os seguintes fatores extralingüísticos: **estilo de entrevista** – dividido em EFs (Eloquções Formais), DIDs (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes); **idade** – três faixas etárias (1.^a FE, 25-35 anos; 2.^a FE, 36-55 anos; 3.^a FE, acima de 56 anos) e **sexo**.

Em todos os fatores analisados houve prevalência de pronomes plenos em detrimento de nulos; entretanto, convém destacarmos um dado interessante. O mais alto escore de presença do pronome-sujeito, obtido neste estudo, refere-se ao uso da 1.^a pessoa do singular nas EFs, divergindo do

esperado, por ser este um estilo de entrevista mais formal (gravações de aulas e de conferências) e que, portanto, deveria aproximar-se mais da norma padrão, apresentando um maior índice de ausência de pronomes, já que o uso deste é “condenado” pela GT. Quanto à 1.^a pessoa do plural, o maior número de ocorrências se deu nas D2 (estilo mais informal), situação em que se podia esperar um uso maior de 1.^a pessoa do singular.

No cômputo geral, encontraram-se 8.165 ocorrências de *eu* e 1.219 casos de *nós*. Dos 8.165 casos de 1.^a pessoa do singular, 60,8% eram de pronomes expressos e 39,2% eram de zeros. Dos 1.219 casos de 1.^a pessoa do plural, 60,1% correspondiam a formas explícitas e 39,9% a formas implícitas; e, assim, MENON observa:

Tanto no caso de *eu* como de *nós*, a proporção de ocorrência de pronomes expressos é de uma vez e meia a do pronome ausente. (p.03)

Em um outro trabalho, MENON (1996), examinando um *corpus* de 20 entrevistas do tipo EFs (Elocuções Formais) do Projeto NURC de São Paulo – com o intuito de constatar se o português do Brasil ainda se comporta como uma língua que prescinde do uso do pronome pessoal – obteve 1.560 dados (938 ocorrências de pronome de 1.^a pessoa do singular e 622 ocorrências de 1.^a pessoa do plural), os quais foram codificados e submetidos ao pacote VARBRUL. Foram analisadas, além das variáveis sociais **sexo** e **faixa etária**, as variáveis lingüísticas **posição do pronome** (antes ou depois do verbo), **tipo de pronome** (determinado, indeterminado, problema), **marcas auxiliares** (presença de clíticos, presença de possessivos, elementos enfáticos, ...), **tipo de verbo** (de ação, de ligação, *dicendi*, ...), **tempo verbal**, **tipo de ocorrência**¹³ (sujeito anterior diferente, sujeito posterior diferente, ocorrência isolada, 1.^a ocorrência de uma série igual, ...), **tipo de oração** (principal, coordenada,...), **tipo de conectivo** (conjunção aditiva, adversativa, ..., pronome relativo que,

¹³ A respeito do tipo de ocorrência, relata MENON (p.70): “*esse fator buscava sobretudo identificar se o princípio do paralelismo poderia estar influenciando na explicitação do pronome, segundo o princípio do processamento paralelo (SCHERRE (1991), entre outros): marcas levam a marcas, zeros levam a zeros.*”

cujo, ... , preposição a, para, de, ...) e **concordância com o infinitivo**.

Dos diversos fatores lingüísticos analisados, constatou-se que o mais significativo na determinação do preenchimento ou ausência do pronome foi o **tipo de oração**, conforme exibem os resultados a seguir em que a aplicação da regra é o “uso maior do pronome-sujeito” (p. 90-91):

Restritiva: favorece a aplicação da regra de maneira quase categórica para *eu* .84, um pouco menos para *nós* .66

1.ª de uma coordenação: alto favorecimento para *eu* .77, um pouco menos para *nós* .64

Principal: favorece a aplicação da regra para *eu* .66, um pouco menos para *nós* .60

Subjetiva: favorece a aplicação da regra para *nós* .69, e inibe para *eu* .31

Coordenada Assindética: inibe a aplicação da regra tanto para *eu* .28, quanto para *nós* .27

Coordenada Sindética: inibe a aplicação para *eu* .26, neutra para *nós* .46

Adverbial: desfavorece a aplicação para *nós* .23, neutra para *eu* .40

Dentre os fatores sociais, a **faixa etária** parece ser o elemento que contribui com dados mais interessantes. Sobre esta variável expressa-se a autora:

... temos dois resultados que merecem a atenção. O primeiro deles diz respeito ao resultado apontado no **gráfico 4a**, que mostra a linha de evolução no preenchimento dos pronomes, dando indícios de mudança em curso: a terceira faixa etária mostra uma curva ascendente, que vai de peso próximo a zero para preenchimento do *eu*, em direção sempre crescente para peso altamente favorecedor de não-preenchimento de *nós*. A segunda e a primeira faixa etária têm comportamento similar no sentido inverso: de menor peso para ausência de *nós* em direção de maior presença de *eu*. No entanto, os pesos para a FE1¹⁴ são maiores que os de FE2¹⁵.

O **gráfico 4** nos aponta, por sua vez, que a primeira faixa etária não só favorece o preenchimento de *eu*, como emprega mais esse pronome; a terceira faixa etária usa mais a primeira pessoa do plural e preenche menos o sujeito pronominal correspondente. (MENON, p.92)

¹⁴ 1.ª faixa etária, compreendendo indivíduos de 25 a 35 anos.

¹⁵ 2.ª faixa etária, informantes de 36 a 55 anos.

Embora, no geral, os dados demonstrem uma maior tendência ao uso do sujeito pronominal explícito, o conjunto de fatores com que MENON trabalhou, supondo que este pudesse dar conta de demonstrar os fatores condicionadores do uso mais abrangente do preenchimento do pronome de primeira pessoa, revelou-se “*em alguns casos inoperante e, em outros, conflitante*”.

DUARTE (1993:107), utilizando trechos de sete peças de teatro popular escritas nos séculos XIX e XX (entre 1845 e 1992), faz um estudo sobre a trajetória do emprego do pronome-sujeito, buscando evidências que pudessem confirmar ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais.

Para demonstrar essa redução, a autora apresenta um quadro da evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil, mostrando que estes evoluíram de um sistema com seis formas distintivas¹⁶ (mais duas representadas pela 2.^a pessoa indireta¹⁷ – *você / vocês*) para um paradigma com quatro formas, devido à perda da 2.^a pessoa direta – *tu / vós*. Este segundo paradigma coexiste com um terceiro que apresentaria somente três oposições (resultado da substituição do pronome de primeira pessoa do plural, *nós*, pela expressão *a gente*, que se combina com formas verbais de terceira pessoa do singular):

| PESSOA | NÚMERO | PARADIGMA 1 | PARADIGMA 2 | PARADIGMA 3 |
|--------------------------|----------|-------------|-------------|-------------|
| 1. ^a | SINGULAR | CANT-O | CANT-O | CANT-O |
| 2. ^a DIRETA | SINGULAR | CANTA-S | ----- | ----- |
| 2. ^a INDIRETA | SINGULAR | CANTA-0 | CANTA-0 | CANTA-0 |
| 3. ^a | SINGULAR | CANTA-0 | CANTA-0 | CANTA-0 |
| 1. ^a | PLURAL | CANTA-MOS | CANTA-MOS | CANTA-0 |
| 2. ^a DIRETA | PLURAL | CANTA-IS | ----- | ----- |
| 2. ^a INDIRETA | PLURAL | CANTA-M | CANTA-M | CANTA-M |
| 3. ^a | PLURAL | CANTA-M | CANTA-M | CANTA-M |

¹⁶ As seis formas distintas são as formas canônicas referentes às pessoas eu, tu, ele, nós, vós, eles.

¹⁷ É preciso esclarecer que, quando utilizamos a expressão “2.^a pessoa indireta” (com a qual não concordamos), estamos apenas apresentando a terminologia usada por DUARTE.

DUARTE cruzou com a variável dependente (ocorrência do pronome pleno ou pro¹⁸) os fatores morfossintáticos: a) o traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado (pessoa do discurso); b) o tempo e a forma verbal (simples ou composta); c) a presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo; d) o tipo sintático da oração; e) a existência de correferência entre o sujeito da principal e o da subordinada e f) a função do referente do sujeito de 3.^a pessoa.

Os resultados mostraram que, nos três primeiros períodos analisados (1845, 1882 e 1918), houve nítida preferência para o uso do sujeito nulo (em torno de 75%). A partir de 1937, esta preferência começa a diminuir, acentuando-se nos dois últimos períodos (1975 e 1992), a ponto de a frequência estar abaixo de 30%¹⁹ em 1992.

Examinando separadamente as pessoas do discurso, a autora percebe que há um avançado estágio de mudança em direção ao preenchimento do sujeito pronominal nas 1.^a e 2.^a pessoas, ao contrário do que ocorre com a 3.^a; esta parece ser a única que não é afetada significativamente pela redução nos paradigmas:

Há uma ligeira tendência de queda na segunda metade do século, mas o sujeito nulo continua a ser a opção preferida, o que nos coloca diante de uma assimetria: de um lado temos os sujeitos de 1.^a e 2.^a pessoas representados cada vez mais frequentemente pelo pronome lexical e de outro, o sujeito de 3.^a pessoa, aparentemente usufruindo da opção permitida às línguas “pro-drop”²⁰.

Diz DUARTE que, na 2.^a pessoa (seja direta ou indireta), o uso do sujeito nulo prevalece enquanto se mantém o Paradigma 1, caindo esse uso de 69%, em 1918, para 25%, em 1937, quando entra em vigor o Paradigma 2 com

¹⁸ Terminologia Gerativa para indicar o sujeito nulo, ou melhor, ausência do sujeito pronominal.

¹⁹ Estes índices percentuais podem ser encontrados no **Gráfico 1** do trabalho de Duarte, p.112.

²⁰ O parâmetro pro-drop é uma nomenclatura usada pela Gramática Gerativa para identificar as línguas cuja morfologia verbal é muito rica, tornando dispensável a manifestação fonética do pronome sujeito. São essas línguas o italiano, o espanhol, o romeno e o português.

a perda da segunda pessoa direta (*tu / vós*); esse percentual praticamente se mantém o mesmo no Paradigma 3.

Quanto à 1.^a pessoa, a autora mostra, no gráfico 3 (p.115 de seu trabalho), que a partir de 1918 se inicia uma curva descendente, embora no início bastante irregular. Somente depois da 2.^a metade deste século o uso do sujeito pleno de 1.^a pessoa supera o do sujeito nulo. Ao observar separadamente a 1.^a pessoa do plural (embora de ocorrência mais baixa), a autora constata o efeito do Paradigma 3:

De um índice de 100% de sujeitos nulos nos três primeiros períodos, chegamos a 7% (uma ocorrência em quinze) em 1975 e nenhuma ocorrência em 1992: os dez sujeitos de 1.^a pessoa do plural são pronominais; em três deles foi usado o pronome *nós* (pelas personagens mais velhas) e em sete, a expressão *a gente* (pelos jovens). (p.115)

DUARTE (p.119-120) esclarece os contextos em que ainda persistem os sujeitos nulos na 1.^a e 2.^a pessoas do singular:

Os 20% de sujeitos nulos na 1.^a pessoa do singular, encontrados no texto de 1992, correspondem, em geral, a orações independentes com verbos simples no presente ou passado, quase sempre precedidos por uma negação, ou com uma locução verbal, ou ainda, mais raramente, em estruturas com correferência, quer na subordinada, quer na principal, embora prevaleça a preferência pelo pronome pleno, particularmente nas relativas, em que não aparecem sujeitos nulos em quaisquer das *personas gramaticais*.

Na 2.^a pessoa os contextos que ainda resistem ao sujeito pleno são umas poucas interrogativas, sentenças com verbo precisar na negativa, que se assemelham a um comando, e subordinadas condicionais antepostas à matriz (entretanto, raríssimas).

Os resultados da pesquisa evidenciaram que houve uma mudança significativa de uso dos pronomes-sujeito – resultado da redução no quadro de desinências verbais – *evoluindo de uma marcação positiva para uma marcação negativa dentro do parâmetro pro-drop*, ou seja, o pronome-sujeito deixou de ser nulo para ser pleno.

LIRA (1988), em um estudo preliminar com a finalidade de comparar a linguagem falada com a linguagem escrita em relação ao uso dos

sujeitos pronominais e zeros, utiliza um *corpus* constituído de entrevistas gravadas com cinco pessoas do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta e, para a língua escrita, utiliza cartas familiares dirigidas a ela por quatro pessoas do sexo feminino, também naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta. A escolha das cartas familiares para integrar a amostra deveu-se ao fato de a pesquisadora acreditar que se trata da modalidade escrita que mais se aproxima da língua falada.

Os resultados a que chegou confirmaram a sua hipótese inicial de que os sujeitos pronominais têm frequência mais elevada na modalidade falada do que na escrita. Dos 1.515 dados obtidos na língua falada, 884 (58%) são sujeitos pronominais e 631 (42%) são zeros. Na escrita, dos 400 dados, 86 (22%) são ocorrências de sujeito pronominal e 314 (78%) são zeros.

Os fatores lingüísticos escolhidos para a análise foram os seguintes: 1) referência específica e generalizada; 2) tipo de oração; 3) informação nova e não-nova e 4) referente da oração examinada igual ou diferente da oração anterior. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos a partir de cada um desses fatores.

Referência específica e generalizada. O sujeito pronominal de maior frequência é o de 2.^a pessoa²¹ tanto na modalidade escrita (59%) como na falada (76%). A autora diz que o que parece influenciar mais a sua presença é “a sua ambigüidade potencial pelo fato de o verbo ser flexionado para terceira pessoa...” A 1.^a pessoa apresentou um comportamento inverso nas duas modalidades: na escrita, tal forma aparece mais como sujeito zero (apenas 15% vêm expressos) e, na fala, apresenta mais sujeito pronominal (65%). LIRA (p.36) justifica esses resultados dizendo que “o caráter egocêntrico do discurso predomina na fala e faz com que a referência de 1.^a pessoa seja mais freqüente do que a necessária para a compreensão do discurso”. Já a referência de 3.^a

²¹ A 2.^a pessoa a que LIRA faz referência é o pronome “você”. A forma “tu” não aparece no *corpus* de seu estudo por estar a autora trabalhando com informantes do Rio de Janeiro, onde este pronome não é usado.

pessoa não trouxe dados significativos, mostrando-se de pouca influência nesta situação.

Tipo de oração. Foram selecionadas como possíveis influências na presença ou não de pronome-sujeito : orações independentes, principais, subordinadas (adverbiais, substantivas e relativas) e coordenadas (separadas em 1.^a coordenada e coordenada 2). Dentre todas as orações, as que trouxeram resultados mais significativos foram: a oração coordenada 2 e a oração relativa. A primeira mostrou-se fator inibidor da presença do sujeito pronominal (apenas 14% dessas orações apresentaram pronome expreso); a segunda resulta quase categoricamente no aparecimento do sujeito pronominal (91%).

Informação nova e não-nova. A pesquisadora concluiu, pelos resultados da pesquisa preliminar, ser necessário fazer uma análise mais exaustiva deste aspecto a fim de se obter uma definição mais detalhada e consistente. A informação nova parece inibir o aparecimento do sujeito pronominal.

Referente igual ou diferente. Este grupo de fatores tem a mesma influência tanto na modalidade falada, como na escrita: se o referente for o mesmo, inibirá a presença do sujeito pronominal; se for diferente, causará o aparecimento dele mais freqüentemente.

OLIVEIRA (1989) utilizou um *corpus* constituído por 60 informantes – alunos de cursos de graduação, sendo 20 da PUC-SP, 20 da UFMG e 20 da PUC-RJ – com o objetivo de avaliar a freqüência relativa *do preenchimento, da supressão e da ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil*. Os informantes produziram 60 textos escritos e 60 entrevistas orais, resultado da somatória de 20 redações e 20 entrevistas de cada capital.

Os resultados concernentes ao preenchimento do sujeito demonstraram que há uma tendência para a explicitação deste na maioria das

circunstâncias: dos 2.340 dados estudados, 77% apresentaram sujeito expesso contra 23% de sujeito elidido.

MONTEIRO (1994) trabalhou com um *corpus* considerável: sessenta inquéritos do Projeto NURC, sendo 45 diálogos entre informante e documentador (DID) e 15 elocuições formais (EF), objetivando detectar possíveis variações do uso do sujeito, condicionadas por localidade, sexo, faixa etária e influência de registro (formal e informal).

Pelos resultados obtidos, o pesquisador constatou que, apesar de nossos gramáticos explicitarem que os pronomes-sujeito devem ser evitados e que apenas em raros casos se justifica o emprego deles, ... *a tendência que se manifesta elimina o caráter de regularidade da omissão. O que há é um emprego freqüentíssimo dos pronomes do caso reto...* (p.133)

MONTEIRO trabalhou com os seguintes pronomes em função de sujeito: *eu, você, ele(a), nós, a gente, vocês, eles(as)* e *se*²². A presença do sujeito pronominal ocorreu em 60% dos enunciados, todavia esse percentual apresentou variações dependendo da pessoa e do número gramatical do pronome, como se pode constatar pelo **quadro VI – Presença e ausência dos pronomes pessoais em função de sujeito**, que reproduzimos da página 134 de seu trabalho:

| PRONOMES SUJEITOS | N | | % | |
|----------------------|-------------|-------------|-----------|-----------|
| | P | A | P | A |
| Se | 587 | 67 | 90 | 10 |
| Você | 465 | 75 | 86 | 14 |
| A gente | 461 | 102 | 82 | 18 |
| Vocês | 165 | 40 | 80 | 20 |
| Nós | 765 | 437 | 64 | 36 |
| Eu | 2727 | 1746 | 61 | 39 |
| Eles | 527 | 570 | 48 | 52 |
| Ele | 1289 | 1668 | 44 | 56 |
| Total | 6986 | 4705 | 60 | 40 |

²² MONTEIRO inclui o pronome SE na lista de sujeitos, pois entende este elemento como um pronome pessoal indefinido que exerce a função de sujeito nas mesmas situações dos demais. E cita as palavras de LADEIRA (1986:53) para reforçar seu ponto de vista: "*Assim como alguém, ninguém, a gente etc. são indicadores 'materiais' de um agente não definido, entendemos que o SE – nas mesmas condições – é o sujeito formalmente expesso na oração, não obstante nada esclarecer sobre a identidade do agente...*"

Os dados apresentados no quadro anterior evidenciam que o pronome *eu* é o que mais aparece na amostra. Sobre isso comenta MONTEIRO (p.132):

Isto afina com a observação de muitos lingüistas, pela qual os homens tendem a falar bem mais de si mesmos do que dos outros seres ou coisas que os circundam, fenômeno que, já fizemos referência, Givón (1976) rotulou de *ego-antropocentrismo do discurso*.

O que mais surpreende o autor, entretanto, é o fato de os pronomes *eu* e *nós* alcançarem taxas de presença bem mais altas do que *ele* e *eles*, quando deveria ocorrer o contrário, visto que em todos os tempos verbais o pronome *nós* apresenta marca desinencial e o pronome *eu* é quase sempre marcado flexionalmente. Já na terceira pessoa, a desinência verbal é zero na maioria dos casos²³, o que logicamente deveria favorecer a presença desses pronomes.

Assim, MONTEIRO assevera que a terminação verbal parece não exercer tanta influência no preenchimento ou na supressão do sujeito, a preferência por uma ou outra forma parece estar mais relacionada à noção semântica de pessoa do discurso. E apresenta as probabilidades de ocorrência para cada pronome: SE = 0.88 ; VOCÊ = 0.82; A GENTE = 0.77; VOCÊS = 0.64; NÓS = 0.52; EU = 0.50 ; ELES = 0.35; ELE = 0.31.

Em relação aos fatores sociais, são estes os dados :

- **Quanto à localidade:** Porto Alegre é a cidade onde menos se usa o pronome expresso (0.47 de probabilidade); São Paulo apresenta o maior preenchimento (0.52); em Salvador, Recife e Rio de Janeiro as probabilidades de uso do sujeito pronominal são, respectivamente, 0.51, 0.50 e 0.50.
- **Quanto ao sexo:** mulheres usam mais o sujeito pronominal (65%) do que os homens (54%).

²³ Deve-se ressaltar que a 3.ª pessoa do plural possui uma desinência canônica -M, todavia existem falantes que produzem discursos sem essa marca, por exemplo: Eles come de tudo.

- **Quanto à faixa etária (FE):** os resultados indicaram que, quanto mais diminui a idade dos falantes, mais se constata a presença do pronome-sujeito; isto é, os falantes idosos costumam omitir mais o sujeito do que os mais novos (1.^a FE, 25-35 anos, 64%; 2.^a FE, 36-55 anos, 59%; 3.^a FE, 56-70 anos, 56%).
- **Quanto ao registro:** houve mais preenchimento de sujeito no registro formal (68%) do que no informal (58%), contrariando as expectativas.²⁴

OLIVEIRA (1986) elabora um texto em que procura discutir quais são os casos que merecem o rótulo de variável lingüística e qual é a sua dimensão. Partindo do que escreve TARALLO, no livro **Introdução à Sociolingüística**, *Variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de 'variável lingüística'*, estabelece o que se deve entender por **um mesmo contexto e o mesmo valor de verdade**.

Para esclarecer os pontos abordados, OLIVEIRA exhibe o resultado de alguns de seus trabalhos e também de outros pesquisadores. Dentre esses trabalhos, expõe uma investigação que ele fez sobre a questão da **ausência vs presença** do pronome-sujeito em português, em que examinou 455 dados, dos quais 246 (ou 54%) eram casos de sujeitos pronominais e 209 (ou 46%) eram sujeitos zero. O pesquisador destaca que, embora seu trabalho ofereça um número bem menor de dados, contém proporções muito parecidas com as obtidas por LIRA (1982) na sua tese de doutorado (trabalho extensamente conhecido, intitulado “*Nominal, Pronominal, and Zero Subject in Brazilian Portuguese*”) em que investigou 8.924 casos, dos quais 56% (ou 5.024) apresentaram-se com sujeito pronominal e 44% (ou 3.900) com sujeito zero .

²⁴ Este resultado é compatível com os resultados de MENON (1994), conforme já observamos anteriormente.

Contrariamente aos autores anteriores, que trabalharam com um *corpus* oral na investigação da variação na expressão do sujeito pronominal, PAREDES da SILVA (1991a) optou pela análise de um *corpus* escrito: 70 cartas pessoais e informais escritas por jovens (17 a 24 anos) e adultos (26 a 38 anos) cariocas de ambos os sexos.

Foram selecionados todos os pronomes de 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas nas suas formas explícitas e implícitas, coletando-se um total de 2.787 dados.

Confirmando as expectativas, na língua escrita a ausência de pronomes é mais acentuada do que na língua falada. Em números globais, a primeira pessoa apresentou um percentual de 77% de ausências de sujeito, contra 30% de ausências na segunda pessoa e 50% na terceira. Para chegar a esses resultados, PAREDES postulou como possíveis elementos condicionadores da ausência do sujeito os fatores sociais **idade** e **sexo** e os fatores lingüísticos **ambigüidade, ênfase, conexão de discurso, tipo de oração, posição das orações, distância do referente, paralelismo e caráter animado do referente**.

Das variáveis sociais, apenas a **idade** mostrou-se relevante; mesmo assim não em qualquer situação, mas nas ocorrências de 1.^a pessoa: os jovens fazem mais uso do pronome-sujeito, fato que a autora interpretou como parte de uma tendência dos jovens a serem mais espontâneos, o que poderia estar aproximando sua escrita da fala.

Quanto aos fatores lingüísticos, a **ênfase** e a **ambigüidade** mostraram-se particularmente significativas, apresentando-se como altamente condicionadoras da explicitação do sujeito, conforme pregam as prescrições gramaticais.

Quanto ao fator **conexão discursiva**²⁵, Paredes confirmou que existe *uma tendência crescente à omissão do sujeito à medida que se estreita a conexão discursiva entre um referente na função de sujeito e sua menção prévia* (p.86).

O **tipo de oração** apresentou situações diferenciadas em cada pessoa; no geral, constatou-se a tendência mais acentuada à omissão do sujeito de primeira pessoa em orações principais.

A **posição da oração** só revelou resultados significativos na 1.^a pessoa, onde a posição inicial favoreceu a omissão do sujeito.

A variável **distância do referente**²⁶ indicou que, na 1.^a pessoa, a menção inicial é a que apresenta taxas mais altas de ausência de pronome. Na 3.^a pessoa, quanto mais distante a menção do referente, menor a probabilidade de omiti-lo.

O fator **paralelismo**, tanto na primeira pessoa quanto na terceira, confirmou as expectativas: *presenças levando a presenças, zero levando a zero*.

O **caráter animado do referente** é um fator concernente apenas à terceira pessoa e condicionou a omissão do pronome-sujeito quando os referentes eram inanimados.

²⁵ PAREDES da SILVA, no artigo “Por Trás das Frequências” (1991b:26,) explica que a conexão é “*algo que se define com base não só em propriedades sintáticas e semânticas das orações em causa, mas também leva em conta o conhecimento pragmático e o contexto discursivo em que se inserem as orações. Além disso, (...) não é invariável ou absoluta, e, sim, uma questão de grau*”. A autora apresenta graus de conexão que vão de 1 a 6. O grau 1 refere-se a uma conexão “ótima” ou grau máximo de conexão, o qual apresenta uma seqüência temporal de eventos, todos com o mesmo referente na função de sujeito da oração, com estruturas que apresentam normalmente o mesmo tempo e o mesmo modo verbal, situação que favorece a ausência do sujeito. Os graus vão decrescendo, apresentando uma conexão cada vez mais tênue, até chegar ao grau 6, considerado grau de conexão mais “fraca”: quando há mudança de tópico discursivo, do assunto de que se trata, alterando-se o referente-sujeito, havendo necessidade de se fazer distinção entre as pessoas gramaticais e, portanto, favorecendo o preenchimento do sujeito.

²⁶ Este fator verifica se as menções prévias mais próximas do referente favorecem mais sua omissão que as menções mais afastadas. (PAREDES da SILVA, 1991a:87)

Após todas estas considerações, a pesquisadora concluiu (p.89):

Se os estudiosos ... têm classificado o português como língua de sujeito vazio (pro-drop), é porque sempre o têm examinado do ponto de vista morfológico, em termos dos paradigmas de flexão do verbo, ou de um ponto de vista sintático, em que no máximo são observadas relações de correferência em orações vizinhas

Afirma, ainda, que é necessário incorporar à interpretação informações provenientes do discurso e da situação em que se realiza o ato comunicativo, pois ela constatou que as três pessoas gramaticais têm comportamentos diferenciados em relação ao uso ou não do sujeito pronominal e acrescenta: *... sem um estudo da língua que leve em conta as condições discursivo-pragmáticas, é impossível atribuir classificações e mesmo delinear tendências para a gramática do português com relação à não obrigatoriedade do sujeito* (p.93).

2.4. Hipóteses

Frente às colocações dos pesquisadores que acabamos de observar, podemos constatar que está ocorrendo um processo de mudança no uso dos pronomes pessoais tanto na linguagem falada como na escrita (embora nesta última as ocorrências nulas ainda representem o maior número), evoluindo de uma situação de não-preenchimento para preenchimento do sujeito pronominal. Essa mudança parece estar alicerçada não só em aspectos sociais, mas também em aspectos lingüísticos e, até, discursivo-pragmáticos.

Tomando por base essas considerações, formulamos as seguintes hipóteses para este trabalho:

a) a mudança de não-preenchimento para preenchimento também está em curso na linguagem falada do Paraná;

b) as desinências verbais não representam fator inibidor para o preenchimento do sujeito pronominal;

c) além de fatores sociais, há elementos lingüísticos, como tempo/modo verbal e tipo de oração que podem estar propiciando o aparecimento do pronome-sujeito.

3. AMOSTRA e METODOLOGIA

3.1. O *Corpus*

O *corpus* que compõe este trabalho faz parte dos dados do projeto VARSUL, um projeto que pesquisa a Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil e que conta com a participação das seguintes instituições: Universidade Federal do Paraná – UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS.

A opção pelos dados do VARSUL provém do fato de, neste projeto, encontrarmos amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em cidades sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); são doze cidades, quatro de cada estado. Foram consideradas representativas, além das capitais, as cidades cujos grupos populacionais foram comprovadamente relevantes no seu processo de ocupação. A amostra de cada município consiste de entrevistas feitas com 24 informantes, num total de 96 informantes por estado e 288 no acervo do Banco de Dados VARSUL.

Como a intenção deste trabalho é pesquisar o uso do pronome-sujeito na linguagem falada do Paraná, serão analisadas as 96 entrevistas das quatro cidades representativas deste estado: Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati.

Londrina foi escolhida pelo projeto VARSUL por representar a cidade mais importante da região norte do Estado, com características muito próximas de falas mineira e paulista, trazidas pela população que povoou a região durante a expansão da agricultura cafeeira.

Pato Branco é uma das principais cidades da região sudoeste do Paraná, colonizada por gaúchos e por catarinenses descendentes de gaúchos, responsáveis pela ocupação agrícola dessa parte do Estado.

Irati se destaca por ter sido colonizada pela população eslava (poloneses e ucranianos) inicialmente; posteriormente, recebeu influência de colonizadores italianos e alemães, sendo, por isso, a área urbana plurilíngüe mais representativa do Estado.

Curitiba, além de ser a capital, é a cidade cuja população, inicialmente, era resultado da miscegenação entre o índio, o português e o negro (este último em menor número). Posteriormente, houve a colonização européia: poloneses, italianos e alemães.

Os dados do VARSUL foram obtidos através de duas entrevistas feitas com cada informante. A primeira, apenas gravada, tinha como objetivo coletar os dados sociais do entrevistado; a segunda, gravada e posteriormente transcrita, tem duração de aproximadamente 45 minutos e contém "uma conversa em estilo não controlado sobre a vida do habitante da cidade": história familiar, história pessoal, profissão, relacionamento com amigos e com colegas de trabalho, participação na igreja, etc.

As entrevistas eram realizadas, sempre que possível, na casa do próprio informante, a fim de que este pudesse se sentir mais à vontade. Participavam dessa entrevista, normalmente, apenas o entrevistador e o entrevistado. Em alguns casos, houve a participação de um **interveniente** que ou era um acompanhante do entrevistador ou um membro da família do entrevistado (em algumas situações, os dois).

Com os dados obtidos na primeira entrevista, formulava-se um roteiro de assuntos que, além de procurar favorecer uma maior espontaneidade do entrevistado no momento da segunda entrevista, deixando-o falar a maior

parte do tempo, tencionava fazê-lo produzir um discurso linguisticamente variado em termos de vocabulário, estruturas, tempos e modos verbais, pronominalizações, etc.

As entrevistas foram transcritas seguindo o mesmo sistema adotado pelo Projeto Censo de Variação Lingüística do Rio de Janeiro, constituído de três linhas. Na primeira, registra-se a sintaxe real da fala dos informantes (com exceção da concordância nominal); na segunda, os aspectos fonéticos e as pausas e, na terceira, as informações sobre a ênfase, a mudança de velocidade na fala e a classificação morfossintática dos itens lexicais. Essas transcrições estão armazenadas em disquetes para uso em microcomputadores IBM ou compatíveis. Para leitura ou impressão das entrevistas, deve-se utilizar o Editor VARSUL; já para a seleção de dados, usa-se o Interpretador VARSUL.

3.2. Os Informantes

A seleção dos informantes do projeto VARSUL condicionou-se, obrigatoriamente, ao preenchimento dos requisitos abaixo:

- 1.º) ter, preferencialmente, nascido na localidade;
- 2.º) ter morado na cidade a maior parte de sua vida (pelo menos 2/3);
- 3.º) não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (2 a 12 anos);
- 4.º) ser uma pessoa que não cause estranheza a outros moradores da região;
- 5.º) preferencialmente só falar português (mesmo que entenda outra língua).

Preenchidos os requisitos acima (que estão relacionados ao critério étnico), os informantes, de cada município, foram selecionados, ainda, pelos seguintes critérios: **sexo, faixa etária e grau de escolaridade**.

Quanto ao **sexo**, selecionaram-se 12 homens e 12 mulheres de cada localidade.

A **faixa etária** foi dividida em A e B. Na faixa etária A, estão indivíduos com idades entre 25 a 49 anos (preferencialmente 25 a 45²⁷); na faixa etária B, pessoas acima dos 50 anos (preferencialmente de 55 a 75). São 12 informantes na faixa etária A, dos quais 6 são homens e 6 são mulheres; assim também se dá na faixa etária B: 12 informantes, 6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

O **grau de escolaridade** foi dividido em primário, ginásial e segundo grau. Para cada um dos graus de escolaridade foram selecionados 8 informantes: 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. No primário, incluem-se as pessoas que tenham cursado de 4 a 5 anos de escola, portanto de 4.^a a 5.^a série do 1.^o grau. No ginásio, estão os indivíduos que tenham estudado de 8 a 9 anos, ou melhor, que tenham feito até a 8.^a série ou o 1.^o ano do 2.^o grau. O segundo grau compreende informantes que tenham cursado de 10 a 11 anos de escola, isto é, pessoas que estudaram até o 2.^o ou o 3.^o ano do 2.^o grau. É importante ressaltar que, sempre que possível, evitou-se a escolha de pessoas que tenham feito supletivo.

Foram excluídos da amostra do VARSUL os analfabetos e os portadores de curso superior. Aqueles por constituírem população alvo de estudos dialetais e estes por representarem a norma urbana regional culta.²⁸

É importante ressaltar que, nas cidades de Londrina e de Irati, os informantes foram selecionados, também, pelo critério de **rede de comunicação**, que se divide em **rede aberta** e **rede fechada**. Na rede aberta, encaixam-se as pessoas comunicativas, que trabalham para ou com a comunidade, pessoas que lidam com o público : professor, costureira, bancário,

²⁷ Estas preferências existem para evitar possíveis desvios que podem ocorrer caso as faixas etárias estejam muito próximas dos seus limites.

²⁸ Deve-se tomar cuidado para não se confundir norma culta com norma padrão. A primeira representa o falar de pessoas com uma longa educação formal, o segmento mais escolarizado da sociedade, pessoas com curso universitário; a segunda refere-se aos modelos prescritos pelas gramáticas normativas.

secretária, assistente social, vendedor, etc. Na rede fechada, estão as pessoas que trabalham em situações nas quais não se lida diretamente com o público: dona de casa, digitador, vigia, agricultor, lixeiro, etc.

Para se ter uma noção (ainda que vaga) da classe social a que pertencem os informantes, fez-se um levantamento a respeito das profissões exercidas por eles, verificando-se que estas são variadas. Entre os homens, encontram-se funcionários públicos, motoristas, comerciários, mecânicos, operários, comerciantes, pintor, vigia, policial, porteiro, zelador, ajudante de caminhão, estofador, bancário, gerente de posto, contador, etc. Entre as mulheres, há donas de casa, professoras primárias, empregadas domésticas, zeladoras, costureiras, vendedoras, secretária, telefonista, assistente social, manicura, etc. Como se pode perceber, com poucas exceções, a maioria dos informantes se inclui na classe social de baixa renda.

3.3. Metodologia

Delimitado o objeto de estudo desta pesquisa, o qual constitui a sua variável dependente – a aplicação da regra de preenchimento do sujeito pronominal – e estabelecidas as formas variantes – eu, ϕ (eu), nós, ϕ (nós)²⁹ – procuramos reunir conjuntos de fatores que pudessem apresentar-se como condicionadores do preenchimento ou não do pronome-sujeito. Estes fatores, que representam as variáveis independentes e que podem ser de natureza lingüística (ou estrutural) e social (ou extralingüística), são os seguintes:

- fatores lingüísticos: tempo/modo verbal e tipo de oração;
- fatores sociais: sexo, faixa etária, grau de escolaridade e etnia.

O fator tempo/modo verbal é importante para nossa análise porque permite verificar até que ponto as desinências número-pessoais têm condicionado o apagamento do pronome-sujeito (principalmente por tratar-se,

²⁹ Sobre as formas variantes já fizemos comentário no capítulo 1, item 1.3.

neste caso, de pronomes de 1.^a pessoa, isto é, formas bem marcadas), possibilitando-se, assim, confirmar ou refutar o que tradicionalmente se prega a esse respeito.

Incluimos o fator tipo de oração porque tem sido utilizado em diversos trabalhos de variação que tratam do mesmo tema (LIRA, 1988; PAREDES DA SILVA, 1991a; DUARTE, 1993; MENON, 1996) e, muitas vezes, tem-se mostrado um dos elementos mais relevantes no condicionamento da variável dependente; além disso, parece haver um estreito relacionamento de algumas orações com alguns tempos verbais.

Como não poderia deixar de ser, em uma análise sociolinguística, procuramos averiguar em que medida os fatores sociais estariam condicionando a variável dependente, já que estamos lidando com a realização da fala de comunidades constituídas por homens e mulheres de variadas faixas etárias, com graus de escolaridade distintos, de etnias diversas, enfim, indivíduos diferentes que, possivelmente, não se expressam da mesma maneira.

Através do fator faixa etária, procuramos determinar se as variantes observadas neste estudo estão em situação de variação estável ou de mudança linguística. TARALLO (1986:65) informa que haverá variação estável se não existirem mudanças entre as faixas etárias. Mas se o uso da variante mais inovadora ocorrer com mais frequência na faixa etária mais jovem, diminuindo em relação à idade dos informantes mais velhos, então teremos uma situação de mudança em progresso.

Estudos sobre a variável sexo têm revelado que, embora não existam linguagens distintas para homens e para mulheres, estes apresentam comportamentos linguísticos diferenciados, conforme nos informa OLIVEIRA (1995:7):

Se, por um lado, é verdade que em nenhuma sociedade ou língua há “linguagens” separadas para homens e mulheres, por outro lado, a

preferência por certos empregos, em função do sexo, parece estar presente em algumas línguas.

Ao observarmos este fator, procuramos verificar se, nesta pesquisa, há comportamentos lingüísticos suficientemente diferenciados entre homens e mulheres que permitam fazer algumas considerações (como as de outros trabalhos) sobre quem utiliza mais freqüentemente as formas “padrão” ou de “prestígio”, quem tende a usar mais formas “inovadoras” ou, ao contrário, quem é mais conservador, etc.

O grau de escolaridade possibilita-nos saber se a escola tem influenciado no desempenho lingüístico dos indivíduos, fazendo-os optar ou não por formas “padrão” (que são as prescritas pela GT) em detrimento das “não-padrão”, já que a sua função tem sido inculcar esses modelos padrões aos alunos.

Em relação às diferenças decorrentes da localidade³⁰, observemos o que diz COULTHARD (1991:7):

A maioria das pessoas sabe que há diferenças significativas na fala de pessoas de várias regiões do Brasil e de Portugal, embora consideremos a existência de somente uma “língua portuguesa”. Na verdade, é comum as pessoas falarem de *sotaques* e *dialetos* – “ela fala com o sotaque nordestino”; “o sotaque do Rio é o mais bonito”; “no meu dialeto nunca usamos *tu*”.

Freqüentemente, as influências da localidade são mais evidentes nas variações fonéticas; queremos ver em que medida a variação gramatical – uso ou não do pronome-sujeito – está relacionada a esse fator.

3.3.1. A seleção dos dados

Inicialmente, procedemos a um levantamento de dados que pudesse selecionar os casos de presença e de ausência dos pronomes *eu* e *nós*,

³⁰ Quando fazemos referência às localidades, estamos, na verdade, aludindo às etnias representadas nestas localidades.

exercendo, de fato, a função de sujeito. Este levantamento foi feito de duas maneiras: parte automaticamente e parte manualmente.

A busca automática foi realizada através do **interpretador** do VARSUL. O interpretador é um programa o qual dá recursos para que se encontrem seqüências de caracteres de interesse do usuário, utilizando-se determinados parâmetros de busca. Por exemplo, para selecionarmos os casos de presença de *eu* e de *nós*, digitamos esses pronomes no espaço identificado como “seqüência de busca”, especificando a “abrangência” desta, isto é, especificando o tamanho do texto a ser apresentado como ocorrência válida para a busca, podendo ser de uma simples palavra até o período completo que a contém. Neste trabalho, solicitamos a busca no período completo, a fim de podermos analisar o **tipo de oração** (substantiva, adjetiva, coordenada, principal, ...) em que os pronomes ocorrem.

Como na busca automática o interpretador não dispõe de recurso para distinguir a função sintática dos elementos, dentre os pronomes selecionados apareceram não só aqueles com função de sujeito, mas também alguns com outras funções:

- (10) ... deus criou você, criou **eu**, individualmente cada um é diferente um do outro, ninguém é <i->, ninguém nunca nenhum de nós no mundo **todo** é igual, e **todo** mundo é diferente. (01 LDN F A PRI SL 0690)³¹
- (11) Eu era **eu** e estava realizada. (04 CTB F A GIN SL 1171)
- (12) E ele vendia uva perto da nossa casa lá, e então ele olhava em **nós** e já sabia que éramos nós, né? (13 LDN M A PRI SL 0796)
- (13) Muito bom, muito inteligente, então o pai justou ele pra ensinar **nós**, né? pagava [por]- por cabeça como dizem, ... (20 IRT M B PRI SL 0062)

³¹ A identificação dos dados será feita contendo as seguintes informações, pela ordem: número da entrevista, código da cidade (Pato Branco: PBR; Irati: IRT; Londrina: LDN; Curitiba: CTB), sexo do informante (masculino: M; feminino: F), faixa etária (1.ª faixa etária: A; 2.ª faixa etária: B), grau de escolaridade do informante (primário: PRI; ginásio: GIN; segundo grau: SEG) e o número da linha em que se encontra a ocorrência na entrevista (SL).

Para resolvermos estes problemas, partimos para um segundo momento de seleção, desta vez manual, entrevista por entrevista, em que desconsideramos todos os pronomes *eu* e *nós* que não tinham a função de sujeito.

A seguir, para obtermos a forma elíptica do pronome-sujeito *nós*, solicitamos ao interpretador que buscasse os verbos terminados em *-mos*. Todavia, ao fazermos isso, foram selecionados, também, casos de verbos acompanhados do pronome *nós* expresso. Portanto, houve a necessidade de revermos todos os elementos selecionados, retirando aqueles que não representavam situações de elipse. Ainda assim economizamos um bom tempo, pois não houve a necessidade de fazermos a leitura das entrevistas inteiras.

Já para a busca da elipse do pronome-sujeito *eu* não foi possível usarmos o interpretador do VARSUL, visto que as desinências verbais que marcam essa pessoa são variadas, além do que, nos tempos não-marcados para esse pronome, as terminações normalmente coincidem com as de 3.^a do singular e, se fizéssemos a busca automática, selecionaríamos diversas palavras que não nos interessam. Desse modo, realizamos a busca manualmente, procedendo da seguinte forma: primeiramente foram impressas as 96 entrevistas correspondentes ao estado do Paraná (24 de cada cidade); depois, cada entrevista (composta em média por 1.000 linhas) era lida e, à medida que surgiam os casos de *eu* elíptico, estes eram destacados com uma caneta colorida; por fim, os dados selecionados foram separados, no computador, em um arquivo específico para posterior codificação.

Antes de apresentarmos a codificação, precisamos esclarecer algumas ocorrências dos pronomes *eu* e *nós* que **não foram consideradas** na contagem dos dados:

1) **Todas as situações em que *eu* e *nós* não desempenhavam a função de sujeito** (como já se destacou, exemplos 10, 11, 12 e 13); conseqüentemente, não foram computados os **pronomes empregados isoladamente**, sem nenhum verbo de que pudessem ser sujeito, por exemplo:

- (14) **Eu não- eu não** (hes) quando a <ma-> o pai e a mãe vêm passear aqui em casa, então o pai levanta cedo, faz chimarrão, ... (03 PBR F A GIN SL 0415)
- (15) **Eu**, por exemplo, a nossa comunidade ali tinha- o clube mais perto era- que nós chamávamos o Vasco dos Roldos. (17 PBR M A SEG SL 0475)
- (16) Sei lá, só se eles tiverem eles não contam, né? porque **nós** mesmos, por exemplo assim, a gente que acredita na congregação, na igreja, né? a gente tem revelação, a <gen-> os irmãos assim ensinam a gente não ficar assim, contando, espalhando pra todo mundo, sabe?... (03 LDN F A GIN SL 0457)

2) pronomes repetidos, se acompanhados de um único e mesmo verbo, situação em que contamos apenas um pronome:

- (17) Eu sempre gostei de inglês, né? na- até na própria escola esse básico **eu**... eu sempre me saía muito bem. (15 IRT M A GIN SL 0067)
- (18) ... uma vez ganhei cinqüenta mil, sei lá quanto que dá hoje, era cinqüenta mil naquela época, né? ganhamos carro, né? **nós**... nós nunca perdemos nenhuma, só ganhamos. (24 PBR M B SEG SL 0385)
- (19) **Eu**, até começo de julho, eu até fiz compras de livros pra ali. (06 CTB F B SEG SL 0449)

Entretanto, consideramos tantas ocorrências para pronomes repetidos quantos foram os verbos também repetidos:

- (20) Aqui onde **nós** estamos, **nós** estamos uma, duas, três, quatro quadras da igreja, né? isso aqui era chácara. (24 PBR M B SEG SL 0271)
- (21) **Eu** morava... **eu** morava aqui, né? (08 CTB F A PRI SL 0366)

3) Discursos relatados, isto é, circunstâncias em que o informante relatava o discurso alheio:

- (22) Quando falavam os namorados assim: "olha, **eu** quero casar com você". (06 CTB F B SEG SL 0154)
- (23) "Ah, **eu** ganhei tal coisa e não gostei", né? a gente escutava esses comentários assim. (03 PBR F A GIN SL 0462)
- (24) "Mas **eu** não estou aqui sentado porque você estava me consertando?" ele falou. (03 PBR F A GIN SL 0698)

4) **expressões cristalizadas** em termos de não preenchimento do pronome-sujeito, as quais funcionam como marcadores discursivos:

- (25) Então, **vamos supor**, eu, na minha época, [era]- era piá. (01 CTB M A PRI SL 0751)
- (26) ... o anel central pra quem, **vamos supor**, sabe dirigir, que é profissional, ele nunca vai fazer engarrafamento, mas, agora, o pessoal que não dirige, que só pega o carro dia de chuva, daí ele vai se perder e se embanana todo. (01 CTB M A PRI SL 0497)
- (27) Hoje em dia eu até eu falo [até]- até hoje pros meus filhos que, **vamos dizer assim**, é- faltava um pouquinho [de]- de alguma coisa pra essa professora notar que eu tinha alguma- (24 LDN M B SEG SL 0225)
- (28) É porque a gente, **sei lá**, eu acho que a gente acostuma também, né? (12 CTB F A SEG SL 0610)

É necessário esclarecermos que só foi desconsiderado o uso de “vamos supor” e “vamos dizer” nas situações em que estas formas (muito freqüentes no discurso de certos informantes) não equivaliam a uma locução verbal propriamente dita, e sim à expressão “por exemplo”.

Quanto ao uso de “sei lá”, fizemos um levantamento e constatamos que, embora em número bastante reduzido, ocorrem casos com o pronome expreso (ou seja, “eu sei lá”), das 255 ocorrências encontradas, apenas 21 apresentavam pronome explícito:

- (29) E é tanta coisa, né? ah, **eu sei lá**. (06 IRT F A SEG SL 0702)
- (30) Então, tem bastante gente pobre, sabe? um pouco assim, **eu sei lá**, [não]- não sei lá [se é]- [se é]- se é interesse,... (15 PBR M A GIN SL 1095)

Essas 21 ocorrências vêm demonstrar que o uso de “sei lá” não está tão cristalizado como o uso de “vamos supor”; porém como os casos encontrados caracterizam-se sempre como marcadores discursivos, não os consideramos para a contagem dos dados.

5) **Pronomes *eu* ou *nós* sujeito de infinitivo** nos casos em que, canonicamente, deveria haver *me* ou *nos*. Foram encontradas 53 ocorrências assim distribuídas: 16 em Irati, 8 em Pato Branco, 12 em Curitiba e 17 em Londrina.

- (31) Cine ouro verde, deixa **eu** ver, estou com cinquenta e seis anos, é ele tinha um ah, já tem uns quarenta anos já, é. (07 LDN F B PRI SL 0823)
- (32) Ah, eu de vez em quando assisto, mas novela eu não me apego porque o segundo não deixa **nós** assistirmos. (07 PBR F B PRI SL 0820)
- (33) ... ele ficou admirado e aí ele chamou mais uns oficiais e mandou **eu** carregar de novo a bigorna e todos eles ficaram de boca aberta. (17 CTB M B SEG SL 1168)
- (34) Então eles faziam **eu** subir naqueles cupins [de]- de formiga e eu tinha que fazer pose de santa pra ficar lá, pra não brincar com eles na casinha. (03 IRT F A GIN SL 0026)

Essas ocorrências foram eliminadas porque procuramos selecionar somente os usos que a GT considera apropriados para os pronomes-sujeito *eu* e *nós*, isto é, os usos canônicos; sobre isso, expressa-se ALMEIDA (1978):

Cabe, em português, aos pronomes *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós*, *eles*, chamados pronomes do caso reto, exercer a função do sujeito. Casos, há, no entanto, em que os pronomes oblíquos *me*, *te*, *o*, *nos*, *vos*, *os* é que exercem a função de sujeito; exemplo: “Mandaram-*me* sair”. Seria erro grosseiro dizer em português “Mandaram *eu* sair”. (p.251)³²

Apesar de colocações como essa de ALMEIDA, o que se constata, na língua falada, é justamente o emprego freqüente do pronome *eu* no lugar de *me*, nessa situação. Assim, para testarmos em que medida ainda seria produtiva a ocorrência dos pronomes *me* ou *nos* como sujeitos de infinitivo, fizemos, paralelamente, um levantamento, encontrando um número muito pequeno de casos (todos de pronome *me*³³): **treze**, dos quais apenas **sete** constituíam empregos verdadeiramente canônicos, os outros **seis** eram situações em que havia o uso de dois pronomes – *me* e *eu*:

³² Grifo acrescentado.

³³ Não houve ocorrência, nas entrevistas do VARSUL, do pronome *nos* como sujeito de infinitivo.

- (35) Ai, o Didi ontem **me** fez **eu** chorar, me doía a barriga. (20 CTB F B PRI SL 0991)
- (36) ... nunca tinha ido pra praia, minha mãe **me** deixou **eu** ir, eu tinha dezoito anos. (03 IRT F A GIN SL 1021)
- (37) E eu cresci na fartura, sabe? foi boa, minha infância foi boa, e <enquan-> eles **me** obrigavam **eu** estudar, né?... (20 LDN M B PRI SL 0013)

A presença de *me* e *eu* nos exemplos (35), (36) e (37) mostra que o falante parece considerar o pronome *me* apenas como complemento do primeiro verbo e o pronome *eu* como sujeito do segundo verbo.

6) Problemas relativos à concordância, isto é, quando pronome e verbo não estavam na mesma pessoa:

- (38) Ah, eu estou feliz da vida aqui com a mãe, **é só nós** duas, né? ela não fica sem mim e eu não fico sem ela, né? (11 PBR F B SEG SL 0747)
- (39) Eles já estão que quando vêm que **é eu** que estou ali, já passam bem assim. (08 CTB F A PRI SL 1163)
- (40) **Nós ia-** cansava de vir lá da Água Verde, que **nós tinha** uns conhecidos nossos Água Verde e ia lá na-lá na Júlia da Costa, bem dizer de a pé. (16 CTB F B GIN SL 1273)
- (41) Teve uns tempos que a máquina passou, tirou todo o cascalho e ficou uma terra, né? então, quando chovia bastante, **nós não conseguia sair** de carro, não conseguia sair a pé, ... (04 IRT F A GIN SL 0676)
- (42) Foi eu. (23 LDN M B SEG SL 0634)

Essas situações de concordância “estigmatizada”, ou seja, sem prestígio, foram desconsideradas por apresentarem verbos cujas desinências “não-marcadas” nem sempre permitem verificar se, conforme prega a GT, o paradigma flexional “bem marcado” dispensa a presença do pronome-sujeito e, como já destacamos, este é um item o qual queremos observar neste trabalho.

Embora não tenhamos computado esses casos para a análise, realizamos o levantamento de todas as ocorrências, encontrando 103 dados: 24 em Irati, 11 em Pato Branco, 16 em Londrina e 52 em Curitiba. O maior número encontrado em Curitiba resulta do fato de um de seus informantes (n.º 16, sexo feminino, 2.ª faixa etária, escolaridade ginásial) ter produzido, sozinho,

36 dessas ocorrências; se desconsiderarmos tal informante, reduz-se o número de casos a 16, equilibrando-se com as demais localidades.

Os 103 dados encontrados representam um pequeno número de ocorrências se comparados ao número total dos dados desta amostra: 24.181. Podemos verificar, então, que na linguagem falada urbana – com informantes que possuem graus de escolaridade que vão do primário ao segundo grau – não é tão comum encontrarem-se concordâncias verbais “estigmatizadas” (pelo menos quando se trabalha com pronomes de 1.^a pessoa); na elocução desses informantes, as desinências verbais ainda apresentam-se bem marcadas, ao contrário do que ocorre na área rural, onde as formas “não-prestigiadas” são bastante comuns, conforme atestam trabalhos como o de ASSIS (1988).

3.3.2. A codificação dos dados

Os dados selecionados foram codificados seguindo as especificações do programa VARBRUL, a fim de que pudessem receber um tratamento estatístico adequado, permitindo-nos, assim, produzir análises mais acuradas dos fenômenos lingüísticos variáveis.

Cada uma das variantes da variável dependente e cada um dos fatores que compõem as variáveis independentes receberam um símbolo³⁴, geralmente mnemônico, para facilitar o processo de codificação e de digitação, a saber:

a) variantes da variável dependente:

| símbolo | descrição |
|----------------|--------------------------------|
| 1 | presença do pronome eu |
| 2 | ausência do pronome eu |
| 3 | presença do pronome nós |
| 4 | ausência do pronome nós |

³⁴ Excetuando-se o ponto final “.”, a barra inclinada para a direita “/” e o abre-parêntesis “(”, que têm significados especiais para o programa VARBRUL, o pesquisador pode utilizar todos os outros caracteres existentes no teclado de um computador.

b) tempo e modo verbal:

| símbolo | descrição |
|----------------|-----------------------------------|
| o | presente do indicativo |
| p | perfeito do indicativo |
| i | imperfeito do indicativo |
| c | condicional (futuro do pretérito) |
| f | futuro do presente |
| e | presente do subjuntivo |
| s | imperfeito do subjuntivo |
| q | futuro do subjuntivo |
| v | imperativo |
| a | imperativo atenuado |
| r | infinitivo |
| g | gerúndio |
| x | pretérito mais que perfeito |

c) tipo de oração:

| símbolo | descrição |
|----------------|---|
| b | oração absoluta |
| & | 1. ^a oração de um período coordenado |
| n | 2. ^a oração de um período coordenado sindético |
| d | 3. ^a oração de um período coordenado sindético |
| @ | 2. ^a oração de um período coordenado assindético |
| k | 3. ^a oração de um período coordenado assindético |
| l | oração principal |
| t | oração subordinada substantiva |
| j | oração subordinada adjetiva (ou relativa) |
| w | oração subordinada adverbial |
| m | oração mista ³⁵ |

³⁵ Explicaremos o que consideramos ser uma oração mista no capítulo 4, quando estivermos fazendo a análise dos dados.

d) sexo:

| símbolo | descrição |
|----------------|------------------|
| M | masculino |
| F | feminino |

e) faixa etária:

| símbolo | descrição |
|----------------|---|
| A | 1. ^a faixa etária (de 25 a 49 anos) |
| B | 2. ^a faixa etária (acima de 50 anos) |

f) grau de escolaridade:

| símbolo | descrição |
|----------------|----------------------|
| P | primário |
| G | ginasial |
| C | 2. ^o grau |

g) localidade:

| símbolo | descrição |
|----------------|------------------|
| U | Curitiba |
| H | Londrina |
| Z | Pato Branco |
| Y | Irati |

Para se ter uma noção do resultado final da codificação, observemos as “colunas de codificação” de alguns dados deste trabalho:

(1iwMBPU SL0490 **Quando eu era moço ainda**, aí foi feita a igreja [do]- do bigorriho, a igreja dos passarinhos ...

(2otFBCY SL1233 ...já falei pra vocês **que escrevo bastante, né?**

(3p&FBPH SL0437 **Nós fomos visitar** e viemos de jataí, né?

(4obMAGZ SL0035 Somos em catorze irmãos.

Na primeira coluna, coloca-se sempre um abre-parêntesis, o qual indica início de dado; na segunda coluna, apresenta-se o código da variável dependente; a partir da terceira coluna até a oitava, têm-se os códigos das variáveis independentes. Finalizada a codificação, deixa-se pelo menos um espaço em branco. O programa desconsidera o que vem após este espaço, por serem comentários, informações diversas pertinentes apenas para o pesquisador. “SL”, seguido de um número, indica a linha em que está o dado na entrevista completa, e a parte do texto destacada corresponde à oração em que se encontra o dado codificado.

Assim, no primeiro exemplo codificado, temos: o pronome *eu* expresso (1), com verbo no pretérito imperfeito do indicativo (i), dentro de uma oração subordinada adverbial (w); o informante é do sexo masculino (M), da 2.^a faixa etária (B), com curso primário (P) e morador em Curitiba (U).

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. O pacote VARBRUL

Os dados levantados e codificados foram submetidos aos programas do pacote VARBRUL (versão 1988). Tal pacote é composto por um conjunto de dez programas, a saber: CHEKCTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUP.

Segundo SCHERRE (1993), estes programas correspondem a modelos matemáticos aos quais cabe a função de dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis. Produzem como resultado final, além de valores percentuais que permitem averiguar as freqüências obtidas, pesos relativos que apontam se os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador são estatisticamente relevantes.

Para uma análise de regra variável, são utilizados os programas CHEKCTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB ou TVARB ou MVARB. Os três primeiros fazem correções e adaptações necessárias nos dados, preparando-os para serem executados por um dos três últimos. O uso de um ou de outro destes três últimos programas depende do número de variantes com que se está trabalhando. Assim, usa-se o IVARB se a análise for binária, isto é, se possuir apenas duas variantes; o TVARB é usado para três variantes e o MVARB para quatro ou cinco.

Neste trabalho, foram usados os programas IVARB e MVARB. O MVARB para termos uma visão do comportamento, da distribuição geral dos dados nas quatro variantes da variável **preenchimento do pronome-sujeito de primeira pessoa**: *presença de eu, ausência de eu, presença de nós, ausência de nós*. Ao se trabalhar com quatro variantes, o peso relativo neutro é .25, pesos abaixo desse valor inibem a aplicação da regra; pesos acima, favorecem a aplicação da regra.

O IVARB foi utilizado para uma análise mais fina dos dados; observando-se, separadamente, o comportamento de *eu* e de *nós*, verificando se apresentam diferenças significativas em relação aos fatores lingüísticos e extralingüísticos e às ocorrências numéricas bastante diferenciadas (21.334 casos de pronome *eu* e 2.847 casos de *nós*). Quando a variável é binária, o ponto neutro passa a ser .50 e os valores acima ou abaixo disso favorecem ou inibem a aplicação da regra.

Tanto ao utilizarmos o MVARB quanto o IVARB, não foi possível rodarmos as quatro variantes com todos os fatores lingüísticos e extralingüísticos simultaneamente, pois o número de fatores ultrapassa o limite de 1.000 células aceito pelos programas. Assim, houve a necessidade de fazermos rodadas separadas, as quais permitem contemplar se há alterações significativas nos pesos relativos pelo acréscimo ou exclusão de um ou de outro fator.

Primeiramente, foram rodadas as quatro variantes com os fatores lingüísticos; nessa rodada, ocorreram **sete** casos de *knockout* na variável independente **tempo/modo verbal**, isto é, sete formas verbais apresentaram ao menos um *resultado zero* e foram excluídas porque não constituíam casos de variação, uma vez que ou sempre ocorrem ou nunca ocorrem com pronome expresso. Além disso, o programa não prossegue, não gera o próximo arquivo enquanto esses casos não forem eliminados.

Na segunda rodada, as quatro variantes foram agrupadas com os fatores sociais (sexo, faixa etária, grau de escolaridade e etnia), não apresentando nenhum caso de *knockout*.

A partir da terceira rodada, foram separadas as variantes *presença e ausência de eu* das variantes *presença e ausência de nós*. As variantes *eu* e ϕ (*eu*) foram rodadas, primeiramente, só com os fatores lingüísticos; depois, só com os sociais. Ao juntarmos todos os fatores para fazermos um rodada

conjunta, novamente houve o problema de ultrapassar o número de células; então, foi retirada, aleatoriamente, a variável independente **etnia**. Depois, fizemos uma outra rodada incluindo a etnia e retirando o **grau de escolaridade** que se havia mostrado pouco significativo na rodada anterior.

O mesmo procedimento foi adotado nas rodadas com as variantes *nós* e ϕ (*nós*). Primeiramente os dados foram rodados só com os fatores lingüísticos, depois com os extralingüísticos e, por último, com os dois; retirando-se, primeiramente, a etnia e, depois, acrescentando-se a etnia e excluindo-se o grau de escolaridade.

4.2. Os resultados

Os dados levantados acerca da presença e da ausência dos pronomes-sujeito de primeira pessoa *eu* e *nós* somaram um total de 24.181 ocorrências, das quais 14.663 (61%) são casos de sujeito pleno e 9.518 (39%) de sujeito nulo.

Dos casos plenos, 13.026 (89%) pertencem ao pronome *eu* e apenas 1.637 (11%) ao pronome *nós*; dos casos nulos, 8.308 (87%) são ocorrências de pronome *eu* e 1.210 (13%) de pronome *nós*. Portanto, as ocorrências de *eu* ultrapassaram mais de sete vezes as ocorrências de *nós*.

Isto se deve, possivelmente, ao tipo de entrevistas analisadas, ou seja, entrevistas em que se solicita ao informante falar a respeito de sua vida. O tipo de discurso é, basicamente, narrativa em que o entrevistado conta onde nasceu, onde estudou, quando casou, o que acha da cidade etc., situação que favorece o emprego bastante freqüente do pronome *eu*. Além disso, como se trata de linguagem falada, é comum o uso do pronome *a gente*, o que também deve ter contribuído para a pouca ocorrência de *nós*.

É importante ressaltar que, embora consideremos *a gente* como pronome de primeira pessoa, ele não foi incluído na contagem dos dados porque não apresenta desinência verbal marcada e um ponto que nos interessa observar é se a desinência bem marcada dispensa a presença do pronome-sujeito. Mesmo assim, à parte, fizemos um levantamento com o intuito de constatar o número de ocorrências de *a gente* na função de sujeito e encontramos 3.717 casos: 827 em Curitiba, 737 em Irati, 1.036 em Londrina e 1.117 em Pato Branco.

Devemos esclarecer que os 3.717 casos de *a gente* são todos de pronomes expressos, pois não houve a possibilidade de fazermos, neste momento, o levantamento das formas elípticas, as quais exigiriam busca manual, entrevista por entrevista. Ainda assim, as ocorrências de *a gente* são mais numerosas do que os casos do pronome *nós* expresso e elíptico juntos (2.847 casos).

A variação no uso de *nós* e *a gente* tem sido objeto de estudo de vários autores como ALBÁN e FREITAS (1991), MENON (1995b), OMENA (1996), entre outros, e tem revelado que a preferência por um ou por outro pronome normalmente está condicionada a fatores como *faixa etária* ou *tipo de elocução* (formal/informal). Por não ser objetivo deste trabalho, não fizemos uma análise procurando explicar a preferência dos falantes do VARSUL pelo pronome *a gente* em lugar de *nós*. Por hora, apenas constatamos que essa variação existe e que merece um estudo detalhado em outra oportunidade.

OMENA (1996:311) relata que a variação e o cruzamento dos pronomes *nós* e *a gente* deu origem a variações estigmatizadas como “a gente comemos” ou “nós comeu”. Em nosso trabalho, também verificamos a existência dessas formas: **96** casos de *nós* com verbo em 3.^a pessoa do singular (conforme exemplos 38, 40 e 41 da página 57) e **cinco** casos de *a gente* com verbos terminados em *-mos*:

- (43) ... então tive dificuldade pra ensinar, agora eu e meus irmãos **a gente** já **aprendemos** com facilidade o samba, sabe? (18 IRT M A SEG SL 1134)
- (44) Então **a gente** **ficamos** três dias, mas a gente quase não teve tempo de andar lá no centro, né? de Curitiba. (02 LDN F A PRI SL 1477)
- (45) Você vê, da minha irmã, **a gente**, na hora assim, **ficamos** toda- (04 CTB F A GIN SL 0406)
- (46) Então **a gente** **conseguimos** um- bom, o certo seria o melhor mesmo seria o asfalto, né? mas não veio. (04 LDN F A GIN SL 1071)
- (47) ... **a gente** **se damos** muito bem com a patroa, não é? criamos nossos cinco filhos, fomos tudo muito bem, apesar de um falecer desastrado, o mais velho, né?... (19 PBR M A PRI SL 0796)

A pouca ocorrência desses casos revela que, aparentemente, na fala urbana, na situação de entrevista, as pessoas produzem os pronomes *nós* e *a gente* com as concordâncias de acordo com os cânones gramaticais. Também OMENA (1996:311) destaca que encontrou poucos casos desse uso “estigmatizado” em seu trabalho.

Em relação ao uso do pronome *a gente* com verbo em 1.^a pessoa do plural, MENON (1995b) levanta a hipótese de que o falante faz esse tipo de concordância por **hipercorreção**:

... o traço de primeira pessoa do plural estaria tão completamente assimilado pelo falante que, por **insegurança lingüística**, faria a concordância de *a gente* com forma verbal de morfema *-mos*, como forma de demonstrar “erudição”.

Nas GTs, os raros comentários sobre esse tipo de concordância aparecem, geralmente, na seção dedicada à **silepse de pessoa**:

No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.^a pessoa do plural:

- **A gente perdemos sempre, mas nunca que desistimos...**
(CUNHA e CINTRA, 1985:616)

Em DIAS (1970:32), encontramos, sobre o português de Portugal, comentário sobre esse uso na parte referente à concordância verbal:

O povo liga freqüentemente a *gente* com o valor de *nós* o predicado no plural da 1.^a pessoa.

Outra situação que verificamos ser freqüente nos dados do VARSUL é a alternância do uso de *a gente* e *nós* em um mesmo período, o que mostra bem como é acentuada a variação entre esses pronomes:

- (48) É **a gente** ia pro centro, **nós** íamos muito pro centro eu e minha sobrinha, quando eles não tinham as crianças, então **a gente** via uma bolsa, um sapato, alguma coisa, gostava e comprava, ... (22 CTB F B GIN SL 1275)
- (49) **Nós** temos muitos clientes em Curitiba, sabe? então geralmente **a gente** vai a negócio, vai e volta, né? (22 IRT M B GIN SL 0602)
- (50) Então isso decepcionou muito a gente porque **nós** trabalhamos na campanha do Requião e do Sheida também, né? **a gente** votou pra ele. (01 LDN F A PRI SL 0355)
- (51) **A gente** sempre lutou, né? até esses dias **nós** tivemos a entrevista na rádio Cidade, né? daí **a gente** comentou sobre iluminação pública, sobre asfalto, que tinha estrada de chão, ... (01 PBR F A PRI SL 0175)

Ainda que somássemos os casos de *nós* e de *a gente*, o número de ocorrências continuaria bem inferior aos casos de *eu* (21.334). Esta situação vem demonstrar que o discurso dos informantes do VARSUL é, como chamariam alguns gramáticos, bastante egocêntrico. Mas isto não parece ser característica apenas dos entrevistados do VARSUL.

MENON (1994 e 1996) encontrou, nos dados do NURC, a mesma situação. Fazendo o levantamento dos pronomes-sujeito *eu* e *nós*, constatou, no trabalho de 1994, seis vezes mais ocorrências daquele (*eu*: 8.165, *nós*: 1.219). No trabalho de 1996, a autora também observou mais ocorrências de *eu*, embora com uma diferença numérica menor entre um e outro pronome (*eu*: 938, *nós*: 622). É interessante destacar que, no trabalho de 1994, MENON analisou DIDs (Diálogos entre Informante e Documentador), D2 (Diálogos entre Dois Informantes) e EFs (Eloquções Formais - gravações de aulas e conferências) e verificou que é justamente nesta última que o pronome *eu* é mais usado. As EFs, via de regra, deveriam aproximar-se mais da norma padrão;

conseqüentemente, deveriam apresentar menos casos de *eu*, dada a formalidade do discurso, mas não é isso que ocorre.

Assim, o que percebemos é que o uso do pronome *eu* tem sido intenso embora a literatura sobre o assunto e a escola procurem tolhê-lo. LAPA (1982: 113), por exemplo, condena a utilização do pronome *eu* e afirma que *um indivíduo muito cheio de si empregará com mais freqüência o pronome eu. Desse fato se derivam até os termos egoísmo, egocentrismo, etc., todos formados do vocábulo latino ego, que quer dizer “eu”.*

Também é comum depararmo-nos com professores que orientam os alunos no sentido de não utilizarem os pronomes de 1.^a pessoa do singular em suas produções textuais, desconsiderando que, em alguns casos, as necessidades discursivas pedem o uso desse pronome e uma substituição por 3.^a pessoa, por exemplo, poderia tornar o texto forçado, artificial.

Esses resultados nos revelam que o uso dos pronomes, em especial do pronome *eu*, não ocorre somente para dar ênfase ou desfazer ambigüidades como pregam as GTs, trata-se de uma utilização que se tornou comum, habitual, apesar dos esforços empenhados para suprimi-los, pelo menos, do discurso escrito dos falantes.

Passemos, neste momento, a observar a distribuição dos dados em relação aos fatores lingüísticos e extralingüísticos.

4.2.1. Os fatores lingüísticos

4.2.1.1. Tempo e modo verbal

Ao selecionarmos os dados, foram encontradas treze formas verbais: **presente do indicativo, pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito, imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do pretérito,**

presente do subjuntivo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, gerúndio, infinitivo, imperativo e imperativo atenuado (o qual explicaremos posteriormente).

Não fizemos um levantamento especial para as locuções verbais; estas, quando apareceram, foram classificadas de acordo com o tempo e o modo do verbo auxiliar, já que nos interessa, neste caso, verificar em que medida a desinência verbal influi no apagamento ou não do pronome-sujeito. Assim, casos como “Estávamos andando...” ou “Vou estudar até tarde” foram classificados, respectivamente, como imperfeito do indicativo e presente do indicativo (tempos expressos no verbo auxiliar). Acreditamos que o fato de o verbo ser simples ou estar em locução verbal não muda a questão do preenchimento e isto pudemos constatar em trabalho anterior (BOTASSINI, 1996) quando fizemos um levantamento diferenciado para as locuções verbais e constatamos que o comportamento destas em relação às formas verbais simples é o mesmo.

Dentre as treze formas verbais encontradas, algumas foram retiradas da análise porque, no momento em que foram submetidas às rodadas do programa VARBRUL, apresentaram *knockout*, são elas: o futuro do subjuntivo, o gerúndio, o imperfeito do subjuntivo, o pretérito mais que perfeito, o futuro do presente, o imperativo e o imperativo atenuado.

O **futuro do subjuntivo** foi retirado das rodadas com a variante *nós* porque, nos **quatro** casos em que apareceu, o pronome estava expresso; portanto, sem variação.

O **gerúndio** e o **imperfeito do subjuntivo** também apresentaram casos de *knockout* junto ao pronome *nós*, pois nas **quatro** e **onze** ocorrências, respectivamente, só exibiram pronome explícito.

O **pretérito mais que perfeito** e o **futuro do presente** foram eliminados tanto das rodadas com o pronome *eu* quanto com o pronome *nós*. Neste, porque não houve ocorrência e, naquele, porque o número de casos é insuficiente para produzir uma situação de variação: **um** caso de pretérito mais que perfeito e **dois** casos de futuro do presente, ambos com pronome elíptico.

O único caso de **pretérito mais que perfeito** encontrado no *corpus* deste trabalho (exemplo 52) vem comprovar que este tempo verbal é praticamente inexistente na língua falada, trata-se de uma forma extremamente culta que, na linguagem corrente, parece estar presente em, apenas, poucas frases exclamativas como “Quem me dera!”, “Pudera!”, “Tomara (que)... !” (conforme CUNHA e CINTRA, 1985:446).

(52) ... eu **tivera** que conversar com pessoas que acham que Deus não existe. (16 IRT M A GIN SL 1447)

Normalmente, no lugar do pretérito mais que perfeito o falante produz uma locução verbal com verbo **ter** (mais raramente **haver**) no pretérito imperfeito + **particípio**. Sobre isso comenta CÂMARA JR. (1991:100):

O pretérito mais que perfeito é de rendimento mínimo na língua oral, mesmo de registro formalizado de dialeto social culto; ou se emprega, em seu lugar, o pretérito perfeito, que não está formalmente marcado, como sucede com ele; ou se substitui por uma locução de **particípio** com o verbo auxiliar *ter* no pretérito imperfeito (*tinha cantado* em vez de – *cantara*)

O **futuro do presente**, assim como o pretérito mais que perfeito, é muito pouco usado na língua falada e as duas únicas ocorrências no *corpus* mostram isso. Não que os falantes do VARSUL não façam uso do futuro, ocorre que freqüentemente ele é empregado na forma de locuções verbais do tipo “verbo **ir** no presente do indicativo + **infinitivo**” (Vou sair bem cedo) ou “verbo **ter** + **de/que** + **infinitivo**” (Temos de/que falar com eles amanhã). E quando apareceram locuções verbais no *corpus*, fizemos a classificação pelo verbo auxiliar; desse modo, casos como os exemplificados acima foram incluídos no presente do indicativo.

O **imperativo**, em relação ao pronome *eu*, não apresentou, obviamente, ocorrência; já em relação ao pronome *nós* apresentou 46 casos, todos com o pronome elíptico, o que não nos interessa porque não traduz caso de variação.

Quando estávamos fazendo o levantamento dos dados, deparamo-nos com um tipo de construção que MENON (1996) já havia mencionado, trata-se do **imperativo atenuado**. O imperativo atenuado é um termo utilizado pela autora para as ocorrências inovadoras que se estão produzindo na língua em lugar do imperativo “canônico”. Tal construção (que não é comentada em qualquer gramática) ameniza o tom do imperativo, daí o nome imperativo atenuado. Por exemplo, no lugar de o informante produzir “Deixemos que Deus faça a vontade Dele”, está produzindo “Vamos deixar que Deus faça a vontade Dele”:

(53) Então ϕ **vamos deixar** que Deus faça a vontade dele... (16 PBR M A GIN SL 1196)

(54) Ah, quanto às provas, ϕ **vamos voltar** às provas, eram interessantíssimas, porque eram feitas neste caderno, caderno grosso, que era só pra prova, prova mensal. (24 CTB F B SEG SL 0350)

(55) ϕ **Vamos sentar** na frente. (06 CTB F B SEG SL 0973)

O imperativo atenuado foi excluído da análise do pronome *eu* porque, assim como no imperativo, não apresentou ocorrência. Já no pronome *nós* ele ocorre 127 vezes, sempre com pronome elíptico, determinando uma situação de não-preenchimento do pronome categórica.

O contexto é que determina com exatidão quando essas construções são verdadeiramente casos de imperativo atenuado e não casos de futuro perifrástico. Apesar de ser uma locução verbal, tratamo-la de maneira diferenciada em relação às demais porque percebemos, no momento do levantamento dos dados, que no imperativo atenuado a **não-explicitação** do pronome era absoluta e, se o incluíssemos nos casos do presente do indicativo, poderíamos desviar os resultados, porque estaríamos incluindo algo que é

categorico, que iria dar *knockout*, no caso do presente do indicativo em que há variação.

Assim, os tempos verbais remanescentes são os que se vêm nas tabelas 01 e 02.

Tabela 01 - Ocorrências do pronome EU em relação aos tempos e modos verbais.

| TEMPOS E MODOS VERBAIS | Pronome EU (21.331 ocorrências) | | | | | |
|--------------------------|---------------------------------|----|--------------------|-----------------|----|------|
| | PRESENTE (13.025) | | | AUSENTE (8.306) | | |
| | N.º de DADOS | % | P.R. ³⁶ | N.º de DADOS | % | P.R. |
| Presente do Indicativo | 6.751 | 59 | .47 | 4.761 | 41 | .53 |
| Pretérito Perfeito | 3.623 | 59 | .48 | 2.543 | 41 | .52 |
| Imperfeito do Indicativo | 2.131 | 71 | .62 | 856 | 29 | .38 |
| Futuro do Subjuntivo | 90 | 92 | .72 | 8 | 8 | .28 |
| Futuro do Pretérito | 89 | 75 | .64 | 30 | 25 | .36 |
| Gerúndio | 27 | 84 | .72 | 5 | 16 | .28 |
| Imperfeito do Subjuntivo | 102 | 83 | .55 | 21 | 17 | .45 |
| Infinitivo | 84 | 52 | .23 | 79 | 48 | .77 |
| Presente do Subjuntivo | 128 | 98 | .95 | 3 | 2 | .05 |

Como nas tabelas 01 e 02 (p.78) não estão explicitadas as formas verbais que apresentaram *knockout*, mas apenas aquelas significativas para a análise, há uma diferença entre os números nelas contidos e os números absolutos (eu: 21.334, nós: 2.847).

Comentemos a tabela 01. Para o pronome *eu*, os pesos relativos vêm demonstrar que, à exceção do infinitivo, em todos os outros tempos não-marcados para essa pessoa o índice de presença do pronome foi maior do que a ausência: imperfeito do indicativo .62, futuro do subjuntivo .72, futuro do pretérito .64, gerúndio .72, imperfeito do subjuntivo .55 e presente do subjuntivo .95. Já nos tempos marcados – presente do indicativo e pretérito perfeito – a ausência foi superior à presença, embora com pesos pouco expressivos, respectivamente, .53 e .52, quase neutros.

Este dado mostra que talvez a marca de sujeito pronominal ainda seja relevante para a primeira pessoa do singular, porque está dando uma leve

³⁶

P.R. = Peso Relativo

tendência a omitir o sujeito quando o verbo é marcado e a explicitá-lo quando não há marca específica, corroborando com a afirmação da GT de que a presença do pronome pode ocorrer por motivos tais como evitar ambigüidades ou opor as pessoas gramaticais. Como não fizemos um controle do sujeito da oração anterior, verificando se era igual ou diferente do sujeito da oração analisada, não sabemos com certeza se esses são os motivos que levaram os falantes a explicitarem mais o pronome quando, no verbo, não havia marca específica para a 1.^a pessoa do singular.

O tempo verbal que apresentou maior probabilidade para preenchimento foi o **presente do subjuntivo** com .95. Entretanto, em relação ao conjunto dos dados, há pouca ocorrência desse tempo verbal que é raro na língua: 131 casos, o que corresponde a menos de 1% do total dos dados. Portanto, esse .95 não é mais significativo do que o .62 do **pretérito imperfeito**, o qual apresenta um número de dados bem maior (2.131). Assim, não é sobre o conjunto de dados que o presente do subjuntivo tem mais possibilidade de ocorrer com pronome expresso; é se acontecer de aparecer presente do subjuntivo com pronome *eu*, há grande chance de ele se realizar com a presença do pronome.

O **gerúndio** e o **futuro do subjuntivo** aparecem com o segundo maior peso relativo para o preenchimento (.72). Do mesmo modo que o presente do subjuntivo, estas formas verbais representam uma pequena ocorrência no *corpus*, 27 e 90 casos com pronome expresso, respectivamente. Assim, deve-se tomar cuidado com afirmações que dêem importância demasiada a esses resultados.

Em relação ao gerúndio, é interessante verificar que, sendo considerado uma forma nominal, as gramáticas não mencionam a possibilidade de aparecer com sujeito. Entretanto, o que constatamos, nos dados do VARSUL, é que está ocorrendo a presença do pronome-sujeito junto ao gerúndio: dos 32 casos levantados, 27 apareceram com o pronome explícito

(84%). Em relação ao pronome *nós*, sequer há variação, pois todos os casos de gerúndio apresentaram pronome expresso:

- (56) **Eu recebendo** o meu, eu estou pouco me importando com o resto, né? então [para] mim está saindo, ... (11 LDN F B SEG SL 0587)
- (57) **Eu sempre andando** com uma moça estudiosa também fico estudiosa. (06 CTB F B SEG SL 0137)
- (58) O certo seria se eu ganhar- arrumasse um serviço pra ganhar bem **eu ganhando** bem ia estudando, daí dava pra pagar alguém, né? (04 LDN F A GIN SL 0492)
- (59) E **nós pulando e eu** com a bandeira **fazendo** folia ... (01 IRT F A PRI SL 0560)
- (60) Então eu acredito [no]- não no anjo da guarda, nos anjos da guarda (est) porque aqui **nós falando** nesse momento aqui eu acredito que tem- (09 CTB M A GIN SL 0569)

Precisamos deixar claro que nos exemplos (57) e (58) o pronome *eu* é, de fato, sujeito do gerúndio e não, como se poderia pensar, sujeito dos verbos **fico** e **ia**; pois se assim fosse, as orações “sempre andando com uma moça estudiosa” e “ganhando bem” seriam intercaladas e estariam entre pausas, e tomamos o cuidado de observar se isto ocorria ou não nas entrevistas transcritas³⁷.

Também devemos esclarecer que, como o gerúndio não apresenta desinência pessoal, os casos de elipse foram constatados levando-se em conta a oração antecedente, a qual deveria apresentar ou o pronome expresso ou marcado na desinência do verbo:

- (61) Oh, não me lembro agora, só ϕ **vendo** ali no livro, não sei, ... (11 IRT F B SEG SL 0055)

Contrariando as outras formas verbais que, na ausência de uma marca específica para indicar o pronome *eu*, apresentam-no expresso, o

³⁷ O sistema de transcrição dos dados do VARSUL é constituído de três linhas, conforme já explicamos na Metodologia. Em relação às pausas, na primeira linha o texto aparece com o registro da pontuação de acordo com a ortografia oficial e, na segunda linha, é registrada a informação sobre a existência ou não de pausa na fala.

infinitivo traz maior peso relativo para ausência (.77) do que para presença (.23).

A explicação para este fato pode estar relacionada ao tipo de oração em que a maior parte dos casos de infinitivo com *eu* elíptico aparecem. Dos 79 casos, 54 (68%) estão em orações adverbiais:

(62) Eu saí daqui **pra ϕ ir servir**, ... (19 PBR M B PRI SL 0431)

(63) ... **pra ϕ não votar no [Brizo-] no Collor**, votei no Lula. (13 CTB M B PRI SL 1003)

Das 54 orações adverbiais, 44 estão pospostas à oração principal e apenas 10 antepostas. Comparando os casos de infinitivo com sujeito elíptico e os casos de infinitivo com sujeito *eu* expresso, percebemos que, quando as adverbiais vêm pospostas à oração principal, parece existir uma certa inibição da língua para a explicitação do pronome, com conseqüente favorecimento à omissão desse, ainda que na principal o pronome esteja elíptico.

(64) Saí de lá **pra ϕ casar**. (08 CTB F A PRI SL 0862)

(65) ...mas estudei só **pra ϕ não parar, né?** (12 IRT F B SEG SL 0124)

Mas quando as adverbiais vêm antepostas à principal, há um favorecimento à explicitação do pronome nas duas orações.

(66) **Antes de eu trabalhar lá na prefeitura**, eu trabalhei numa loja de vender discos. (24 LDN M B SEG SL 0668)

(67) ... **pra eu fazer uma compra aqui pro meu setor** eu tive que ligar pra Cornélio,... (06 PBR F A SEG SL 0933)

Examinemos os números: na 1.^a pessoa do singular encontramos um total de 163 casos de infinitivo. Destes, 89 aparecem em orações adverbiais, das quais 34 estão antepostas à oração principal e 55 estão pospostas. Das 34 antepostas, 24 tem pronome expresso, isto é, 70,6%; das 55 pospostas, 44 tem pronome elíptico, ou seja, 80 %. Assim, a posição da oração adverbial parece estar influenciando na regra de preenchimento do sujeito pronominal. Como a maior parte das orações adverbiais com verbo no infinitivo apareceram

pospostas à oração principal, talvez seja esse o motivo de estar dando um peso relativo tão pequeno para o uso do pronome-sujeito.

O infinitivo na 1.^a pessoa do singular não apresenta desinência marcada; assim, todos os casos de elipse de *eu* foram determinados (como no gerúndio) levando-se em conta as orações antecedentes ou pospostas que deveriam apresentar ou o pronome *eu* expresso ou marcado na desinência do verbo:

(68) Olha, **eu** nunca gostei muito de estudo, pra ϕ **falar** a verdade, sabe?...
(02 IRT F A PRI SL 1318)

(69) ... daí já esper~~e~~**i** a nenê passar pros dois meses pra ϕ **vir** embora. (08
PBR F B PRI SL 0295)

(70) ... pra ϕ te falar a verdade **eu** nunca fui, ... (04 IRT F A GIN SL 0321)

Um problema que observamos no decorrer da análise é que no *corpus* existiam, também, ocorrências de infinitivo antecedido de *mim*:

(71) Então, pra **mim vender** essa parte vai me estragar o terreno. (02 CTB
M B SEG SL 0465)

Então, resolvemos fazer o levantamento do número de casos como o do exemplo (71), encontrando 107 ocorrências, das quais 74 tinham o pronome *eu* como antecedente ou um verbo com desinência em primeira pessoa do singular:

(72) **Eu** preciso de ter força pra **mim** trabalhar, né?... (08 CTB F A PRI SL
0756)

(73) Saí de lá pra **mim** me casar, ... (09 IRT F B GIN SL 0715)

O problema que se coloca a partir disso é: como ter a garantia de que o infinitivo sem pronome expresso seja caso de zero de *eu* e não de zero de *mim*? Assim, observamos novamente todos os casos considerados como infinitivo com pronome-sujeito *eu* elíptico, constatando que, dos 79 casos, 32 são situações em que não havia possibilidade de uso de *mim*, como em (74) e (75):

(74) Trabalhei dos dez anos até ϕ me **casar**. (02 CTB M B SEG SL 0529)

(75) ... eu tive até um prêmio. É por ϕ **ter** guardado uma das notas mais velhas, ... (21 PBR M B GIN SL 0661)

A impossibilidade de utilização do pronome *mim* em (74) e (75) parece estar relacionada ao tipo de preposição que antecede o infinitivo (**até**, **por**). Nas construções em que se vê o pronome *mim*, a preposição regularmente utilizada é **para/pra**. Exemplos com outro tipo de preposição como “Veio até mim” ou “Ele fez tudo por mim” são raros na língua. Para se ter uma noção, dos 107 casos encontrados, apenas um apresenta preposição diferente de **para/pra** e, mesmo assim, o informante titubeia entre usar *eu* ou *mim*:

(76) Não pode, mas uma pessoa acima de mim autoriza, então eu não tenho porque eu- **de mim** ficar aqui, né? (18 PBR M A SEG SL 0445)

A possibilidade de ocorrência de *mim* nos casos em que existe o infinitivo precedido de preposição **para** é muito grande, porque há um uso efetivo muito grande na língua de construções com verbos transitivos indiretos com complementos constituídos de **para/pra** + pronome: “Deu o presente **para mim / para ele / para nós / para você**”. Mas há rejeição para o uso de “Deu um presente **para eu**”, que é agramatical na língua. Com os outros pronomes não há problema porque, com a preposição **para**, os pronomes utilizados são normalmente os retos, à exceção do *eu* que é substituído pela forma oblíqua *mim*.

A língua é um contínuo, a partir do momento em que o indivíduo exprimiu um *pra/para*, a probabilidade de uso de *mim* é alta porque, ao se deparar com a preposição, o falante provavelmente acaba não percebendo o verbo posposto a ela. Assim, parece que a preposição, neste caso, está tendo mais peso no processamento do pronome do que o verbo no infinitivo.

Os outros 47 casos de infinitivo com pronome elíptico poderiam realizar-se com *eu* ou *mim*:

(77) ... eu me apresentei, mas não **pra ϕ ficar** lá, ... (23 IRT M B SEG SL 0050)

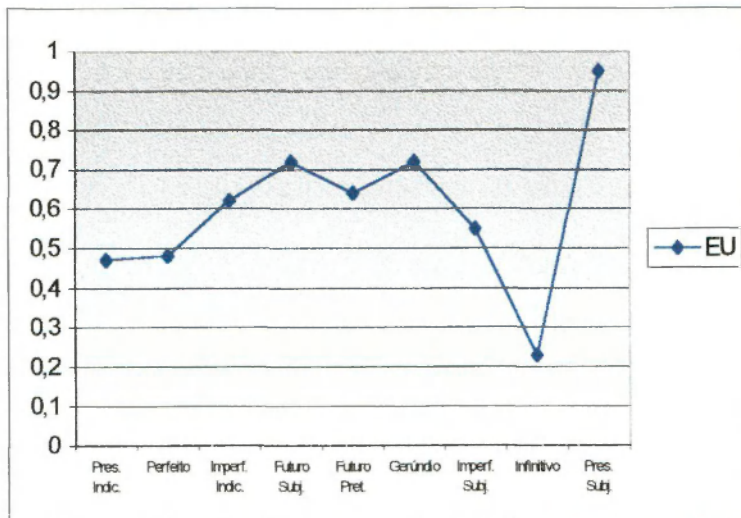
(77a) ... eu me apresentei, mas não **pra eu ficar** lá, ...

(77b) ... eu me apresentei, mas não **pra mim ficar** lá, ...

Ainda que nas 47 ocorrências não seja possível determinar com certeza se o falante produziria *eu* ou *mim*, ainda assim pode-se dizer que temos elipse de sujeito de 1.^a pessoa do singular, pois embora o *mim* não seja canonicamente pronome-sujeito, essa é a função dele nesse caso.

Podemos observar um resumo do que se expôs a respeito da distribuição do pronome *eu*, nos tempos e modos verbais, no gráfico 01:

Gráfico 01 – Preenchimento do pronome EU em relação aos tempos e modos verbais



Examinemos agora, na tabela 02, a distribuição do pronome *nós*:

Tabela 02 - Ocorrências do pronome NÓS em relação aos tempos e modos verbais

| TEMPOS E MODOS VERBAIS | Pronome NÓS (2.655 ocorrências) | | | | | |
|--------------------------|---------------------------------|----|------|-----------------|----|------|
| | PRESENTE (1.618) | | | AUSENTE (1.037) | | |
| | N.º de DADOS | % | P.R. | N.º de DADOS | % | P.R. |
| Pretérito Perfeito | 424 | 48 | .37 | 461 | 52 | .63 |
| Presente do Indicativo | 641 | 60 | .48 | 434 | 40 | .52 |
| Imperfeito do Indicativo | 529 | 80 | .72 | 136 | 20 | .28 |
| Futuro do Pretérito | 6 | 86 | .75 | 1 | 14 | .25 |
| Presente do Subjuntivo | 1 | 25 | .12 | 3 | 75 | .88 |
| Infinitivo | 17 | 89 | .62 | 2 | 11 | .38 |

Em relação ao pronome *nós*, os dados revelam que, apesar de, independentemente do tempo verbal, sempre apresentar uma desinência bem marcada (*-mos*), esta parece não estar influenciando no sentido de dispensar a presença do pronome-sujeito (como se mostrou em relação ao pronome *eu*); pois das seis formas verbais que restaram, retirando-se os casos de *knockout*, três apresentaram pesos relativos que favorecem o preenchimento: o **imperfeito do indicativo**, o **futuro do pretérito** e o **infinitivo**. Dos casos que inibem o preenchimento, há o **pretérito perfeito**, o **presente do indicativo** e o **presente do subjuntivo**.

O tempo verbal que mais favorece a aplicação da regra de preenchimento para o pronome *nós* é o **futuro do pretérito** com .75. Lembremos que embora o número de casos seja pequeno, apenas sete, esse resultado significa que, se houver a ocorrência de futuro do pretérito, haverá uma grande probabilidade de preenchimento do pronome-sujeito *nós*.

A seguir, há o **imperfeito do indicativo** com .72, mais significativo que o anterior porque apresenta um número bem maior de dados, 665, dos quais 529 têm o pronome expresso.

O **infinitivo**, ao contrário do que ocorre com o pronome *eu*, favorece a explicitação do sujeito para o pronome *nós* com .62.

É interessante observar que todos os tempos verbais os quais se mostraram favorecedores da aplicação da regra de preenchimento para o pronome *nós* (futuro do pretérito, imperfeito do indicativo e infinitivo) exibiram pesos relativos maiores do que no pronome *eu*, contrariando as expectativas; pois, neste pronome, tais tempos verbais não apresentam desinência marcada e, supostamente, deveriam favorecer mais o preenchimento do sujeito do que no pronome *nós*, o qual sempre apresenta a desinência *-mos*.

Dos tempos inibidores, o **presente do subjuntivo** é o que traz o peso mais significativo (.88), quase categórico. Todavia o número total de casos não é expressivo, somente quatro: **um** com pronome expesso e **três** com pronome elíptico. Mesmo no pronome *eu* existe um pequeno número de ocorrências desse tempo verbal (131 ao todo) que é pouco usado na língua. Em alguns casos, os falantes tendem a substituí-lo pelo presente do indicativo, que é mais comum:

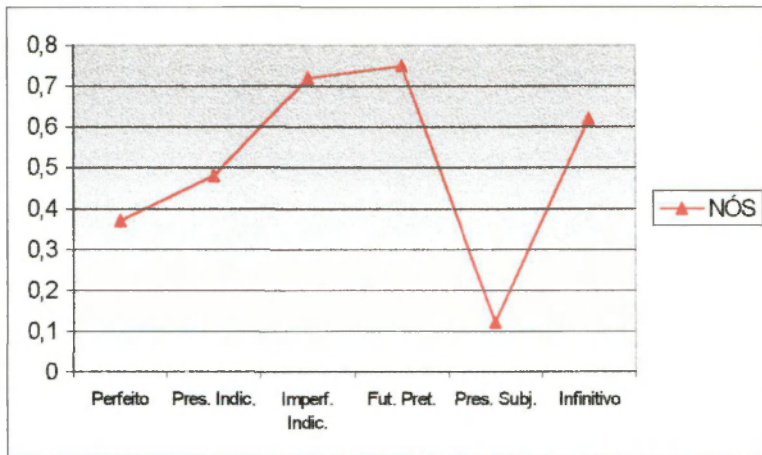
(78) ... está tudo errado, agora você quer que **eu vou votar** nesses vagabundos? (21 LDN M B GIN SL 1467)

O **pretérito perfeito** apresentou .63 para a ausência do pronome *nós*. Dentre os tempos verbais analisados, incluindo-se os do pronome *eu*, esse é o único em que, numericamente, há mais ocorrências de pronome elíptico (461) do que expesso (424). Em todos os outros casos, mesmo nos tempos verbais cujos pesos mostraram-se favorecedores de omissão, existem mais situações de pronomes expressos (conforme se pode verificar pelas tabelas 01 e 02).

O **presente do indicativo** mostrou uma leve tendência a inibir o preenchimento do pronome-sujeito *nós* com .52. Este peso relativo, muito próximo da neutralidade, indica-nos que para esse tempo verbal é praticamente indiferente usar ou não o pronome-sujeito. A mesma situação pode ser constatada na 1.^a pessoa do singular que também apresentou peso muito próximo da neutralidade (.53).

Vejamos, a seguir, o gráfico que apresenta resumidamente a distribuição do pronome *nós* expesso nos tempos e modos verbais:

Gráfico 02 – Preenchimento do pronome NÓS em relação aos tempos e modos verbais



Para finalizarmos os comentários sobre os tempos e modos verbais, importa destacarmos que tanto no caso de *eu* quanto de *nós* o maior número de dados se concentra em três tempos: **pretérito perfeito, presente do indicativo e imperfeito do indicativo**. Tais tempos representam mais de 90% das ocorrências do *corpus*.

O tempo verbal dá pistas sobre o tipo de discurso que se está analisando. Nas entrevistas, fica evidenciado que boa parte do discurso produzido pelos falantes do VARSUL constitui-se de narrativas de fatos ou do presente ou do passado de sua vida. Nas narrações, o falante normalmente utiliza o presente do indicativo quando se refere ao seu hoje, à situação atual da cidade, quando faz comentários de fatos atemporais, etc., como nos exemplos (79), (80) e (81):

(79) **Eu estou** com cinquenta e cinco anos ... (22 IRT M B GIN SL 1184)

(80) **Eu tenho** uma porção de amigos meus, sabe? ... (23 IRT M B SEG SL 0043)

(81) "Existem várias moradas na casa de meu pai", sabe? e é nisso que **eu acredito**, que se **eu sou** um assassino, um bandido, puta! deitei e rolei, pinteí o sete aqui, puta! **eu não posso passar** pra uma outra fase, sabe? [de]- de vida [que o]- como tipo irmã Duice, sabe? (09 CTB M A GIN SL 0498)

O uso do pretérito imperfeito geralmente está relacionado a situações em que o entrevistado conta uma ação passada que era habitual, repetida:

(82) **Nós tínhamos que copiar** tudo, [não tinha] tinha um livro só de leitura, a gente tinha que copiar todos os pontos do quadro ... (09 LDN F B GIN SL 0063)

(83) Não, lá **eu trabalhava** como operador [de]- de máquina de serradora e **fazia** os palitos. (01 CTB M A PRI SL 0628)

E para indicar fatos, ações concluídas, o falante recorre ao pretérito perfeito:

(84) ... **eu já joguei** na escolinha do Londrina... (13 LDN M A PRI SL 0219)

(85) E depois de um tempo, **nós fomos** sócios em uma outra farmácia, ... (22 PBR M B GIN SL 0407)

4.2.1.2. Tipo de oração

As orações que analisamos foram classificadas do seguinte modo: **absoluta, principal, substantiva, adjetiva, adverbial, 1.ª oração de um período coordenado, 2.ª coordenada sindética, 3.ª coordenada sindética, 2.ª coordenada assindética, 3.ª coordenada assindética e mista.**

Em relação às orações coordenadas, devemos esclarecer dois pontos:

1.º) quando os períodos coordenados apresentaram acima de três orações, fizemos a classificação destas como 3.ª coordenada, porque os dados nos mostraram que são reduzidas as ocorrências que ultrapassam esse número e, se fizéssemos uma codificação diferenciada para tais casos, provavelmente daria *knockout*;

2.º) não classificamos separadamente a 1.ª oração de um período coordenado como sindética ou assindética porque, com raras exceções como no exemplo (89), a maior parte delas são assindéticas, isto é, sem conjunção; entretanto julgamos necessário fazer essa diferenciação entre a 2.ª e a 3.ª coordenada porque, primeiramente, existem casos suficientes de ambas (sindéticas e assindéticas); segundo, porque tínhamos a intenção de constatar se o comportamento delas seria diferenciado em função da presença ou não da conjunção:

- (86) ...eu vou te pagar, vou vender teu carro e vou ganhar dinheiro do mesmo jeito. (04 CTB F A GIN SL 1312)
- (87) Nós assistimos sempre o jornal nacional, e eu gosto muito do programa do Jô Soares, sempre assisto, e durante [a]- a logo depois do jantar eu vou pra cozinha [<a->]- arrumar, lavar a louça e então eu assisto quando posso a novela das oito. (05 IRT F A SEG SL 0732)
- (88) Pois é, inclusive hoje nós tivemos uma reunião e eu nem perguntei sobre isso, sabe? nem falamos sobre isso, ... (04 IRT F A GIN SL 0194)
- (89) Mas fiquei em excesso de contingente, havia excesso de contingente, e agüentei, eu não queria ir servir mesmo. (23 PBR M B SEG SL 0518)

A oração **mista** corresponde a algumas situações em que uma oração era, por exemplo, coordenada ou subordinada em relação à oração anterior e principal em relação à posterior:

- (90) Não está devendo muito, **mas acho** que ele deve alguma coisa pra nós. (01 CTB M A PRI SL 0419)
- (91) Então eu já nem perco tempo **porque eu sei** que não posso, né?... (02 PBR F A PRI SL 0381)
- (92) Ah! desisti **porque eu sabia** que não ia ganhar mesmo. (04 PBR F A GIN SL 0706)

No exemplo (90), a oração destacada “mas acho” é, ao mesmo tempo, coordenada sindética em relação à anterior “Não está devendo muito” e principal em relação à posterior “que ele deve alguma coisa”, a qual funciona como uma subordinada substantiva objetiva direta.

Optamos por tratar as orações destacadas nos exemplos (90), (91)

e (92) como mistas por acreditarmos que se fizéssemos uma simples análise linear, isto é, classificação pela ordem em que as orações iam surgindo, poderíamos estar desviando alguns resultados, visto que, por exemplo, uma oração coordenada que também funciona como principal poderia ter um comportamento diferente das coordenadas simples.

Não houve casos de *knockout* nesta variável independente; portanto, não foi necessário eliminar orações, ficando os pronomes *eu* e *nós* distribuídos conforme mostram as tabelas 03 e 04, a seguir:

Tabela 03 - Ocorrências do pronome EU em relação ao tipo de oração

| TIPO DE ORAÇÃO | Pronome EU (21.334 ocorrências) | | | | | |
|------------------------------|---------------------------------|----|------|-----------------|----|------|
| | PRESENTE (13.026) | | | AUSENTE (8.308) | | |
| | N.º de DADOS | % | P.R. | N.º de DADOS | % | P.R. |
| Absoluta | 2.440 | 60 | .48 | 1.599 | 40 | .52 |
| Principal | 2.789 | 61 | .50 | 1.768 | 39 | .50 |
| Substantiva | 470 | 79 | .68 | 128 | 21 | .32 |
| Adjetiva | 634 | 94 | .91 | 38 | 6 | .09 |
| Adverbial | 980 | 83 | .74 | 204 | 17 | .26 |
| 1.ª de um Período Coordenado | 2.498 | 67 | .55 | 1.229 | 33 | .45 |
| 2.ª Coordenada Sindética | 741 | 59 | .46 | 509 | 41 | .54 |
| 3.ª Coordenada Sindética | 527 | 60 | .47 | 355 | 40 | .53 |
| 2.ª Coordenada Assindética | 1.010 | 44 | .32 | 1.288 | 56 | .68 |
| 3.ª Coordenada Assindética | 685 | 40 | .28 | 1.030 | 60 | .72 |
| Mista | 252 | 61 | .49 | 160 | 39 | .51 |

Tabela 04 - Ocorrências do pronome NÓS em relação ao tipo de oração

| TIPO DE ORAÇÃO | Pronome NÓS (2.847 ocorrências) | | | | | |
|------------------------------|---------------------------------|----|------|-----------------|----|------|
| | PRESENTE (1.637) | | | AUSENTE (1.210) | | |
| | N.º de DADOS | % | P.R. | N.º de DADOS | % | P.R. |
| Absoluta | 308 | 58 | .49 | 221 | 42 | .51 |
| Principal | 195 | 59 | .54 | 136 | 41 | .46 |
| Substantiva | 52 | 74 | .63 | 18 | 26 | .37 |
| Adjetiva | 105 | 83 | .75 | 22 | 17 | .25 |
| Adverbial | 131 | 83 | .81 | 26 | 17 | .19 |
| 1.ª de um Período Coordenado | 334 | 62 | .54 | 207 | 38 | .46 |
| 2.ª Coordenada Sindética | 112 | 60 | .51 | 76 | 40 | .49 |
| 3.ª Coordenada Sindética | 96 | 47 | .38 | 109 | 53 | .62 |
| 2.ª Coordenada Assindética | 168 | 44 | .36 | 211 | 56 | .64 |
| 3.ª Coordenada Assindética | 129 | 42 | .32 | 176 | 58 | .68 |
| Mista | 7 | 47 | .37 | 8 | 53 | .63 |

Os pesos relativos presentes nas tabelas 03 e 04 apontam para algumas situações bastante similares e bem definidas em termos de preenchimento dos pronomes-sujeito *eu* e *nós* na variável independente tipo de oração.

Quando se trata de **orações subordinadas**, os pesos relativos indicam, tanto para *eu* quanto para *nós*, um favorecimento para o preenchimento do pronome-sujeito. Para o pronome *eu*, a oração subordinada que mais favorece a explicitação do sujeito é a **adjetiva** com .91, aplicação quase categórica. Esse resultado altamente favorecedor também foi constatado por LIRA (1988) e por MENON (1996). No trabalho de LIRA, dentre todas as orações adjetivas analisadas, 91% apresentaram pronome expresso e, no trabalho de MENON, as adjetivas alcançaram um peso relativo de .84 para o preenchimento do sujeito pronominal.

O segundo maior peso relativo para a explicitação do pronome *eu* aparece na oração **adverbial** (.74), seguida da **substantiva** com .68. Para o pronome *nós*, a oração que mais favorece o preenchimento é a **adverbial** com .81, seguida da **adjetiva** com .75 e, por último, a **substantiva** com .63.

Suspeitando que esses resultados pudessem estar sendo condicionados pelo sujeito da oração principal (igual ou diferente da oração subordinada), e dado o fato de não termos feito uma investigação que contemplasse esta situação em nosso trabalho, procedemos a um levantamento por amostragem, utilizando as 24 entrevistas da cidade de Curitiba³⁸, controlando o sujeito da oração principal. A hipótese que aventamos é que se o sujeito da oração subordinada é o mesmo da principal propicia a elipse e, se é diferente, favorece a explicitação do pronome para opor as pessoas gramaticais ou para evitar ambigüidades.

Os resultados obtidos mostraram que, em relação ao pronome *nós*, todas as orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) apresentam grande freqüência de sujeitos diferentes da oração principal: das 18 orações subordinadas substantivas, 14 exibem sujeito diferente (78%); das 34 adjetivas, 30 (88%) têm sujeito distinto e das 43 adverbiais, 32 (74%).

³⁸ Não houve a possibilidade de observarmos todas as 96 entrevistas do estado do Paraná em função do volume muito grande de dados.

Em relação ao pronome *eu*, das 197 orações subordinadas adjetivas encontradas, 158 têm sujeito diferente (80%). Já nas orações substantivas, ao contrário do que supúnhamos, ocorrem mais casos de sujeito igual: das 174 ocorrências, 97 (56%) são de sujeitos iguais (exemplo 93) e 77 (44%) de sujeitos diferentes (exemplo 94):

(93) **Eu** me lembro que **eu** fui com o meu marido pra lá, ... (16 CTB F B GIN SL 0788)

(94) **Ninguém** vai dizer que **eu** sou mais baixa do que aquele outro ... (08 CTB F A PRI SL 1652)

Também nas adverbiais o resultado apontou para um número maior de casos com sujeito igual: das 364 orações, 220 (60%) têm o mesmo sujeito e 144 (40%), o sujeito diferente. Portanto, para as substantivas e, sobretudo, para as adverbiais, a nossa hipótese não se confirma; o sujeito igual ou diferente da oração principal não está sendo elemento favorecedor para o maior preenchimento do pronome-sujeito.

Para a oração adverbial, talvez a posição (antes ou depois da principal) possa estar condicionando de algum modo o preenchimento do sujeito. Das 364 orações, 213 (59%) aparecem antepostas à oração principal e 151 (41%), pospostas. Como vimos na discussão sobre o infinitivo (p.74 e 75), as orações adverbiais antepostas favorecem a explicitação do pronome-sujeito, enquanto as pospostas inibem o preenchimento.

Mas para as orações substantivas e adjetivas a posição não deve ter influência, visto que elas aparecem regularmente pospostas à oração principal, sendo a anteposição a esta muito esporádica. Portanto, embora todas as orações subordinadas favoreçam a explicitação do pronome-sujeito, parece que cada uma está sendo condicionada por um elemento diferente. Talvez seja o caso de se fazer um levantamento especificando-as (subjativa, objetiva direta, ..., causal, final, temporal, ...), para verificar se o comportamento é diferenciado em função, por exemplo, do tipo de conectivo que as introduz e, assim, tentar alcançar respostas mais claras a esse respeito.

Para as **orações coordenadas**, sejam elas **sindéticas** ou **assindéticas**, há inibição na aplicação da regra, ou seja, há mais probabilidade de o pronome-sujeito vir elíptico e esta probabilidade é maior nas assindéticas.

No pronome *eu*, os pesos relativos nas 2.^a e 3.^a sindéticas aproximam-se da neutralidade com .46 e .47 para o preenchimento, respectivamente; já nas 2.^a e 3.^a assindéticas diminuem para .32 e .28, respectivamente. Para o pronome *nós*, os pesos relativos são .51 na 2.^a sindética e .38 na 3.^a sindética; nas assindéticas, caem para .36 na 2.^a coordenada e .32 na 3.^a coordenada.

Pelos resultados semelhantes, parece que o princípio do paralelismo está funcionando - *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* - pois os pesos relativos estão muito próximos, isto é, parece que a elipse de um primeiro pronome está propiciando a elisão em uma segunda, terceira ocorrência. Mas como não fizemos o controle do sujeito da oração anterior (igual ou diferente) não podemos comprovar este fato.

Nas coordenadas assindéticas, o preenchimento é menor do que nas sindéticas; logo, pode ser que o uso da conjunção esteja, de algum modo, levando o falante a explicitar o pronome um pouco mais do que nas assindéticas, talvez por interferência do ritmo, da entonação diferenciada, situação que necessita de uma análise detalhada. Aliás, os resultados interessantes e às vezes intrigantes das coordenadas mostram que elas merecem um estudo especial, à parte, para se determinar melhor as diferenças e as semelhanças entre sindéticas e assindéticas e os elementos que mais diretamente estão interagindo com elas.

Para as orações **absoluta, principal e 1.^a de um período coordenado**, os pesos relativos muito próximos da neutralidade (entre .48 e .55) demonstram que é praticamente indiferente o uso ou não do pronome-sujeito. A **1.^a oração de um período coordenado** está apresentando uma leve tendência

ao preenchimento do sujeito tanto para o pronome *eu* (.55) quanto para o pronome *nós* (.54). Esse mesmo resultado pode ser verificado na **oração principal** (.50 para *eu* e .54 para *nós*). Já nas **orações absolutas**, existe uma pequena tendência ao não-preenchimento (.48 para *eu* e .49 para *nós*).

Este dado parece identificar uma situação interessante. Como as orações *principal*, *1.ª de um período coordenado* e *absoluta* se equivalem de algum modo, visto serem, normalmente, a primeira oração do período (no caso da absoluta, primeira e única), significa que, quando o falante vai iniciar o período é praticamente aleatório ele preencher ou não a casa do sujeito. Portanto, não há como prever quando o falante usará ou não o pronome no início de um período.

Na oração **mista**, há propensão à elipse do sujeito pronominal. no pronome *eu* .51 e um pouco mais no pronome *nós* .63. Os pesos favorecedores de não-aplicação da regra de preenchimento podem estar relacionados à presença da oração coordenada dentro da oração mista, pois, conforme vimos, as coordenadas favorecem a elipse do pronome-sujeito.

A seguir, apresentamos os gráficos 03 e 04 que sintetizam esses resultados:

Gráfico 03 – Preenchimento do pronome EU na variável independente tipo de oração.

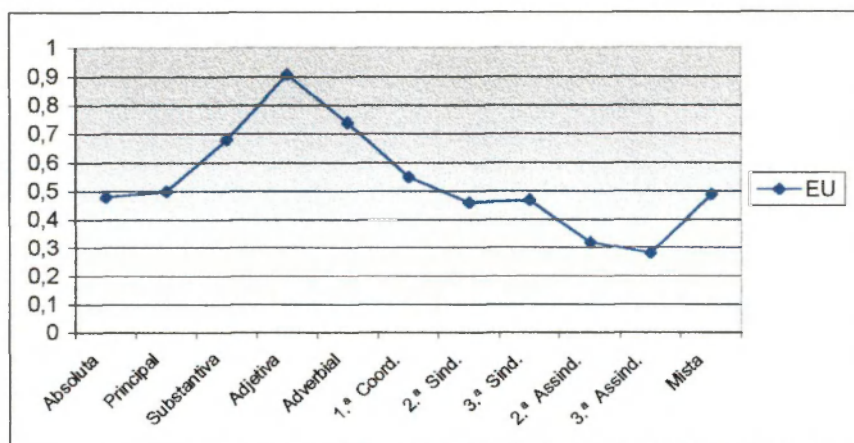
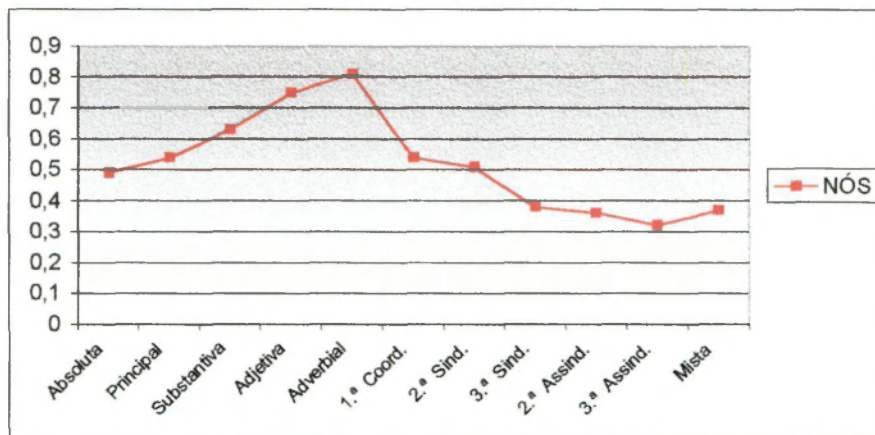


Gráfico 04 – Preenchimento do pronome NÓS na variável independente tipo de oração.



4.2.2. Os fatores extralingüísticos

4.2.2.1. Etnia

O projeto VARSUL pretende testar o fator etnia a fim de verificar se, realmente, a ocupação do solo em épocas distintas por diferentes povos vai interferir significativamente na variação do português do Brasil, nas regiões onde se realizaram as entrevistas. Os pesos relativos expostos na tabela 05 informam-nos sobre esse fator, nas quatro cidades do Paraná integrantes do projeto. Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco.

Tabela 05 - Ocorrências dos pronomes EU e NÓS (rodadas separadas – IVARB) em relação à etnia.

| ETNIA | Pronome EU (21.334) | | | | | | Pronome NOS (2.847) | | | | | |
|-------------|---------------------|----|------|-------------|----|------|---------------------|----|------|-------------|----|------|
| | PRESENTE | | | AUSENTE | | | PRESENTE | | | AUSENTE | | |
| | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. |
| Curitiba | 3.511 | 61 | .48 | 2.251 | 39 | .52 | 434 | 62 | .48 | 270 | 38 | .52 |
| Irati | 3.761 | 61 | .49 | 2.428 | 39 | .51 | 443 | 52 | .48 | 403 | 48 | .52 |
| Londrina | 3.053 | 62 | .52 | 1.838 | 38 | .48 | 341 | 58 | .52 | 247 | 48 | .48 |
| Pato Branco | 2.701 | 60 | .51 | 1.791 | 40 | .49 | 420 | 59 | .52 | 289 | 41 | .48 |

Os resultados sempre próximos do peso neutro (.50) evidenciam que este fator social não está condicionando a regra de preenchimento do pronome-sujeito. Não está importando se o falante é de região de colonização

mineiro-paulista (Londrina) ou eslava (Irati) ou gaúcho-catarinense (Pato Branco). Nas quatro cidades analisadas, o comportamento do falante é praticamente idêntico; há diferença mínima entre Curitiba (.48 para os pronomes *eu* e *nós*) e Irati (.49 para *eu* e .48 para *nós*) – que inibem um pouco a regra de preenchimento – e Londrina (.52 para ambos os pronomes) e Pato Branco (.51 para *eu* e .52 para *nós*) – que favorecem um pouco mais.

Interessante notar que Curitiba e Irati, cuja ocupação é mais antiga, revelam uma pequena tendência à omissão do pronome-sujeito e Londrina e Pato Branco, cidades de ocupação mais recente, preenchem um pouco mais. A diferença é mínima, mas existe e pode estar mostrando que Curitiba e Irati são mais resistentes à mudança.

A partir dessa situação constatada no Paraná, podemos supor que, nas regiões das quais procederam os colonizadores, esteja ocorrendo o mesmo, ou seja, talvez esta situação esteja caracterizando um fenômeno de abrangência nacional. Pelos resultados obtidos, temos ao menos indicativos de que o grupo mineiro-paulista deva estar apresentando o mesmo comportamento que o grupo gaúcho-catarinense e que esse comportamento já tenha sido trazido pelos grupos colonizadores.

Assim, não se trata, possivelmente, de uma inovação, mas de uma continuidade de uso, já que o fator etnia mostrou-se neutro na aplicação da regra de preenchimento; portanto, há indícios de que este fenômeno seja relativamente estável na língua.

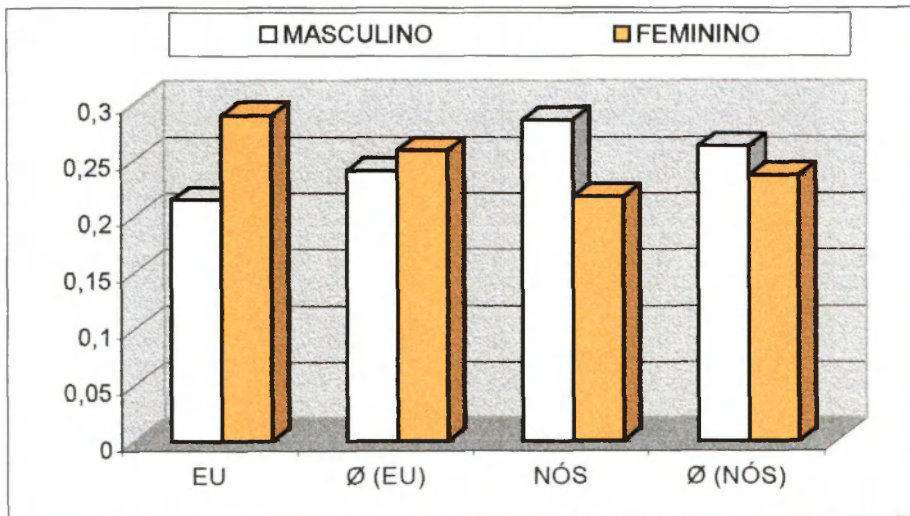
4.2.2.2 Sexo

Tabela 06 - Ocorrências do pronome EU e NÓS (rodada conjunta – MVARB) em relação ao sexo.

| SEXO | Pronome EU (21.334) | | | | | | Pronome NÓS (2.847) | | | | | |
|-----------|---------------------|----|------|-------------|----|------|---------------------|---|------|-------------|---|------|
| | PRESENTE | | | AUSENTE | | | PRESENTE | | | AUSENTE | | |
| | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. |
| MASCULINO | 5.653 | 50 | .214 | 4.076 | 36 | .240 | 943 | 8 | .285 | 641 | 6 | .262 |
| FEMININO | 7.373 | 57 | .289 | 4.232 | 33 | .258 | 695 | 5 | .217 | 568 | 4 | .236 |

A tabela 06 exibe a distribuição dos pronomes *eu* e *nós* na variável independente sexo. Em termos numéricos, verificamos que os homens utilizam mais o pronome *nós* do que as mulheres tanto em relação à presença quanto à ausência. As mulheres, por sua vez, fazem mais uso do pronome *eu* tanto o preenchido quanto o zero, conforme se pode visualizar pelo gráfico 05:

Gráfico 05 – Ocorrências dos pronomes EU e NÓS na variável independente sexo



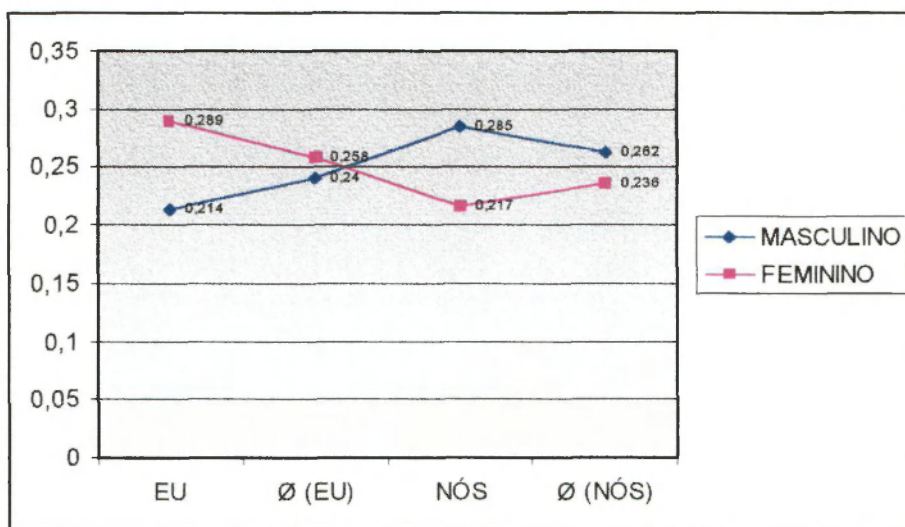
O maior uso do pronome *eu* no sexo feminino também foi constatado em um estudo de ANGELIM (1995), a qual, trabalhando com oito entrevistas do tipo DID do Projeto NURC/RJ, assevera que este fato pode estar relacionado ao maior envolvimento pessoal, emocional, na fala das mulheres. Atentemos para os resultados a que a autora chegou com relação ao emprego explícito do pronome-sujeito *eu*:

Homens (12, 66, 18 e 52 empregos do “eu”, conforme respectivamente entrevistas n.º 118, 135, 121 e 49) x mulheres (122, 171, 105 e 50 vezes, conforme respectivamente entrevistas n.º 267, 285, 322 e 21). (p.62)

Em relação aos pesos relativos, o sexo feminino apresenta uma leve tendência ao preenchimento do sujeito quando se trata do pronome *eu* (.289) e uma pequena tendência à não-explicitação do pronome *nós* (.236).

Quanto aos homens, a relação se inverte, isto é, os pesos relativos demonstram que há mais propensão à explicitação do pronome-sujeito *nós* (.285) e mais tendência à elipse do *eu* (.240). A inversão que se dá em relação aos sexos pode ser observada no gráfico 06:

Gráfico 06 – Distribuição dos pronomes EU e NÓS na variável independente sexo



Apesar das diferenças constatadas, os pesos relativos sempre próximos do ponto neutro (.25) mostram que as possibilidades de os pronomes *eu* e *nós* virem expressos ou elípticos é praticamente a mesma nos dois sexos.

Assim, se por um lado o fator sexo não se tem mostrado relevante na aplicação da regra de preenchimento, por outro tem sido importante para determinar a escolha do pronome (*eu* ou *nós*).

4.2.2.3. Faixa Etária

Os informantes do VARSUL estão divididos em duas faixas etárias: na primeira (doravante 1.^a FE), estão os indivíduos com idades entre 25 e 49 anos e, na segunda (doravante 2.^a FE), indivíduos acima de 50 anos. Observemos, na tabela 07, como fica a distribuição dos pronomes-sujeito *eu* e *nós* nessa variável:

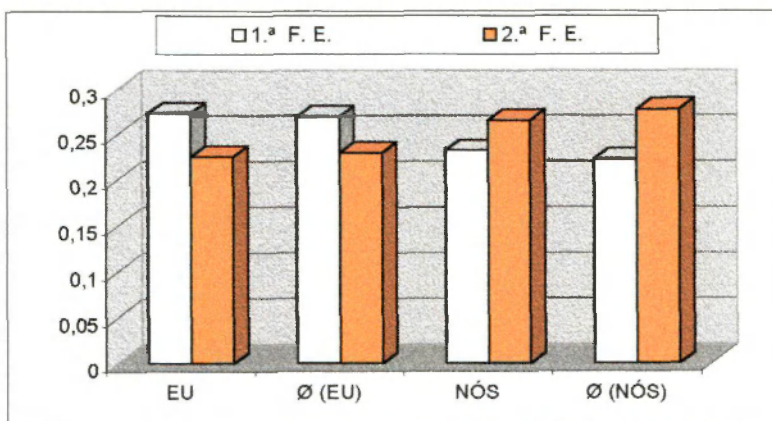
Tabela 07 - Ocorrências dos pronomes EU e NÓS (rodada conjunta – MVARB) em relação à faixa etária.

| FAIXA ETÁRIA | Pronome EU (21.334) | | | | | | Pronome NOS (2.847) | | | | | |
|--------------|---------------------|----|------|-------------|----|------|---------------------|---|------|-------------|---|------|
| | PRESENTE | | | AUSENTE | | | PRESENTE | | | AUSENTE | | |
| | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | PR | Nº de dados | % | PR | Nº de dados | % | PR |
| 1.ª F. E. | 6.977 | 55 | .274 | 4.411 | 35 | .270 | 759 | 6 | .233 | 529 | 4 | .223 |
| 2.ª F. E. | 6.049 | 52 | .226 | 3.897 | 34 | .230 | 879 | 8 | .266 | 680 | 6 | .277 |

Em termos numéricos, constatamos que há sempre mais pronomes expressos do que elípticos, independente de se empregar *eu* ou *nós* e independente da faixa etária.

Quanto aos pesos relativos, os dados mostram que, na 1.ª FE, os números mais significativos concentram-se no pronome *eu* (.274 e .270), enquanto na 2.ª FE encontram-se no pronome *nós* (.266 e .277). Portanto, o pronome *eu* é mais usado pela 1.ª FE; já as ocorrências do pronome *nós* são mais freqüentes na 2.ª FE, situação que pode ser bem visualizada pelo gráfico 07a:

Gráfico 07a – Distribuição dos pronomes EU e NÓS na variável Faixa Etária.

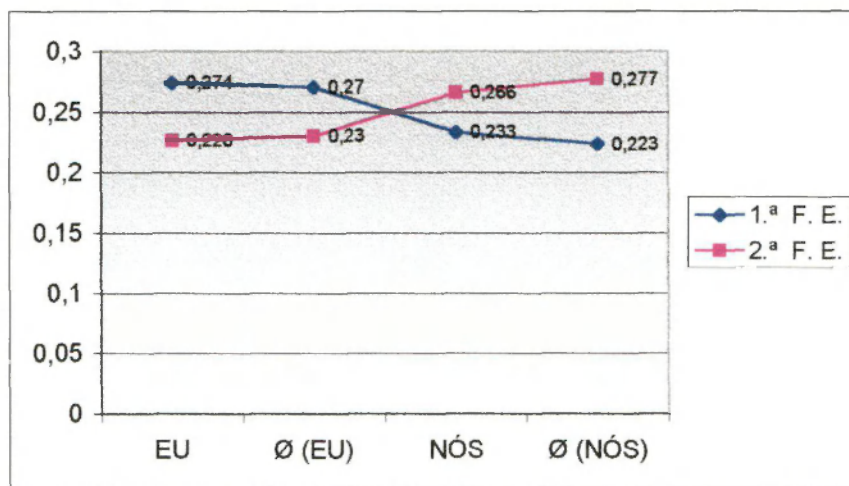


Na 1.ª FE os pesos relativos vão decrescendo de uma situação de maior favorecimento da presença de *eu* em direção à ausência de *nós*. *eu* .274, ϕ (*eu*) .270, *nós* .233 e ϕ (*nós*) .223.

Na 2.ª FE ocorre exatamente o inverso (conforme nos mostra o gráfico 07b), o menor peso relativo está na presença do pronome *eu*,

aumentando em direção à ausência de *nós*: *eu* .226, ϕ (*eu*) .230, *nós* .266, ϕ (*nós*) .277.

Gráfico 07b – Distribuição dos pronomes EU e NÓS na variável Faixa Etária.



Não existem grandes variações nos pesos relativos referentes à presença e à ausência dos pronomes, os dados indicam valores sempre perto da neutralidade (.25). Tanto na 1.ª FE como na 2.ª FE, para ambos os pronomes, igualam-se as possibilidades de ocorrências de sujeito expresso e de sujeito ausente. O fator faixa etária, portanto, não está se mostrando relevante para a aplicação da regra de preenchimento. Vejamos, agora, se os resultados se modificam nas rodadas separadas:

Tabela 08 - Ocorrências dos pronomes EU e NÓS (rodadas separadas – IVARB) em relação à faixa etária.

| FAIXA ETÁRIA | Pronome EU | | | | | | Pronome NOS | | | | | |
|--------------|-------------|----|------|-------------|----|------|-------------|----|------|-------------|----|------|
| | PRESENTE | | | AUSENTE | | | PRESENTE | | | AUSENTE | | |
| | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. |
| 1.ª F. E. | 6.977 | 61 | .50 | 4.411 | 39 | .50 | 759 | 59 | .52 | 529 | 41 | .48 |
| 2.ª F. E. | 6.049 | 61 | .50 | 3.897 | 39 | .50 | 879 | 56 | .48 | 680 | 44 | .52 |

Os pesos relativos presentes na tabela 08 confirmam a não relevância da variável independente faixa etária na aplicação da regra. Para o pronome *eu*, os dados mostram que é absolutamente indiferente preencher ou não a casa do sujeito, independente da faixa etária, uma vez que em todos os casos o peso foi neutro (.50). Para o pronome *nós*, há uma leve tendência à

explicitação do sujeito na 1.^a FE (.52) e uma leve propensão à omissão na 2.^a FE (.52).

Essa relação de igualdade entre as variantes presença e ausência de *eu* e presença e ausência de *nós*, nas diferentes faixas etárias, reforça os indícios de que a questão do preenchimento do sujeito pronominal é um fenômeno relativamente estável na língua. TARALLO (1986:65) afirma que quando não há mudança entre as faixas etárias é porque o fenômeno em questão está em variação estável, pois para que se flagre uma mudança em progresso é preciso que a variante mais inovadora (no presente estudo: pronome-sujeito expresso) seja mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à faixa etária mais velha, e isso não foi constatado em nosso trabalho.

4.2.2.4. Grau de Escolaridade

Tradicionalmente, a escola tem sido o veículo através do qual os indivíduos entram em contato com as normas “padrão” prescritas pela GT.

Em relação ao uso ou não dos pronomes pessoais sujeito, a GT prega que não se deve explicitá-los, que este ato é redundante e desnecessário, uma vez que as desinências verbais são suficientes para indicar a pessoa do sujeito.

O grau de escolaridade possibilita-nos verificar em que medida a escola tem levado os indivíduos a assimilarem ou não essa norma padrão. Se de fato a escola estiver influenciando neste aspecto, esperamos que os informantes com maior escolaridade, que estiveram expostos à variedade padrão por um período mais longo, apresentem um desempenho lingüístico mais próximo daquele que se expõe na GT, ou seja, esperamos que os informantes com o 2.^o grau explicitem menos os pronomes-sujeito do que os informantes que têm apenas o primário. Verifiquemos se isto ocorre de fato, observando os dados da tabela 09:

Tabela 09 – Ocorrências dos pronomes EU e NÓS (rodadas separadas – IVARB) em relação ao grau de escolaridade.

| GRAU DE ESCOLARIDADE | Pronome EU (21.334) | | | | | | Pronome NÓS (2.847) | | | | | |
|----------------------|---------------------|----|------|-------------|----|------|---------------------|----|------|-------------|----|------|
| | PRESENTE | | | AUSENTE | | | PRESENTE | | | AUSENTE | | |
| | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. | Nº de dados | % | P.R. |
| Primário | 3.979 | 62 | .51 | 2.469 | 38 | .49 | 576 | 57 | .50 | 439 | 43 | .50 |
| Ginásio | 4.529 | 60 | .49 | 2.995 | 40 | .51 | 553 | 59 | .51 | 392 | 41 | .49 |
| 2.º Grau | 4.518 | 61 | .50 | 2.844 | 39 | .50 | 508 | 57 | .49 | 379 | 43 | .51 |

A tabela acima informa-nos que, em termos numéricos, independente do grau de escolaridade, os informantes usam mais pronomes expressos do que zero, aproximadamente 60% dos pronomes estão explícitos.

Os pesos relativos, por sua vez, não apresentam resultados significativos em termos de aplicação ou não da regra de preenchimento, visto que os valores estão sempre muito próximos da neutralidade (.50).

Para o pronome *eu*, a maior tendência à aplicação da regra de preenchimento do pronome-sujeito aparece com os informantes do primário (.51) e a menor, com informantes do ginásio (.49). No pronome *nós*, a maior probabilidade de preenchimento está no ginásio (.51) e a menor, no 2.º grau (.49).

Esses dados indicam que o uso ou não do sujeito pronominal também não está sendo afetado pela escola. O fato de um informante ter apenas o primário ou o 2.º grau não está sendo relevante para o indivíduo produzir um discurso com mais ou menos pronomes-sujeito.

Expusemos, na introdução, que um dos objetivos deste trabalho era confrontar os nossos resultados com os de MENON (1994 e 1996), para podermos testar o efeito de escolaridade; pois MENON trabalhou com dados do NURC/SP, logo, com informantes portadores de curso superior e que são os indivíduos que mais tempo vivenciaram a norma padrão e nós trabalhamos com os informantes do VARSUL, os quais têm graus de escolaridade que variam do primário ao segundo grau. Assim, pretendíamos averiguar até que ponto essa

diferença de escolaridade estaria pesando no preenchimento ou não do pronome-sujeito.

A comparação dos trabalhos confirmou a irrelevância do grau de escolaridade para a aplicação da regra de preenchimento; pois os resultados apresentados por MENON e os nossos são praticamente idênticos: em MENON (1994), dos 9.384 dados analisados, 60,7% (5.697) eram situações de pronomes expressos e 39,3% (3.687) de zero; no trabalho de 1996, dos 1.560 dados, 1.006 (64%) são de pronomes expressos e 554 (36%) de zero. Em nosso trabalho, dos 24.181 dados levantados, 61% (14.663) são casos de pronomes explícitos e 39% (9.518) de elípticos.

Um dado importante é que, no trabalho de 1996, MENON analisou somente as EFs, que representam o discurso mais formal do NURC, pois são gravações de aulas e de conferências; logo, esperava-se que, nesta situação, houvesse um número menor de pronomes expressos, aproximando-se mais da norma padrão. Porém os resultados mostraram que, ao contrário do esperado, o percentual de pronomes expressos (64%) é maior neste trabalho do que no trabalho de 1994 (60,7%) em que a autora analisou DIDs, D2 e EFs.

Outro ponto a destacar é que os dados do NURC foram coletados na década de 70 (1971 a 1976), já os dados do VARSUL, no início dos anos 90 (1990 a 1995). Há, portanto, uma diferença de 20 anos entre a coleta de um e de outro, e esta diferença não está se mostrando significativa, não está apresentando resultados diferentes ou conflitantes. Além disso, os dados de MENON são do NURC de São Paulo e os dados do presente trabalho são do Paraná, quer dizer, regiões distintas estão apresentando resultados semelhantes, corroborando com o que expusemos sobre a questão da localidade de que este parece ser um fenômeno de abrangência nacional.

Portanto, novamente temos aqui um resultado que aponta para uma situação estável em termos de preenchimento do sujeito na língua oral.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho procurou examinar a situação do português falado no Paraná em relação à elipse do sujeito pronominal de 1.^a pessoa. Devemos lembrar que a nossa escolha pelos pronomes-sujeito *eu* e *nós* se justificou por eles apresentarem um paradigma flexional bem marcado o qual, segundo a GT, dispensaria o uso do pronome.

Os resultados a que a análise variacionista nos permitiu chegar puderam confirmar a hipótese inicial de que também está havendo um maior preenchimento do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná. Como vimos, das 24.181 ocorrências de sujeitos *eu* e *nós*, 14.663 são casos de sujeitos plenos e 9.518 de sujeitos nulos, ou seja, 61% de preenchimento contra 39% de não-preenchimento.

Em relação aos fatores lingüísticos e extralingüísticos selecionados como possíveis condicionadores ou não de preenchimento, os resultados foram os seguintes:

1.º) o fator **tempo e modo verbal** mostrou que as desinências verbais parecem ainda representar fator inibidor para o preenchimento do sujeito quando se trata do pronome *eu*; pois, com exceção do infinitivo, em todos os outros tempos não marcados, os pesos relativos tendiam ao preenchimento e, quando marcados, favoreciam o não-preenchimento. Para o pronome *nós*, entretanto, as desinências (sempre marcadas neste caso) não impedem a explicitação do pronome-sujeito; não se mostrando, portanto, fator inibidor. Em relação ao **gerúndio**, cabe um comentário especial: sendo considerado uma forma nominal, as GTs não mencionam a possibilidade de ocorrer com sujeito; entretanto constatou-se que o gerúndio favorece extremamente a presença do pronome-sujeito: dos casos levantados com pronome *eu*, 84% apresentam pronome expresso e, com o pronome *nós*, a aplicação é categórica: 100% de sujeitos explícitos;

2.º) o fator **tipo de oração** apontou que, tanto para *eu* como para *nós*, as orações subordinadas são elementos favorecedores da aplicação da regra de preenchimento, embora pareça que cada uma esteja sendo condicionada por uma situação diferente, dado que merece um estudo mais detalhado; já as coordenadas, em especial as assindéticas, mostraram-se propensas à inibição do pronome-sujeito; as orações principal e absoluta revelaram-se neutras, sendo indiferente para o falante explicitar ou não o pronome nestas orações.

3.º) os fatores extralingüísticos **etnia, sexo, faixa etária e grau de escolaridade** apresentaram pesos relativos sempre próximos da neutralidade, não representando fatores inibidores ou favorecedores de aplicação da regra de preenchimento. O sexo e a faixa etária, entretanto, parecem atuar na escolha do pronome (*eu* ou *nós*).

Em síntese, podemos dizer que alguns fatores lingüísticos estão pesando na questão da explicitação ou não do sujeito pronominal; porém os fatores sociais mostram-se indiferentes. Se o preenchimento do pronome-sujeito não está sendo afetado pela escola, pela faixa etária, pelo sexo e pela etnia, há fortes indícios de que, na língua oral, este já seja um fenômeno estável.

Sabemos que o exame de outros fatores pode contribuir para dar respostas mais concretas e esclarecedoras aos resultados aqui apresentados como, por exemplo, o controle do sujeito da oração examinada igual ou diferente da oração anterior, o controle do tipo de conectivo que introduz as orações, a posição do sujeito antes ou depois do verbo, etc. Todavia o número muito grande de dados com que trabalhamos não nos permitiu a análise de muitos fatores, além do que, em alguns casos, só fomos percebendo a importância de um ou de outro elemento no decorrer deste estudo.

Devemos ressaltar ainda que, quando se trabalha com variação, não se está fazendo só o estudo específico quantitativo de um fenômeno, está-se fazendo também uma descrição de freqüências de uso na língua. Este trabalho

procurou ser uma contribuição não apenas no sentido de mostrar como funciona a questão do preenchimento do pronome-sujeito, mas procurou também mostrar a frequência de verbos, de orações, a preferência por determinados pronomes dependendo do sexo ou da faixa etária, entre outras coisas.

Considerando os dados levantados e analisados e os resultados de trabalhos de estudiosos como LIRA (1988), DUARTE (1993), MENON (1994 e 1996), MONTEIRO (1994), entre outros, sobre a questão do preenchimento do sujeito pronominal, podemos concluir que, pelo menos no que diz respeito à língua falada³⁹, não se pode mais negar que o português do Brasil está deixando de ser uma língua de sujeito nulo.

Por outro lado, não se pode desprezar o número significativo de sujeitos elípticos constatados neste e em outros trabalhos: em torno de 40%; o que não nos autoriza a dizer que o português do Brasil deixou de ser uma língua de sujeito nulo. O que existe é um sistema em variação em que o “duelo de morte” entre o pronome nulo e o pleno tem-se mostrado cada vez mais propenso à explicitação do pronome-sujeito.

³⁹ Deve ficar claro que esses resultados só se referem à língua falada, pois, na língua escrita, ainda se mantém um número mais acentuado de sujeitos elípticos do que expressos (cf. LIRA, 1988 e PAREDES da SILVA, 1991a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, Maria del Rosário e FREITAS, Judith. *Nós ou a gente? Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n.º 11, 1991, p. 75 – 89.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 35.ª ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- _____. **Gramática latina**. 15.ª ed. São Paulo: Saraiva, 1978.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. **Gramática Ilustrada**. 3.ª ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- ANGELIM, Regina Célia Cabral. Linguagem masculina x linguagem feminina, questionando a possibilidade de se poder estabelecer uma “norma” feminina. In OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (orgs.). **Sexo – uma variável produtiva**. Vol. 4, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1995, p. 61 – 65.
- ASSIS, Maria Rosa. Variações lingüísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolingüística. **Ilha do desterro**, Florianópolis: UFSC, n.º 20, 1988, p. 59 – 81.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 29.ª ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- BENTIVOGLIO, Paola. A variação nos estudos sintáticos. **XIV Anais de Seminários do GEL** (Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo), Campinas, 1987, p. 07 – 29.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BOTASSINI, Jacqueline O. Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná**. Comunicação apresentada no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul. UFRGS, Porto Alegre, 02 a 04 de setembro de 1996 (no prelo).
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 3.ª ed. São Paulo: J. Ozon Editor, 1972.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 20.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CARVALHO, José Augusto. Conceito de pronome – os pronomes pessoais. **Revista internacional de língua portuguesa**. Lisboa, n.º 5/6, 1991, p. 184 - 199.

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A elipse do sujeito. **XIV Anais de Seminários do GEL** (Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo), Campinas, 1987, p. 32 – 40.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 26.^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Celso Ferreira de. **Gramática da língua portuguesa**. 12.^a ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. 5.^a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, Ian e KATO, Mary (orgs.). **Português brasileiro. Uma viagem diacrônica**. Campinas: Edunicamp, 1993, p.107 - 128.
- _____. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutoramento. Unicamp, 1995.
- FARACO, Carlos Alberto. **The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de doutoramento. University of Salford, UK, 1982.
- _____. **O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica**. **Fragmenta**. Curitiba: Editora da UFPR, n.º 13, 1996, p.51 – 82.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 6.^a ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.
- FREIRE, Antônio S. J. **Gramática latina**. 2.^a ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1959.
- FREITAS, Judith. *Nós e a gente* em elocuições formais. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, n.º 11, 1991a, p. 91 – 102.
- _____. Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pedagógicos. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, n.º 11, 1991b, p. 133 - 145.

- INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. 4.^a ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- KNIES, Clarice Bohn; COSTA, Iara Bemquerer (orgs.). **Manual do usuário do banco de dados lingüísticos "VARSL"**, 1994.
- LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In FONSECA, M. S. V.; Neves, M. F. (orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 1.^a edição brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LIRA, Solange de Azambuja. O sujeito pronominal no português falado e escrito. **Ilha do Desterro**, Florianópolis: UFSC, n.º 20, 1988, p.31 - 43.
- LOBATO, Lúcia; LEMLE, Miriam, BORTONI-RICARDO, Stella M. et al. **Tempo brasileiro 78/79: sociolingüística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro, 1984.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 3.^a ed. Porto Alegre: Globo, 1979.
- LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1995.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MENON, Odete Pereira da Silva. **Português: língua de sujeito nulo?** Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador, 1994.
- _____. O sistema pronominal do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 44, 1995a, p. 91 - 106.
- _____. **A gente, eu, nós : sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil?** Comunicação apresentada no II Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita. UFAL, Maceió, 20 a 24 de novembro. 1995b (no prelo).
- _____. **Uso dos pronomes sujeito de 1.^a pessoa: uma análise sociolingüística**. Tese apresentada ao concurso para Professor Titular de Lingüística. Curitiba, 1996.

- MOLLICA Maria Cecília (org.). **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: EUFC, 1994.
- NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In MOLLICA, Maria Cecília (org.) . **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 17 - 25.
- NICOLAU, Eunice Maria das Dores. **As propriedades de sujeito nulo e ordem V-S no português brasileiro**. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 1995.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo. In TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989, p. 51 - 63.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. Algumas notas sobre o conceito de variável linguística e sua dimensão nas descrições gramaticais. **Boletim da Abralín**, n.º 8, 1986, p.87 - 95.
- OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de. Apresentação. In OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (orgs.). **Sexo – uma variável produtiva**. Vol. 4, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1995, p. 07.
- OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa no plural. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.185 - 215.
- _____. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 311 - 323.
- PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal. **Boletim da Abralín**, n.º 11, 1991a, p. 83 - 96.
- _____. Por trás das frequências. **Organon**. Porto Alegre, n.º 18, 1991b, p.23-36.
- PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 3.ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- POSSENTI, Sírio. Uma variante é variante de quê? **Boletim da Abralín**, n.º 8, 1986, p. 107- 117.
- PRADELINO ROSA. **A estrutura linguística do diálogo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Edições da Faculdade de Filosofia, 1970.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticaes ou nova grammatica portuguesa**. 6.^a ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

_____. **Estudos gramaticais e filológicos**. 4.^a ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

ROBERTS, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In ROBERTS e KATO (orgs.). **Português brasileiro. Uma viagem diacrônica**. Campinas: Edunicamp, 1993, p.409 - 425.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática: teoria e prática**. 8.^a ed. São Paulo: Atual, 1986.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6.^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

_____. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 8.^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Faculdade de Letras / Departamento de Linguística e Filologia / Programa de estudos sobre o uso da língua (PEUL), 1992; Universidade de Brasília / Instituto de Letras / Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, 1993.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2.^a ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. (org.) . **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. **Organon**, Porto Alegre, n.º 18, 1991, p. 11 - 22.

_____. **Tempos lingüísticos**. 2.^a ed. São Paulo: Ática, 1994.

VÄÄNÄNEN, Veikko. **Introducción al latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Yakov (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin, 1968, p. 95 - 195.